Agrupamento de Escolas Abade de Baçal - Bragança
Maio 2017 |
Ano XXVII- Nº 54
www.outrapresenca.com

OP outra Presença



Anaísa Moreira frequenta o nono ano e é uma presença habitual nos Concursos de Leitura orgaizados pelas Bibliotecas. Pelo segundo ano consecutivo tem a honra de representar o distrito na final nacional.E o distrito está com ela.

destaque 26

Quem tem medo de Henri Porta?



Bragança no centro da Investigação

Isabel Ferreira conta ao Outra Presença o seu percurso enquanto investigadora, apresenta a sua perceção sobre ciência, explica como o Centro de Investigação de Montanha se projetou e revela o modo como este como poderá encabeçar um projeto nacional

emdireto, 12



Erasmus+ - os fantásticos dias em que a Escola se abriu e mudou

encontros, 10



Editorial

5 anos crescimento, esforço e (in)satisfação

Guilherme António Moreira
(clube de jornalismo 2012-2017)

Creio que sob uma perspetiva científica, a vida é uma equação com constantes, variáveis e incógnitas.

Quando em 2012 me infiltrei no Outra Presença procurava satisfazer todas as ideias preconcebidas elementares: entrevistar atores, artistas, investigadores, filantropos. Estava no oitavo ano, perfeitamente compreensível. Foi, portanto, também compreensível a discrepância entre o que julgaria fazer e o que realmente aconteceu. Infelizmente, nesse ano, não tive oportunidade de praticar "os meus dotes de entrevistador". Em contrapartida, contribuí nos suplementos. Ao reler o texto "Uma segunda opinião" que escrevi há cinco anos sinto um sabor nostálgico daquele jovem que tanto se interessava por tecnologia e que acabava por desprezar as línguas. É neste desprezo que a constante "segunda opinião" ainda hoje intervém nos longos processos de revisão de artigos – a professora Luísa Lopes.

Pertencer desde cedo a este projeto permitiu-me dissecar o jornal e conhecer cada um dos seus órgãos: o ecossistema associado ao planeamento e distribuição de trabalhos, a azáfama na preparação de entrevistas e longas horas passadas na transcrição destas (acabei por concretizar este sonho nos anos seguintes). Tive a oportunidade de me envolver, também, na parte técnica de que tanto gosto – a paginação, o design e a instalação e manutenção do site. Propus alterações, assisti ao sucesso de algumas medidas e ao fracasso de outras. Errei. Evoluí.

Em retrospetiva, destaco a edição comemorativa de 25 anos. Foi uma edição atribulada e multidisciplinar, na qual gostaria de salientar o suplemento atualíssimo sobre a coexistência do jornalismo, liberdade de expressão e o humor, a cobertura do plast&cine, o questionário a ex-alunos da escola que prosperaram no estrangeiro (considero este particularmente pertinente dada a conjetura económica do país atual) e as longas entrevistas - ao Pedro Abrunhosa ao Grupo de Teatro Garagem e à arquiteta entusiasta Joana Gonçalves. Tudo isto possibilitou o desenvolvimento de competências linguísticas e sociais que me diferenciarão no futuro profissional e que, acima de tudo, me tornaram um individuo mais altruísta e trabalhador.

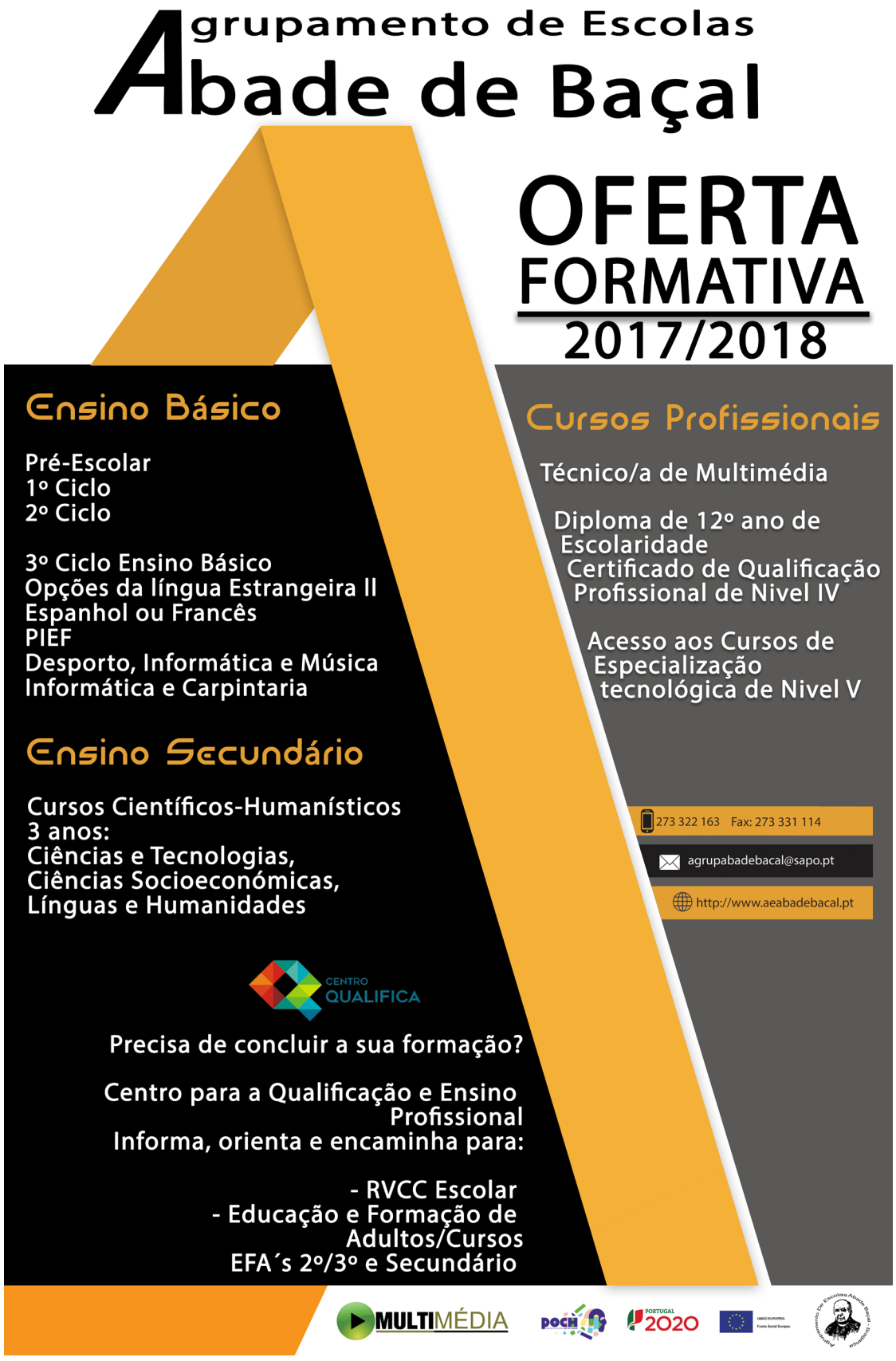
Principalmente nos últimos anos, consciencializei-me da quantidade de trabalho envolvida na revisão, paginação e grafismo. Esta demanda pelo perfecionismo exige a diluição das fronteiras horárias por parte da coordenadora de modo a levar o projeto a bom porto. Tudo isto, por vezes, culmina em episódios com uma pitada de humor negro, como quando me contou que tinha visto a gafe dos óscares em direto… enquanto encerrava a edição de fevereiro. No entanto, é a satisfação ao receber o jornal, cheirar a tinta fresca, folheá-lo, constatar o que fizemos e aquilo que poderíamos melhorar que nos motiva a progredir e produzir mais uma edição.

Simultaneamente, ao longo desta odisseia tive uma visão privilegiada sobre a efemeridade da equipa. Vi muitos rostos entusiasmados por entrarem no projeto. Vi alguns que não se enquadraram e saíram. Vi, também, estudantes a partirem rumo ao desconhecido acompanhados por um sentimento de missão cumprida após o término do secundário. E, agora, vejo a equipa reduzida a oito elementos, estando cinco destes no último ano de secundário.

Este é o momento, o fim de um ciclo. Resta-me crescer. Parto em direção à vida adulta sentimento de dever cumprido e a Presença eterna deste projeto na modelação da minha existência. Mas também, com incógnitas. Quanto tempo sobrevirá? Este é o vosso jornal. Assegurem a sua Presença.

Um jornal tem gente dentro, antes durante e após a publicação. Os jovens que integram o clube ficam, por vezes, ocultos neste processo. Por isso, cada edição deve mostrá-los. A eles se deve a continuidade deste projeto tal como o concebo. Desejo a todos, e em particular aos finalistas, por este motivo e pelos bons momentos vividos no Clube de Jornalismo, muitas felicidades. Forte abraço.

Luísa Diz Lopes



Clube de Jornalismo



Membros do Clube de Jornalismo 2016-2017 (da esquerda para a direita): Maria Manuel Gorgueira - Bruno Gomes - João Gil Gonçalves - Matilde de Barros - Luísa Diz Lopes - Mariana Magalhães - Aníbal Fernandes - Pedro Venâncio - Guilherme Moreira

Ficha Técnica
Edição e propriedade do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal - Bragança
Tel. - 273322163/273322462;
email - outrapresenca@gmail.com;
edição digital-www.outrapresenca.com;

Coordenação - Luísa Diz Lopes - Redacção - Clube de Jornalismo .Autor do Logótipo - Rui Garcia .Grafismo e Fotografia - Clube de Jornalismo, Cursos Profissionais de

Multimédia- Edição e paginação - Clube de Jornalismo, Luísa Diz Lopes . Revisão - Clube de Jornalismo
Projectos em Interacção - Biblioteca/CRE;

Desporto Escolar; Grupo de Saúde Escolar.
Colaboradores: alunos e professores do agrupamento, ex-alunos (identificados nos textos)

Impressão - Diário do Minho
Tiragem - 1000 exemplares

Competições nacionais de Ciência PMATE





Decorreu no dia 8 de março a primeira fase das competições nacionais do projeto PMate em colaboração com a Universidade de Aveiro. O Departamento de Matemática da nossa escola, assumiu mais uma vez a responsabilidade de dinamizar esta atividade. Inscreveram-se nas várias competições: Diz3(3º e 4º ano); Diz+(5º e 6ano); EQUAmat(7ºao12ºano) e fisq (9ºano) cerca de 566 alunos. Participaram as escolas: Abade Baçal, Augusto Moreno, Escola Santa Clara, Escola Secundária Miguel Torga, Escola Básica e Secundária de Alfandega da Fé e Agrupamento de Escolas de Macedo de Cavaleiros. As provas decorreram das 8h30min às 17h15min com normalidade.

Paula Rodrigues

Os nossos alunos obtiveram os seguintes resultados a nível nacional:

Na prova Diz3(3º e 4ºano), posições 27, 30 e 65 de 858 equipas, as equipas: Afonso Encarnação Frutuoso/Luís Murça Domingues; Afonso Gabriel Pires Costa/Mariana Miguel dos Santos e Carlos Sousa Alves Lourença Casimiro da Costa/Pedro Pereira Neto.

Na prova Diz+(5º), posições 23, 38 e 48 de 770 equipas, as equipas: Tiago Trindade Simões / João Manuel Andrade Fernandes; Eduarda Leopoldo Cunha / Ana Beatriz Machado Pires e João Norberto Martins Henriques / Diogo Fevereiro da Costa.

Na prova Diz+(6º), posições 27, 32 e 42 de 738 equipas, as equipas: Marta Luís A. Pires / Gabriela Figueiredo Salgado; Matilde da Conceição Falcão / Mariana Fernandes Delgado e Rafael da Cunha Dias Parada / João Pedro Antão Venâncio.

Na prova EQUAmat de 7º ano as posições 18, 21 e 47 de 643 equipas, as equipas: Sofia Maria Afonso Correia / Beatriz Vicente Pires; Tomás Bruçó Paulo / Rui Filipe Samões Anes e Maria Manuel Baptista Fernandes Gomes da Costa / Ana Fernandes Vicente.

Na prova EQUAmat de 8ºano as posições 50,72 e 108 de 594 equipas, as equipas: Vanessa Rosália Soares Lemos / Maria Beatriz Diz Silva; André Fontes / Paulo Rafael Rodrigues e Raquel Alexandra Morais Domingues / Marta Sofia Ventura Marques.

Na prova EQUAmat de 9ºano as posições 10, 21 e 34 de 572 equipas, as equipas: Francisco João Preto / Beatriz Ester Marques Preto; José Miguel de Barros Neves / Diogo Pereira Teixeira e Inês Isabel dos Santos Lopes / Anaisa Fernandes Moreira.

Na prova EQUAmat de 10ºano as posições 19, 28 e 32 de 210 equipas, as equipas: Daniela Domingas Benites Fernandes / Ana Cassilda Pires Ferreira; Gonçalo Miguel Fernandes Pires / Bodhan Malanka e Diogo Fernandes / Ana Raquel Fonseca Paradinha.

Na prova EQUAmat de 11ºano as posições 13, 37 e 38 de 139 equipas, as equipas: João Pedro Neves / Ana Carolina Esteves leal Miranda; Mariana dos Santos Salazar / Catarina Sofia Rodrigues Fernandes e Pedro Miguel Ramires Rodrigues / Marlene Sofia Diz Martins.

Na prova EQUAmat de 12ºano as posições 3, 14 e 28 de 159 equipas, as equipas: Margarida Sofia Garcia Pinto Gomes Praça / Guilherme António Cardoso Moreira; Joana Sofia Pinto de Jesus / Inês Rodrigues Freitas e João Gil / João Dias.

A segunda fase decorreu nos dias 8 (1º e 2ºciclo), 9 (3ºciclo) e 10(secundário) de maio na Universidade de Aveiro.

Os nossos alunos obtiveram os seguintes resultados a nível nacional:

Na prova Diz3(3º e 4ºano), posição 45 de 408 equipas, a equipa: Carlos Sousa Alves Lourença Casimiro da Costa/Pedro Pereira Neto.

Na prova Diz+(5º), a posição 65 de 480 equipas, a equipa: Eduarda Leopoldo Cunha / Ana Beatriz Machado Pires.

Na prova Diz+(6º), a posição 34 de 520 equipas, a equipa: Daniel Pereira/ Andreia Esteves.

Na prova EQUAmat de 7º ano a posição 55 de 575 equipas, a equipa: Maria Manuel Baptista Fernandes Gomes da Costa / Ana Fernandes Vicente.

Na prova EQUAmat de 8ºano a posição 352 de 539 equipas, a equipa: Soraia Silva/ Maria Beatriz Coelho.

Na prova EQUAmat de 9ºano a posição 98 de 597 equipas, a equipa: Inês Isabel dos Santos Lopes / Anaisa Fernandes Moreira.

Na prova EQUAmat de 10ºano a posição 85 de 295 equipas, a equipa: Gonçalo Miguel Fernandes Pires / Bodhan Malanka.

Na prova EQUAmat de 11ºano a posição 14 de 195 equipas, a equipa: João Pedro Neves/Ana Carolina Miranda.

Na prova EQUAmat de 12ºano a posição 51 de 230 equipas, a equipa: Joana Sofia Pinto de Jesus / Inês Rodrigues Freitas.

O departamento agradece o empenho de todos os que possibilitaram aos alunos do nosso agrupamento a participação nesta atividade e felicita os nossos alunos pelo seu envolvimento e pelos resultados obtidos nas várias provas.

Canguru Matemático 2017

A Associação Canguru sem Fronteiras é uma associação de carácter internacional que reúne personalidades do mundo da matemática de 55 países. O Concurso Canguru Matemático sem Fronteiras tem lugar em todos os países participantes. O Concurso é para todos os alunos dos ensinos básico e secundário.

José Alberto Vieira

Os objetivos são estimular o gosto e o estudo pela Matemática, atrair os alunos que têm receio da disciplina de Matemática, permitindo que estes descubram o lado lúdico da disciplina, tentar que os alunos se divirtam a resolver questões matemáticas e percebam que conseguir resolver os problemas propostos é uma conquista pessoal muito recompensadora e aumentar todos os anos o número de participantes no concurso a nível nacional tentando atingir as cotas de participação de outros países.

Um pouco de história

Peter O'Holloran, professor de matemática em Sydney, Austrália, inventou um novo tipo de Concurso Nacional no início dos anos 80. Este concurso foi um enorme sucesso. Em 1991, dois professores franceses (André Deledicq e Jean Pierre Boudine) decidiram iniciar a competição em França com o nome Canguru ("Kangourou") para prestar homenagem aos seus colegas australianos. Na primeira edição, participaram 120 000 estudantes. Em junho de 1993, sete países decidiram adoptar o mesmo concurso. Em junho de 1994, em Estrasburgo, no Conselho Europeu, a Assembleia Geral dos representantes de 10 países europeus (Espanha, França, Grã-Bretanha, Hungria, Itália, Moldávia, Polónia, Rússia e Eslovénia) decidiram a criação do "Canguru Matemático sem Fronteiras". Atualmente, a associação conta com representantes de 55 países e mais de 6 milhões de participantes em todo o mundo. Portugal participou pela primeira vez em 2005.

O concurso consiste numa única prova. Existem 8 Categorias: Mini-Escolar nível I (2.º ano de escolaridade), Mini-Escolar nível II (3.º ano de escolaridade), Mini-Escolar nível III (4.º ano de escolaridade), Escolar (5.º e 6.º anos de escolaridade), Benjamim (7.º e 8.º anos de escolaridade), Cadete (9.º ano de escolaridade), Júnior (10.º e 11.º anos de escolaridade) e Estudante (12.º ano de escolaridade). A prova consiste num questionário de escolha múltipla de várias questões de dificuldade crescente.

Nas provas de 2017 as escolas do Agrupamento Abade de Baçal tiveram uma elevada participação. Realizaram as provas 247 alunos, assim distribuídos pelas categorias:

Mini-Escolar nível I – 51, Mini-Escolar nível II – 37, Mini-Escolar nível III – 50, Escolar –33, Benjamim – 45, Cadete – 12, Júnior – 18 e Estudante.

Os alunos que obtiveram melhores resultados foram:

Categoria Mini-Escolar nível I – Guilherme Veiga Alexandre

Categoria Mini-Escolar nível II – Maria Clara Vara Fernandes

Categoria Mini-Escolar nível III – Inês Azevedo Melgo

Categoria Escolar –José Alexandre da Costa Pereira

Categoria Benjamim – Andreia do Carmo Figueiredo Teixeira

Categoria Cadete – Guilherme Filipe Frutuoso Teixeira

Categoria Júnior – Tiago Andrés Cerqueiro

Categoria Estudante – Adriano João Nogueiro Ortega

A estes alunos e a todos os que realizaram as provas, os professores envolvidos na organização agradecem e dão os parabéns pelos resultados alcançados.

Visita à Escola Superior de Saúde

Determinação dos grupos sanguíneos

No âmbito da disciplina de Biologia e acompanhados pela professora Sónia Rodrigues, no dia onze de março de 2017, os alunos das turmas do 12ºA e B, dirigiram-se à Escola Superior de Saúde de Bragança, com finalidade de determinar o grupo sanguíneo de cada aluno, conteúdo integrado no programa da disciplina, tendo sido, também, sensibilizados para a dádiva de sangue. A visita decorreu sob a orientação do professor António Nogueira, licenciado em Análises Clínicas, tendo estado envolvido o Centro de Ciência Viva na sua organização que, neste dia, esteve representado pela Engª Clotilde Nogueira. Relativamente à dádiva de sangue foram esclarecidas dúvidas e partilhadas informações úteis, sobre os procedimentos e as condições necessárias à prática deste ato solidário e benéfico à sociedade.

Andreia Cordeiro, Sara Gonçalves - 12ºA







Após uma breve introdução/ reforço dos conteúdos abordados em contexto sala de aula, sobre a existência de diferentes grupos sanguíneos e da importância da sua determinação para situações de transfusões sanguíneas, passou-se ao momento que aguardavamos com bastante entusiasmo e curiosidade - a determinação do grupo sanguíneo de alunos que o desconheciam. Este procedimento requer alguns cuidados, condições e materiais descartáveis para evitar qualquer contacto entre sangue. Para o efeito, o professor retirou, após uma pequena picada no dedo, três gotas de sangue que colocou em diferentes lâminas: numa delas aplicou gotas de soro anti-A e numa segunda anti-B, com a finalidade de determinar o sistema ABO e, na mesma placa, mas em locais diferentes colocou outra gota contendo soro anti-D, com o objetivo de observar o fator Rh (Sistema Rhesus, outro grupo de sangue diferente). A metologia permitiu, assim, determinar o tipo de sangue pelo processo de aglutinação visível a olho nú .

Sucintamente, indivíduos que apresentem antigénios do tipo A na membrana das suas hemácias, apresentam aglutininas Anti B no plasma, por não as reconhecerem, umas vez que não as apresentam nas suas membranas e têm de apresentar mecanismos de defesa para se defender das mesmas.Portanto, caso um indivíduo (recetor) cujo sangue é do tipo A receba sangue do tipo B (indivíduo dador), o indivíduo recetor, desencadeará uma reação de aglutinação dos antigénios do tipo B pelas aglutininas do tipo B, do indivíduo do tipo A.

Por sua vez, um indivíduo que apresente antigénios do tipo B na membrana das suas hemácias, apresentam aglutininas Anti A no plasma, por não as reconhecerem, umas vez que não as apresentam nas suas membranas e têm de apresentar mecanismos de defesa para se defender das mesmas.Portanto, caso um indivíduo (recetor) cujo sangue é do tipo B receba sangue do tipo A (indivíduo dador), o indivíduo recetor, desencadeará uma reação de aglutinação dos antigénios do tipo B pelas aglutininas do tipo A, do indivíduo do tipo A.

Indivíduos do grupo sanguíneoAB apresentam aglutinogénios do tipo A e B e não podem apresentar aglutininas anti A e B, no plasma sanguíneo e assim, sendo, este grupo sanguíneo poderá receber qualquer tipo de sangue.

Finalmente, indivíduos do grupo O não apresentam aglutinogénios nas suas hemácias, apresentando aglutininas Anti A e Anti B no seu plama.

Se adicionarmos/misturarmos sangue do tipo A com algutininas anti A, ou sangue do tipo B com algutininas anti B, ocorre uma reação de aglutinação que, tratando-se de transfusões nos animais podem levar à sua morte.

Considerando o referido, e aplicando esses conhecimentos, os alunos ao realizarem o teste procuravam imediamante inferir sobre o seu grupo sangúneo, baseando-se na presença ou ausência de aglutininas Por exemplo, no caso de o sangue coagular com o soro anti-A o indivíduo será do tipo sanguíneo B e vice versa , já na situação de aglutinar com o soro anti-A e anti-B o indivíduo será do tipo sanguíneo O, e finalmente se não aglutinar nenhum dos soros é do tipo sanguíneo AB, isto para o sistema ABO. Por último, relativamente ao fator Rh ,se o sangue aglutinar com o soro anti-D o sangue é "Rh positivo" senão se constatar essa reação é " Rh negativo".

Quando se procedeu à determinaçãodos grupos sanguíneos o envolvimento foi tanto que todos os alunos que desconheciam o seu grupo sanguíneo, optaram pela sua determinação.

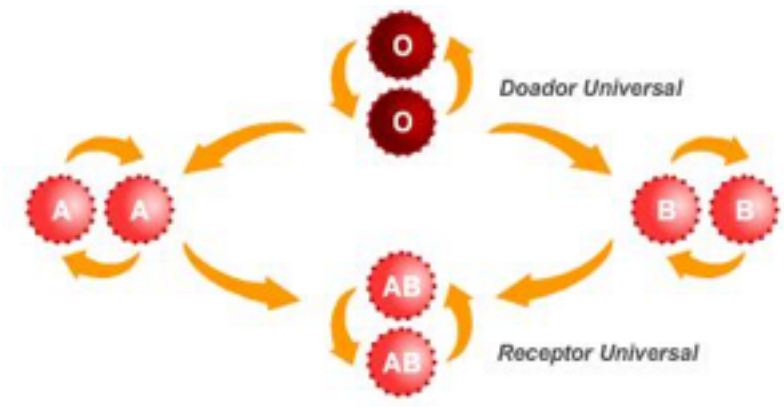
-No final da atividade constatou-se que o tipo sanguíneo predominante na turma é ORh+,uma vez que apresentava uma percentagem de 44% , pois relativamente aos restantes grupos sanguíneos 22% eram do tipo BRh+ ,12 % ARh+, e finalmente 11% do tipo ORh- e ABRh+.

Em suma, esta atividade laboratorial proporcionou um maior dinamismo à disciplina,viabilizou um maior conhecimento acerca deste tema, e oportunizou aos alunos informações utéis e pessoais de carácter relevante. Feitos os agradecimentos aos intervenientes desta atividade, consideramos que esta visita apenas nos proporcionou aspetos positivos.

No que diz respeito às transfusões sanguíneas, apresenta-se este esquema informativo que, sumariamente, indica que tipo de sangue, relativamente ao sistema ABO, os recetores de sangue podem receber, tendo em conta o seu grupo sanguíneo

Através deste esquema podemos concluir que, como o indivíduo AB não possui aglutininas Anti A e Anti B, ele só pode doar a um indivíduo do seu tipo de sangue, porém, pode receber sangue de todos os tipos, designando-se recetor universal.

O indivíduo do tipo O, que não possui aglutinogénios, só pode receber sangue do tipo O, porém, pode doar a todos os tipos de sangue, sendo designado doador universal.



saRA
Unir o virtual e o real na sala de aula

A Fundação Montepio tem vindo a promover anualmente, e desde 2009, o Prémio escolar Montepio, com o objetivo de contribuir para o aumento da qualidade do ensino em Portugal e reconhecer o esforço realizado pelas escolas, ao nível da inovação e qualidade dos projetos educativos e da melhoria dos resultados escolares.

António Luís Ramos
12ºB

Este ano, na oitava edição deste galardão, o nosso Agrupamento foi um dos cinco vencedores, com o projeto "saRA – Unindo o virtual e o real na sala de aula". A qualidade do projeto foi recompensada com um prémio, no valor unitário de 6.000 euros, que será utilizado para a concretização do projeto, nomeadamente na aquisição de equipamento e formação de docentes.

Com o projeto "saRA", pretendemos criar no nosso Agrupamento uma sala de aula inovadora, onde os professores e alunos poderão utilizar e construir recursos de realidade aumentada para explorar alguns conteúdos. Esta sala de aula (ver planta ao lado) será constituída por três áreas: i) exploração/apresentação; ii) discussão/planificação; iii) construção/criação. Na primeira área, os professores, com recurso a software próprio, a um computador portátil, uma webcam e marcadores (fig. 1), poderão utilizar alguns recursos de realidade aumentada para explorar alguns conteúdos. Como exemplo:

Matemática – Multiplicação – utilizando múltiplos marcadores para manipular os números e fazer com que o aluno combine números e sinais (+ - X /) e consiga chegar a resultados;

Estudo do meio – Sistema Solar – Projeto de um sistema solar onde o aluno possa explorar informações de todos os planetas e motivar-se com um sistema inteiro na palma de suas mãos; para explorar alguns conteúdos. Como exemplo:

Matemática – Multiplicação – utilizando múltiplos marcadores para manipular os números e fazer com que o aluno combine números e sinais (+ - X /) e consiga chegar a resultados;

Estudo do meio – Sistema Solar – Projeto de um sistema solar onde o aluno possa explorar informações de todos os planetas e motivar-se com um sistema inteiro na palma de suas mãos;

Os alunos farão a preparação e planificação destas atividades na área de discussão/planificação.

Para tornar esta sala ainda mais motivadora, terá um mobiliário adequado a cada área e à faixa etária a que se dedica, nomeadamente com sofás puf e mesas para trabalho em grupo.

Com o equipamento que estará disponível nesta sala do projeto será, ainda, possível construir "auras", ou seja, objetos de realidade aumentada que complementam a realidade física (fig. 4).

Assim, os alunos poderão, por exemplo, apontar o tablet para uma árvore e obter, no dispositivo, informação adicional sobre ela. O mesmo poderá acontecer com um monumento ou um outro objeto, bastando, para isso, utilizar o tablet.

Para rentabilizar todo o equipamento, o Agrupamento estabeleceu um protocolo com a Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Bragança. Esta instituição, para além de fazer a avaliação externa do projeto, será um parceiro importante, nomeadamente no apoio técnico e na dinamização de formação para docentes na área da produção de objetos 3D e realidade aumentada.

Com este projeto, pretendemos que os alunos desenvolvam e demonstrem as seguintes competências/objetivos:

a) Desenvolver nos alunos competências para o século XXI;

b) Desenvolver competências em novas tecnologias, explorando as possibilidades da Realidade Aumentada.

c) Melhorar o processo de ensino e aprendizagem dentro e fora da sala de aula, tornando a aprendizagem uma experiência fácil, envolvente e inovadora;

d) Ajudar o aluno a pesquisar e manipular informação de forma criativa, colaborativa e empenhada;

e) Transformar o aluno de consumidor a produtor de conteúdos;

Grupo alvo

Este projeto terá como grupo alvo os alunos do 1.º ciclo, distribuídos da seguinte forma: 1.º ano – 57 alunos; 2.º ano – 72 alunos; 3.º ano – 46 alunos; 4.º ano – 60 alunos.

A estes alunos, pretendemos proporcionar experiências em Realidade Aumentada, construindo uma aprendizagem visual e mais motivante, que aumentem o sucesso educativo destes alunos.

A sala de aula tornou-se num ambiente dinâmico. Apenas o quadro e o giz não são suficientes para despertar a atenção do aluno que cresceu num mundo cada vez mais interligado e com meios tecnológicos que eram considerados ficção científica há menos de uma década.

Aos professores pretende-se disponibilizar um espaço e recursos que possam ser utilizados e adaptados no desenvolvimento de aulas mais interativas e atrativas, contribuindo de forma mais eficiente para o processo de formação dos alunos.

Atualmente, o projeto encontra-se na primeira fase, ou seja, a aquisição de recursos materiais (puffs, tablets e software), e adaptação física da sala (sala 15 da escola Augusto Moreno) ao projeto



Fig.1 - Fig.1 - Exemplo de marcador para trabalhar com a Realidade Aumentada



Fig. 2 - Fig. 2 – O sistema solar em realidade aumentada

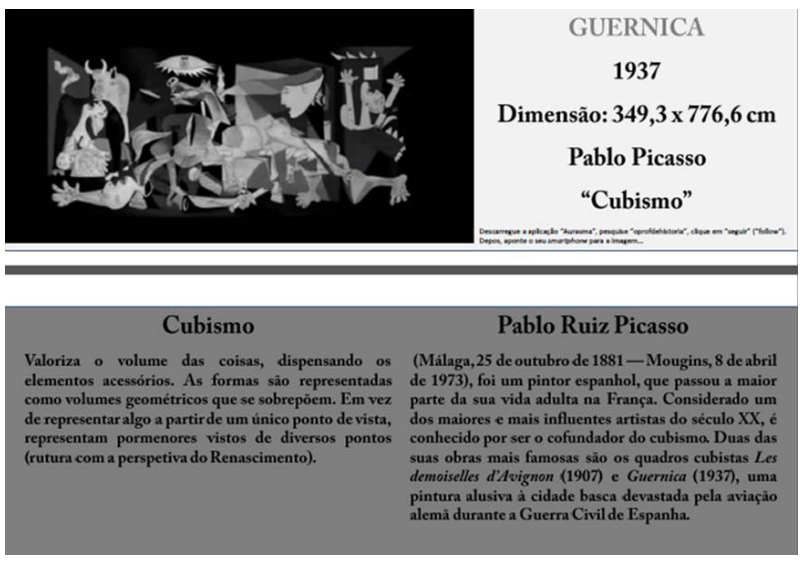


Fig.3 - Fig. 3 – Exemplo de um recurso de realidade virtual criado pelos alunos do Agrupamento

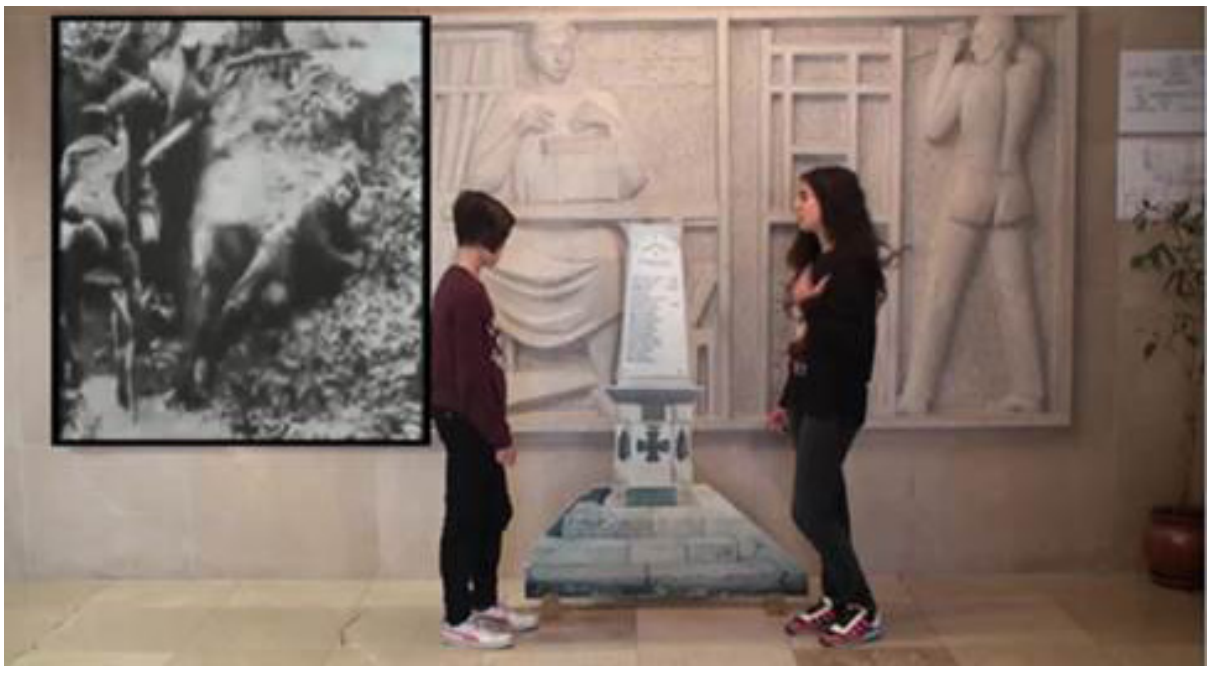
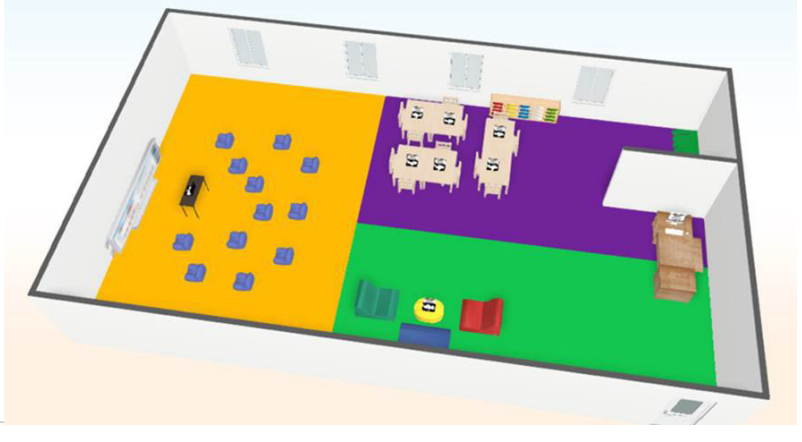


Fig.4 - Fig. 4 – Realidade aumentada na entrada do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal



Festividades em Espanhol

Claudia Nunes e Carina Lopes

Dias em Espanhol

"El día de los Enamorados"

O dia 14 de fevereiro é conhecido como o Dia dos Namorados, mas é (também) denominado por Dia de São Valentim.

Comercialmente, passou a ser um dia bem-sucedido, sobretudo para quem vende chocolates, perfumes, flores, ou serve almoços e jantares. Mas, na verdade, a data torna-se especial por-que, para além de celebrar uniões amorosas entre casais e namorados, é um dia de demonstrar afeição entre amigos. Nessa sequência, a troca de palavras e cartões com a figura de coração passou a ser um costume.

Assim numa tentativa de proporcionar uma época tipicamente romântica e de amizade, o gru-po de Espanhol, brindou também a comunidade educativa com uma esferográfica em forma de coração.

Os alunos tiveram também a oportunidade de trocar de poemas, cartas e frases alusivas ao São Valentim. Assim foi colocado em marco do correio, na papelaria, onde os alunos coloca-ram as respetivas mensagens, que foram distribuídas posteriormente.

"Semana de las Lenguas"

No âmbito das comemorações da semana das línguas, o departamento de línguas estrangeiras desenvolveu um conjunto de atividades que pretenderam chamar a atenção dos alunos, e da comunidade escolar em geral, para a importância de aprender línguas, bem como promover a sua articulação com a escrita, a leitura e a fala nas línguas lecionadas no Agrupamento.

Assim o grupo de Espanhol, em colaboração com os alunos, "también puso su granito de arena".

Ao som de música, em língua espanhola, realizou-se uma exposição sobre a cultura do mundo hispano.

A comunidade educativa teve, também, a oportunidade de apreciar e degustar um pouco da gastronomia do país vizinho, nomeadamente: Paella, crema catalana, tortilla, empanadas, tapas diversas e sangria.

O objetivo das atividades dinamizadas contribuíram para motivar os alunos para o estudo da Língua e Cultura Espanholas, bem como permitir que estes aprofundem os seus conhecimentos e apreciem a diversidade cultural de Espanha e dos países de língua espanhola.

Como nos diz Leonard Orban, membro da Comissão Europeia responsável pelo Multilin-guismo, "cada uma das (...) línguas é uma riqueza para a comunidade no seu todo".





Viaje a Madrid

Nos dias 29, 30 de abril e 1 de maio, 54 alunos que frequentam a disciplina de Espanhol - do 7º ao 11º ano de escolaridade - acompanhados por 5 professores participaram numa visita de estudo à cidade de Madrid, atividade inserida no plano anual de atividades do grupo disciplinar de Espanhol.

A ânsia e curiosidade eram enormes e o programa da visita assaz ambicioso. A meteorologia não propiciou as melhores condições, mas todos os participantes puderam desfrutar da movi-da e belezas madrilenas: a cultura, a arquitetura, os espaços verdes, a diversão, o frenesim citadino. Foram três dias de intensas aprendizagens formais e informais!

O primeiro dia de visita foi dominado pelos incontornáveis da capital espanhola: Palácio Real, Catedral de Almudena, Plaza Mayor, Puerta del Sol, Gran Vía, Plaza de Cibeles. O fim do dia, ficou guardada a visita ao Centro de Arte Reina Sofía onde os alunos puderam admirar, entre outros, o célebre quadro de Picasso, "Guernica" e uma bela coleção de obras de arte de Dali.

No segundo dia da visita, os alunos experimentaram sensações de grande adrenalina e muita diversão no parque de atrações Warner, onde puderam desfrutar das montanhas russas, espe-táculos, atrações aquáticas e animação de rua.

O último dia de visita ficou marcado pela visita ao estádio Santiago Bernabéu e ao museu de cera.

Apesar de a chuva não nos ter dado tréguas, esta visita ficará com certeza guardado nas memórias de todos!





Dia del libro

"El día del Libro"

No dia 23 de abril celebrou-se o Dia Mundial do Livro e dos Direitos de Autor.

O grupo de Espanhol não podia deixar de assinalar esta efemeridade e organizou uma exposi-ção relacionada com a temática e ofereceu à comunidade educativa imanes e flores de madeira, construídas pelos alunos das turmas Pief.

A data, comemorada anualmente, tem como objetivo reconhecer a importância e a utilidade dos livros, assim como incentivar hábitos de leitura na população, pois os livros são um im-portante meio de transmissão de cultura e informação, e elemento fundamental no processo educativo.

As ondas do nosso contentamento

Pelas 7 horas da manhã do dia 22 de abril, os alunos do 11º ano das turmas A, A1 e B reuniram-se em frente à Escola Secundária Abade de Baçal e partiram rumo à cidade do Porto.

Ana Luís Afonso e Inês Quarteu
11ºB

Apesar do cansaço que pairava na atmosfera, a viagem de autocarro foi bastante animada, havendo convívio entre todos os elementos de cada turma. Chegados ao Porto, dirigimo-nos logo para a Torre dos Clérigos. Este edifício de 76 metros que se ergue sobre a localidade foi renovado à relativamente pouco tempo e é um dos monumentos mais emblemáticos da cidade. Após subirmos os 240 degraus da torre, conseguimos perceber o porquê deste estatuto quando nos deparamos com a magnífica vista panorâmica da cidade invicta. De seguida, foi-nos dada a liberdade para explorar o centro da cidade, sendo que os locais de eleição foram a Estação de S. Bento, a Avenida dos Aliados, a Livraria Lello, a Rua Santa Catarina, o Hard Rock Café, entre outros. Já depois de almoço, encontramo-nos todos novamente, professores e alunos, e seguimos para uma visita guiada no Palácio da Bolsa. Aí, ficamos deslumbrados com a grandiosidade do local, nomeadamente com o Salão Árabe e o Pátio das Nações. Finalmente, depois de um dia tão cansativo, dirigimo-nos para a Pousada da Juventude do Porto, onde pudemos partilhar mais momentos de convívio e recuperar forças.

A manhã do dia 23 foi, sem sombra de dúvida, a parte da viagem que mais nos marcou. Tivemos a oportunidade de frequentar uma aula de surf. Apesar das quedas e dos mergulhos indesejados na água fria da praia de Matosinhos, a experiência foi inesquecível e ficamos com o desejo de um dia repetir. À tarde, passeamos pelos calmos Jardins de Serralves e, depois de uma paragem no Norte Shopping, fizemos a viagem de regresso para Bragança.

Agora, terminada a viagem e de regresso a casa, recordamos cada momento e tudo aquilo que aprendemos ao longo destes dois dias. Queremos deixar um agradecimento especial aos professores Paulo Pires, Teresa Nunes e Ana Ramalho, por se terem disponibilizado para nos acompanhar e terem feito desta uma viagem um pouco mais memorável.





Na Ribeira, no Salão Nobre do Palácio da Bolsa e na praia de Matosinhos, onde decorreu a aula de surf.





Visita ao Parque aquícola de Castrelos

Nos dias 21 e 22 de março assinalam-se, respetivamente, o dia mundial da floresta e da água.

Nesse sentido, no dia 21 de março, no âmbito da disciplina de Ciências Naturais, em parceria com o Centro de Ciência Viva, representado pela Engª Clotilde Nogueira, que assegurou a preparação da visita, a turma do 8º ano, turma C, acompanhada pela professora Sónia Rodrigues, e os alunos de Erasmus + e respetivos professores, realizaram uma atividade relacionada com os referidos dias, ao posto aquícola de Castrelos, tendo sido a visita orientada pelo investigador Amílcar Teixeira e o Senhor Fernando Miranda, com formação em Educação Ambiental.

Sónia Rodrigues
Alunos do 8ºC

A atividade subordinada ao tema "Proteção e Conservação da Natureza" surge da necessidade de alertar a população para o impacto negativo da população humana sobre os diferentes subsistemas do planeta, nomeadamente da biosfera e hidrosfera.

Cada vez mais é necessária a proteção do ambiente a redução da pegada ecológica (quantidade de solo e água, medida em hectares, que seria necessária para sustentar as gerações atuais, tendo em conta todos os recursos materiais e energéticos, gastos por uma determinada população) para um aumento da qualidade de vida, tanto no presente como para as gerações futuras, contribuindo para um desenvolvimento sustentável dos recursos naturais como os recursos hídricos, ou seja, a água e os recursos biológicos que contemplam seres vivos, como algumas espécies que habitam o meio aquático.

Os rios do Nordeste Transmontano têm espécies únicas que são reproduzidas em laboratório para garantir repovoamentos em caso de ameaça maior, nomeadamente devido à pesca desportiva. No posto aquícola de Castrelos, propriedade do ICNF (Instituto de Conservação da Natureza e Florestas), em pleno Parque Natural de Montesinhos, produzem-se espécies para repovoamento dos rios da região e também para a indústria, sendo realizadas técnicas de repovoamento dos rios, desenvolvidas pelo Instituto Politécnico de Bragança em parceria com o ICNF e associações locais e que visam a valorização deste recurso, além da pesca desportiva com um turismo vocacionado para apreciadores da Natureza. A construção de duas grandes barragens na região, a do Tua e, sobretudo a do Sabor, reduziram os habitats naturais de peixes e bivalves nos dois principais rios do distrito de Bragança. Segundo o investigador Amílcar Teixeira, para além daquela que é considerada a rainha das águas frias dos rios transmontanos, a truta, existem nesta região espécies únicas - endemismos ibéricos - que importa manter, conservar neste local, pelo valor em si, mas também pela vantagem de um turismo muito especifico poder trazer pessoas a verem no local a existência dessas espécies, como o bordalo e a panjorca e quatro espécies de bivalves, entre elas um mexilhão conhecido pela eficiência na purificação das águas.

Após uma breve apresentação sobre a construção do parque, a atividade englobou dois momentos, num primeiro foi feita a visita ao parque, acompanhando as diferentes fases de desenvolvimento da truta e num segundo momento foi dinamizada uma ação de sensibilização ambiental.

Inicialmente, neste parque eram desenvolvidas técnicas de repovoamento de trutas no rio Baceiro para que estas pudessem ser pescadas, sendo uma das bases alimentares, na década de 70. Atualmente a venda ao público cessou e os principais objetivos do parque são a produção de trutas para repovoamento dos rios, para concursos de pesca, saindo peixe, quase diariamente para o efeito; para a produção de ovos e sua venda para a indústria e principalmente o trabalho de investigação, em parceria com o instituto de conservação da natureza, visando sobretudo o aumento da diversidade de peixes, como o barbo e a borga, através da reprodução em cativeiro. Durante a visita, orientada pelo investigador Amílcar Teixeira, os alunos tiveram oportunidade de conhecer as fases de desenvolvimento da truta, cujo ciclo de vida decorre entre os meses de novembro e março, preferindo esta espécie, águas frias, que são muito oxigenadas. O seu desenvolvimento, embora em cativeiro, ocorre através da utilização de águas do



rio Baceiro, sendo alimentadas à base de farinhas muito finas e ração feita a partir de farinha de peixe e soja, quando são lançadas ao meio natural, a sua base alimentar são insetos. Todavia, vão deparar-se com predadores e não conhecem estratégias de captura o que pode condicionar a sobrevivência de alguns indivíduos, sendo os seus principais predadores a garça, o melro da água, o guarda-rios e a lontra. Este mamífero tem causado alguns estragos no parque pois saem das margens do rio e por vezes são vistas a alimentarem-se de trutas nos tanques, o que já comprometeu o desenvolvimento de alguns milhares de exemplares. O que fazer? São as relações tróficas entre os indivíduos e os "conservadores da natureza" limitam-se a vedar os tanques de reprodução com fios de pastor para afastar as lontras atrevidas que procuram nestes tanques "autênticos restaurantes".

No final desta visita os alunos tiveram oportunidade de alimentar as trutas de um dos tanques pois estava na hora da sua refeição. Posteriormente, a atividade envolveu uma componente de educação e sensibilização ambiental, dinamizada pelo Sr. Fernando Miranda, e que é vocacionada para jovens, pescadores desportivos e público em geral. Destaca-se o apelo feito para a redução da utilização de materiais não biodegradáveis, de fertilizantes e pesticidas que podem comprometer a qualidade da água e a sobrevivência das espécies, bem como a pesca furtiva. Os alunos foram, também, sensibilizados para a redução do consumo de água, evitando o seu desperdício. A equipa do posto aquícola reforça que com estas iniciativas pretende que as pessoas reconheçam mais valor aos recursos que têm no seu território, que não sobreexplorem, nem utilizem de forma insustentável os recursos biológicos e hídricos pois podem pôr em risco o seu desenvolvimento e a futura exploração dos mesmos.





Finalmente, os alunos foram convidados a plantar alguns exemplares de carvalhos, na área envolvente, referindo aos nossos alunos visitantes que são árvores características dos ecossistemas florestais mais evoluídos que cobriam o nosso país, terminando assim, da melhor forma, a comemoração do dia mundial da floresta.

Homenagem aos finalistas

A próxima etapa está já ali

És Um HOMEM, Se...
Se és capaz de conservar o teu bom senso e a calma,
Quando os outros os perdem, e te acusam disso,

Se és capaz de confiar em ti, quando te ti duvidam
E, no entanto, perdoares que duvidem,

Se és capaz de esperar, sem perderes a esperança
E não caluniares os que te caluniam,

Se és capaz de sonhar, sem que o sonho te domine,
E pensar, sem reduzir o pensamento a vício,

Se és capaz de enfrentar o Triunfo e o Desastre,
Sem fazer distinção entre estes dois impostores,

Se és capaz de ouvir a verdade que disseste,
Transformada por canalhas em armadilhas aos tolos,

Se és capaz de ver destruído o ideal da vida inteira
E construí-lo outra vez com ferramentas gastas,

Se és capaz de arriscar todos os teus haveres
Num lance corajoso, alheio ao resultado,
E perder e começar de novo o teu caminho,
Sem que ouça um suspiro quem seguir ao teu lado,

Se és capaz de forçar os teus músculos e nervos
E fazê-los servir se já quase não servem,
Sustentando-te a ti, quando nada em ti resta,
A não ser a vontade que diz: Enfrenta!

Se és capaz de falar ao povo e ficar digno
Ou de passear com reis conservando-te o mesmo,

Se não pode abalar-te amigo ou inimigo
E não sofrem decepção os que contam contigo,

Se podes preencher todo minuto que passa
Com sessenta segundos de tarefa acertada,

Se assim fores, meu filho, a Terra será tua,
Será teu tudo que nela existe
E não receies que te o tomem,

Mas (ainda melhor que tudo isto)
Se assim fores, serás um HOMEM.

Rudyard Kipling



O percurso dos jovens de décimo segundo ano na escola no dia 21 de abril foi diferente. Libertos do peso dos livros, mais cuidadosos na sua apresentação, os seus passos não se digiram à sala habitual. De sorrisos abertos, viviam a emoção, como seis anos antes, quando foram recebidos como caloiros, de estarem no centro das atenções. Finalistas seria a palavra que mais ouviriam nessa manhã.

Num ato que vem sendo habitual nos últimos anos, a festa de finalistas, que surge associada a uma cerimónia religiosa durante a qual decorre a benção destes jovens, foi sobretudo um momento de encontro entre todos os que acompanharam o percurso destes jovens e que quiseram estar presentes para lhes desejar um futuro feliz. Agradecimentos e votos de felicidade foram, por isso, os motes dos discursos ouvidos - diretora do Agrupamento, Teresa Sá Pires, e presidente da Associação de Estudantes (AE), Duarte Augusto.

É também um momento de balanço, de recordar o percurso feito e descobrir aqueles que caminharam ao lado de cada um, assegurando que essa dedicação não é esquecida. E não foi. Se as palavras da diretora do Agrupamento se centraram no percurso que os jovens percorrerão findo o ensino secundário, as do presidente da AE destacaram todos os que ajudaram a construir esta etapa: professores, funcionários, pais e encarregados de educação e colegas

Os cânticos entoados pelos alunos, o poema de Rudyard Kipling (ver caixa) lido alternadamente pela Joana Aguiar e pela Inês Geraldes, e a oferta de rosas a pais e professores coroaram a cerimónia, conferindo-lhe beleza, emoção e poesia.

Finda a celebração, os encontros e votos de felicidade prolongaram os momentos que não se queriam efémeros.

A fotografia de grupo final que acompanha esta página cumpriu o seu papel na luta contra essa efemeridade.



Erasmus+ A semana e







No âmbito do programa Erasmus+ decorreu na nossa escola, na semana de 20 a 25 de março, a segunda mobilidade do projeto "Greener future". Deslocaram-se a Portugal as equipas dos restantes países que integram o projeto (Espanha, Alemanha, Bélgica e Estónia), sendo cada equipa formada por quatro alunos e um professor, com exceção do grupo oriundo da Estónia do qual faziam parte, além dos quatro alunos, dois professores. Para melhor se inteirarem das vivências e cultura dos países que visitam, os alunos estrangeiros ficam alojados em casa dos alunos do país que está a organizar a mobilidade. Com a preciosa ajuda dos pais e encarregados de educação que, prontamente, se disponibilizaram para tal, os alunos foram muito bem recebidos e acompanhados pelas 16 famílias que os acolheram. Obrigada a todos e bem hajam.

Paula Minhoto

Uma vez que um dos principais objetivos do projeto é consciencializar os alunos e todos os elementos da comunidade educativa que pequenos gestos do quotidiano podem contribuir para um futuro ecologicamente mais sustentável as atividades desenvolvidas durante esta semana desenrolaram-se à volta desta temática.

As atividades começaram na segunda da parte da manhã com uma sessão plenária onde todos os grupos se apresentaram e deram a conhecer os respetivos países. Foi ainda feito um balanço geral da primeira mobilidade que tinha decorrido em Málaga. Esta sessão foi aproveitada para apresentar o programa da semana de mobilidade em Portugal. No final da manhã, cada grupo de alunos estrangeiros, acompanhado por alunos do Agrupamento, visitou a escola a fim de se familiarizar com os vários espaços. O almoço de professores e alunos decorreu, como aconteceria no resto da semana, na cantina da escola. Durante a tarde, usando o comboio turístico disponibilizado pela Junta de Freguesia da Sé, Santa Maria e Meixedo, os alunos deslocaram-se ao edifício da Câmara Municipal onde foi feita uma visita guiada às instalações a fim de conhecerem as adaptações arquitetónicas, estruturais e funcionais que o tornam um ecoedificio. Posteriormente, foi feito um percurso pela cidade mostrando os vários pontos de interesse, nomeadamente, o castelo. No final do dia, cada aluno foi recolhido, na escola, pela família que o acolhia.

No dia 21 de março – Dia Mundial da árvore e da floresta, a manhã foi passada na escola a plantar uma horta com ervas aromáticas. As plantas cultivadas na horta serão utilizadas na cozinha diminuindo, assim, o uso de sal e o excedente será vendido à comunidade escolar tornando a horta, economicamente, autossustentável. Nesta atividade participaram os alunos estrangeiros e as turmas do 10ªA e de 7ºano. Foram ainda plantados, no recinto da escola, vários exemplares de sobreiro, árvore autóctone da nossa região. Durante a tarde, juntamente com alunos de 8º ano, decorreu uma visita à estação aquícola de Castrelos onde tomaram contacto com as várias etapas do ciclo de vida e de produção das trutas. Os alunos visitaram a floresta autóctone envolvente recolhendo exemplares de líquenes e de solo.

No dia 22 de Março- Dia Mundial da água, os alunos, em conjunto com os alunos de 12º e de 10º passaram a manhã nos laboratórios, analisando água e identificando os organismos recolhidos no dia anterior. Durante a tarde, em conjunto com os alunos do 11º ano, foi desenvolvida uma atividade de realidade aumentada. Foram elaborados no programa Aurasma códigos que, colocados em placas junto às plantas de horta, permitirão, com o auxilio de smartphones, identificar a planta, as suas características e propriedades. Em virtude de uma das alunas da Estónia comemorar o seu décimo quinto aniversário foi organizada, ao final da tarde, uma animada festa de aniversário surpresa.

No dia 23 de Março decorreu uma visita a Miranda do Douro, os alunos do 11º A e B e os alunos dos restantes países, durante a manhã, visitaram o interior da barragem de Miranda para conhecer todo o processo de geração da eletricidade aproveitando a força motriz da água. Durante a tarde, decorreu o cruzeiro ambiental no rio Douro com toda a fantástica envolvente da flora e da fauna deste local único que integra o Parque Natural do Douro internacional. A guia que acompanhou o trajeto foi dando indicações sobre as medidas de proteção e as características do local.

Na sexta feira, ultimo dia da mobilidade, durante a manhã, foram desenvolvidas atividades no Centro de Ciência Viva de Bragança onde uma monitora do Projeto rios ajudou os alunos a caracterizar um troço do rio Fervença. Durante a tarde decorreu a sessão plenária de encerramento com o balanço das atividades e a entrega dos certificados aos participantes. O resto da tarde foi livre para permitir a visita a locais de interesse da cidade. À noite decorreu um jantar na escola para todas as pessoas envolvidas, incluindo os pais que receberam os alunos. Da ementa constavam pratos tradicionais do nosso país porque o programa Erasmus não diz respeito apenas a aprendizagens formais, é também a oportunidade de conhecer e conviver com culturas diferentes, pois nesta partilha há, com toda a certeza, ganhos difíceis de mensurar e enriquecimento mutuo.

Esta semana implicou bastante trabalho adicional da direção da escola, professores, funcionários, alunos e pais, mas todas as atividades decorreram sem percalços e foram um sucesso, pelo que todo o agrupamento está de parabéns.

"

Ter feito parte de um progr
dúvida, algo que, para além
uma experiência fantástica
um país e de uma cultura co
esse motivo, me permitiu pa
lhes mais genuínos e caract
sante na medida em que as
em Inglês, que foram postas
pela positiva.
Recebi, durante uma sema
demostrando a sua simpatia
com uns maravilhosos choc
efetivamente, classificar a o
deram como algo que foi co
que trocamos, tanto relativa
como à atualidade mundial,
exemplo. Considero, inclusiv
novo, foi, também, uma expe
nha família, que embora não
em francês, desenvolveu da
tornar a comunicação possív
Foi, sem dúvida, algo que fic
recordações".

em que a escola mudou



















ama de ERASMUS + foi, sem
de me ter proporcionado
com uma pessoa oriunda de
mpletamente distinta e, por
rtilhar e conhecer os deta-
erísticos, também foi interes-
minhas faculdades oratórias
s à prova, me surpreenderam

na, um aluno Belga que,
a e afeto, me presenteou
olates belgas. Posso, clara e
portunidade que me conce-
nstrutivo pelas impressões
s ao estado de cada país,
desportiva, cultural, por
ve, que, mesmo sendo algo
eriência agradável para a mi-
o sendo fluente em inglês ou
melhor forma um meio de
vel e o ambiente agradável.
ará guardado no "baú das

(Pedro Venâncio, 12ºB)

"Receber a Kärt em minha casa foi, sem dúvida, uma das experiências que mais marcou o meu ano. Apesar de pouco, o tempo que tive o prazer de partilhar com todos os alunos do projeto de Erasmus permitiu-me, sem dúvida, expandir os meus conhecimentos tanto sobre os seus países como pelos seus hábitos, alguns mesmo muito diferentes dos meus. Vai, com certeza, deixar saudade. Para além de todos os outros, espero especialmente um dia ter a oportunidade de a ir visitar e conhecer o seu país (Estónia) que, pelo que me contou, fiquei mesmo curiosa por conhecer.

(Mariana Magalhães, 11ºC)

Viver para Montanhas de Investigação

Isabel Ferreira tirou a licenciatura em Bioquímica na Universidade do Porto e o mestrado e doutoramento em Química na Universidade do Minho. Hoje, é investigadora e professora no Instituto Politécnico de Bragança, reconhecida a nível internacional. Além disso, é editora da revista "Food & Function", da Royal Society of Chemistry, umas das mais importantes revistas a nível mundial no âmbito da indústria agroalimentar.

Embora refira que as 24 horas do seu dia são dedicadas à profissão, coloca os afetos no centro das suas atividades. Foram eles que determinaram a sua vinda para Bragança, são eles que definem a sua forma de estar. O Outra Presença quis saber mais sobre esta professora e investigadora que tem contribuído para a projeção do Instituto Politécnico, da ciência que se produz, nesse Instituto e no Centro de Investigação de Montanha que coordena, e de Bragança em Portugal e no mundo.

Luísa Diz Lopes, Aníbal Fernandes, Guilherme Moreira, Inês Barros, Maria Manuel Gorgueira e Mariana Magalhães

-Além das questões de origem familiar, que outras a trouxeram para Bragança?

Em primeiro lugar, eu sou uma pessoa de afetos. As pessoas para mim são muito importantes e os lugares também. Senti uma grande motivação de regressar, de viver em Bragança e fazer evoluir a nossa região. Considero que Bragança tem todas as condições para desenvolver uma carreira científica, permitindo que se esteja no centro da ciência mundial. Dado que a ciência é global, é indiferente estar em Berlim, Londres ou Lisboa. O que realmente importa é ter condições materiais para desenvolver um estudo de investigação de qualidade. Em suma, Bragança oferece essas oportunidades e com o enorme desafio de que tudo aquilo que nós fazemos tem muito mais impacto, estando numa região assim, de baixa densidade e algumas fragilidades. Se a mesma ideia fosse desenvolvida num local cientificamente mais desenvolvido, o impacto seria muito mais reduzido. Além disso, construir algo a partir do zero, atrair pessoas, construir grandes equipas, contribuir para o desenvolvimento de toda uma região e ainda conseguir levar esta a uma notoriedade mundial só é possível estando em espaços como Bragança.

-A ciência baseia-se no pensamento crítico e na procura de provas irrefutáveis. Qual é a área mais livre de evidências ou irracional da sua vida pessoal?

A minha vida pessoal mistura-se completamente com a minha ocupação profissional, ou melhor, não tenho uma vida exclusivamente pessoal, nem muito tempo livre para além das atividades profissionais. Por isso, costumo dizer que me dedico à ciência do centro de investigação vinte e quatro horas por dia. Frequentemente, até a dormir consigo resolver muitos problemas, já que acordo com soluções. Nesta perspetiva, não há fins de semana, férias ou tempos livres. Mesmo quando estamos afastados fisicamente do local de trabalho, na nossa cabeça, estão sempre ideias novas a aparecer. Além disso, existe a grande responsabilidade de garantir o financiamento não só para desenvolver a investigação, mas também para manter os postos de trabalho dos investigadores que estão connosco. Claro que aproveito todo o tempo "livre" para estar com a família.

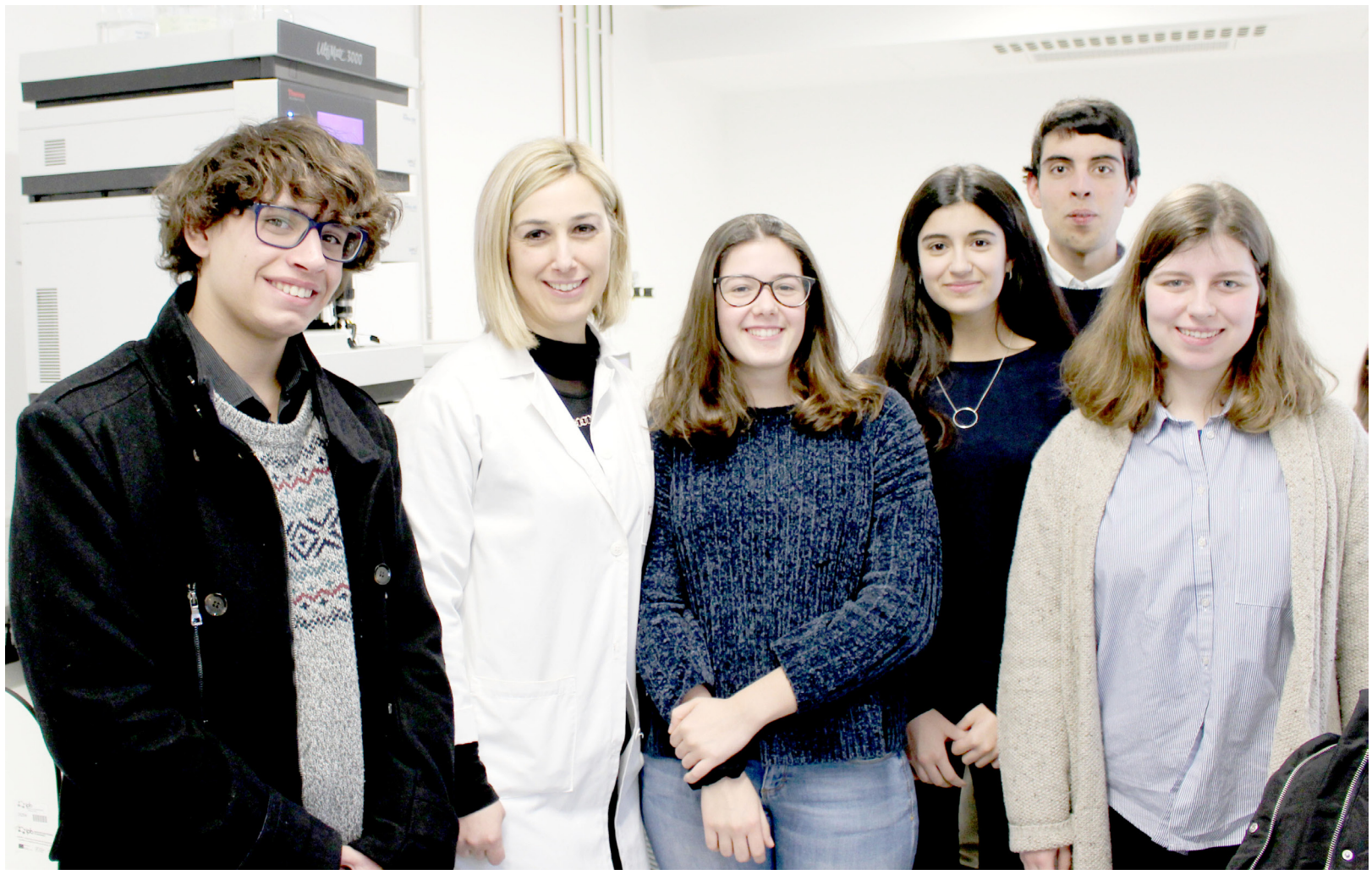
Sou uma pessoa muito emocional, não de razões e provas irrefutáveis, porque a própria ciência já não se faz assim: descobrem-se cada vez mais paradigmas totalmente diferentes daqueles que eram aceites. A ciência é mesmo isso - uma evolução constante - é imperativo ter uma mente aberta e ausência de ideias pré-definidas. Quando partimos para uma investigação com ideias predefinidas, distraímo-nos e não vemos algo que, por vezes, é uma evidência muito importante. Para além disso, sou uma pessoa de fé. Sou muito católica, o que é perfeitamente coadunável com a atividade de cientista que desenvolver

- É frequente ver ciência do lado oposto da fé. É fácil conciliar estas duas realidades?

Para mim é. Eu sou católica e praticante. Esta vivência permite-me momentos de reflexão e tranquilidade que fazem relativizar tudo o resto que acontece quando estamos envolvidos intrinsecamente em tudo que é o detalhe científico. A religião é uma via de abstração da vida que temos e do universo em que nos inserimos. Isto é uma forma de me ligar aos outros e refletir. Até é inspiradora e transmite os valores necessários para liderar equipas, se soubermos aproveitar a melhor característica que cada investigador tem, ver melhor, potenciar, valorizar. Tudo isto é fundamental num ambiente que pode ser competitivo.

-Conhecemos a sua dedicação à ciência. No entanto, gostaríamos de saber se tem outra área que também a poderia ocupar profissionalmente.

Acho que não, não me via a fazer mais nada senão isto. Todo o meu percurso foi orientado nesta direção, para o percurso científico e para ciências em particular. Mesmo quando estava na universidade pensei sempre que aquilo que eu queria era fazer investigação. Portanto, foi um percurso que fui traçando sempre de forma coerente, juntando as peças todas e pensando: O que quero fazer? Onde quero viver? Escolhendo Bragança teria de estar integrada no IPB e, portanto, essa foi a escolha que fiz. Dentro do instituto, também fui fazendo esse percurso, sempre focado na ciência. Só aceitei cargos de administração ou gestão porque eram no centro de investigação. Nunca quis ser coordenadora de mais nenhuma estrutura no instituto que não estivesse ligada à ciência. É isso que me cativa. Tudo aquilo em que participo a nível regional, nacional ou internacional é sempre ligado à ciência.



-Recuando no tempo, recorda-se de algum episódio determinante para seguir esta área?

No ensino secundário, todo o percurso foi na área de ciência. No 12º só tínhamos três disciplinas. Eu gostava muito destas e questionava-me sobre o que queria ser. Eu era uma boa aluna, tive dois 20 e um 19 e, naturalmente, era aconselhada a seguir medicina, mas desde sempre achei que medicina não era a minha escolha porque sou muito emocional, achava que nunca iria ser feliz nesta área. Também porque era demasiado sensível para lidar com sangue e grandes dramas. Por outro lado, gostava bastante de Biologia e Química. Sou bastante metódica e organizada, vou traçando e concretizando.

- Como consegue conciliar as atividades em que está envolvida?

É muito difícil em termos de

Isabel Ferreira



"Neste sentido, o futuro da ciência em Portugal é promissor se continuarmos a fazer o que fizemos no último ano: fazer estruturas colaborativas - grandes consórcios – descentralizar, apostar em novas centralidades e nos recursos humanos."

tempo, é o efeito bola de neve: quantas mais atividades desenvolvemos, mais solicitações aparecem. Obviamente, não posso aceitar tudo, no entanto, tenho o dever de aceitar muitas coisas apesar de em termos de tempo por vezes ser impossível. Para o conseguir, é necessário seguir algumas regras: reuniões curtas e eficientes é uma delas; a outra é a construção de equipas. É importante construir equipas, por isso sempre que dou entrevistas ou agradeço prémios nunca me esqueço de referir a minha equipa. Sozinha não teria conseguido o mesmo. Não quer dizer que não tenho mérito. As boas equipas, que exigem uma boa liderança, tornam tudo mais fácil. Eu tenho investigadores comigo há anos e eles partilham os mesmos desafios, são completamente dedicados à ciência que se faz aqui e isso é essencial. Isto faz com que o grupo cresça sistematicamente.

Muitas vezes, curiosamente, ao chegar a julho, penso sempre que a nossa vida será diferente. "No próximo ano, vamos mais cedo para casa, dedicar-nos-emos mais à família." Elas ouvem, mas não acreditam porque acabamos por não conseguir fazê-lo. A verdade é que há tanta coisa e tantas pessoas envolvidas que seria uma irresponsabilidade não nos dedicarmos tanto aos projetos. O emprego delas depende da nossa atividade. Isso é o que me motiva. Hoje em dia há gente jovem e talentosa que precisa que seja atraído investimento para a ciência em Bragança e, portanto, seria irresponsável se não investíssemos nesta área. O que nos motiva é a equipa que temos e a vontade de a fazer crescer.

-Quais são as características do investigador/candidato ideal ao CIMO?

Agora estou a coordenar o CIMO, que é um centro que tem 115 investigadores muito heterogéneos. Sinto-me mais confortável em responder à pergunta sobre como é que eu atraiaria investigadores para a minha equipa, extrapolando para o centro, embora as diferentes equipas tenham a liberdade para escolher os seus membros. Primeiro, é necessário ser-se determinado (isto não é exclusivo da ciência). As profissões são muito competitivas, pois as pessoas estão cada vez mais bem preparadas, têm currículos mais fortes. É necessário estar preparado para lutar por um determinado lugar e não nos se desviarem daquilo que querem.

Ao longo da vida há pessoas e circunstâncias que podem ser dissuasoras, que podem fazer-nos atrasar ou ter vontade de desistir e isso não pode acontecer. Nada nos pode demover nem intimidar. Uma coisa é quando estamos a falar à escala local, mas quando estamos a falar à escala mundial, há muitos interesses envolvidos na ciência e temos que estar conscientes e não nos deixar intimidar: "Isto é o que eu quero, este é o percurso e nada me vai desviar."

Depois, a seriedade. Muito importante. Mais uma vez em todas as profissões e em ciência ainda mais, pois todo o avanço da humanidade está suportado pela ciência e nós temos que ser sérios naquilo que fazemos, na ciência que fazemos, nos resultados que disponibilizamos. Portanto, um investigador tem que ser determinado, sério e depois dedicado porque a ciência não é um trabalho que se faz das 9 às 11 e das 2 às 4. Faz-se, como eu vos disse, constantemente e em qualquer lugar do mundo. Amanhã estamos noutro sítio do país ou do mundo e temos que estar disponíveis, a ciência é global e nós para aprendermos temos de estar em contacto com o resto do mundo e disponíveis para estar no resto do mundo. Acho que são estas as três características fundamentais: determinação, seriedade e disponibilidade.

Há alguma fase da investigação que lhe agrade particularmente?

Eu costumo dizer que todas as fases são importantes e que a investigação é uma montanha russa diária, a todos os níveis. E quando nós falamos em investigação, não é só a ideia romântica de ir para o laboratório e descobrir novas coisas que é importante. Nós vemos a ciência como um simples espaço laboratorial, que é isso que fazemos, mas nem toda a gente entende: o meu filho sempre achou que ser cientista implicava fazer expedições ao Alasca, isso, para ele, é que era ser cientista, então não percebia muito bem como é que eu podia ser cientista se não fazia essas expedições.

No entanto, essa ideia romântica da ciência, hoje em dia, é diluída por outras vertentes que nós temos de encarar de igual forma porque também são aliciantes. Uma é a gestão da ciência. Fazer ciência é caro, portanto, precisamos de captar financiamento para a ciência que fazemos, o que implica gerir os recursos que se possuem, mas também é preciso saber onde é que está o dinheiro, definir bons projetos e boas candidaturas e ganhá-las para financiar a ciência que queremos desenvolver. Hoje temos o centro de investigação e montanha que é financiado pela FCT, Fundação para a Ciência e Tecnologia, um financiamento do estado, que só assegura uma ínfima percentagem do orçamento global do centro. Neste momento, a grande maioria do nosso orçamento é autofinanciado, ou seja, são verbas que os investigadores captam em concursos competitivos a nível internacional. Com a evolução dos centros, na sequência daquilo que o nosso ministério propõe atualmente, que é a ideia de laboratórios colaborativos, a investigação será muito mais articulada entre centros de investigação e empresas para que haja, também, maior disponibilidade de verba para a ciência.

Portanto, como estava a dizer, isto é uma montanha russa, porque de manhã chegamos e há uma pessoa que nos diz assim: "Avariou o equipamento, avariou o sistema de água destilada, precisamos de comprar 30 colunas, 100 caixas de cartão de filtro, partiram-se 30 gobelés". Nesse momento, não adianta desmoralizar. Temos de ter capacidade para ver onde é que vamos agora buscar dinheiro para isso tudo. Além da investigação, toda esta parte da gestão é muito importante. É uma fase de que eu não gosto porque realmente preferia estar a ocupar o tempo no laboratório, mas é uma realidade e à medida que os anos passam, essas partes ocupam mais tempo. Não são as mais agradáveis, mas são importantes.

Depois, há a minha parte preferida, a da conceção da ideia. Ter ideias inovadoras é fazer ciência, é saber inovar, é



fazer aquilo que ninguém faz, ninguém pensou. Portanto, essa fase é muito importante para mim, reunir a equipa, expor uma ideia e lançar desafios para podermos pensar todos em conjunto. Depois há as outras fases de execução da ideia e obtenção de resultados, saber lidar com os sucessos e fracassos. Assim como quando vamos concorrer a financiamentos, um dia temos meio milhão de euros e no outro dia não temos aprovação. Eu continuo a ir ao laboratório, mas não passo lá os meus dias, tenho uma equipa hoje em dia que faz isso e eu supervisiono o resultado e aconselho o caminho que devem seguir, mas já houve tempos em que o que era mais motivador estar no laboratório.

Tendo em conta os problemas financeiros que referiu, acha que é possível viver só da investigação?

Sem dúvida, há inúmeros exemplos na minha equipa de pessoas que são exclusivamente investigadoras, com contratos de investigação. Não é o meu caso porque sou professora também.

Já ponderou abandonar o ensino e dedicar-se exclusivamente à investigação?

Depende dos dias. Eu tenho redução de carga horária, porque como sou coordenadora do centro dou poucas aulas e não queria deixar de as dar. Gosto das aulas que dou, gosto absolutamente do contacto com os alunos e é uma oportunidade de captar os alunos que têm mais aptidão para a atividade científica. Não gosto de aulas com pouca gente, de disciplinas com pouca gente. Eu gosto de dar aulas em ambiente de auditório e, por isso, normalmente dou as disciplinas que todos os cursos têm, apesar de os alunos gostarem mais de aulas práticas, de 10 alunos e um professor. Há momentos em que, principalmente com as viagens a Lisboa e ao estrangeiro por causa da revista e outras atividades, é muito difícil conciliar as aulas com as minhas funções no Centro e, às vezes, penso que não deveria dar aulas, mas também acho que a investigação que fazemos é para o mundo e não podemos privar os nossos alunos de ter contacto com esses professores/investigadores que vão a todo mundo dar palestras e, na minha opinião, devem reservar algum do seu tempo para os seus alunos.

Existem outros desafios em que nós temos essa responsabilidade. Por exemplo, se nós escrevemos publicações em diferentes revistas científicas, temos obrigação de ajudar a avaliar algumas publicações que são submetidas. Hoje em dia é impossível aceitar todos os convites, mas uma pequena percentagem tem de se aceitar e acho que é mesmo uma obrigação, porque, como estamos dentro do sistema, temos de contribuir.

-Quais são os maiores desafios da revista científica a que está associada?

A revista em que sou editora pertence à Royal Society of Chemistry. A este propósito, gostaria de acrescentar um pormenor importante face à questão de quando sabemos o que queremos fazer isto. As pessoas têm ídolos desde pequenas: cantores, autores, políticos, ideólogos, entre outros. Os meus ídolos eram editores de revistas científicas e, por isso, lembro-me perfeitamente de que na época em que estava a tirar o mestrado encontrava esses editores em congressos. Eu queria conhecê-los e falar com eles!

A Royal Society of Chemistry é realmente uma das editores mais conceituadas a nível mundial e ganha sempre os prémios de qualidade. Não tem tantas revistas como outras, mas tem as que tem causam um maior impacto. Tudo é feito com muita qualidade. Vocês atualmente consultam a internet e têm acesso a toda a informação cientifica, mas quando eu era estudante não. Se eu queria obter uma publicação científica tinha de escrever uma carta para a Royal Society of Chemistry. Enfim, era tudo mais lento. Portanto, eu sempre tive essa admiração por essa revista e editores. Quando eu estava no meu gabinete numa bela tarde e eles me telefonam, convidando-me para integrar esse projeto, respondi formalmente, desliguei o telefone e questionei-me "Como é que isto é possível?". Realmente, tudo é possível. Mesmo o que sonhamos longinquamente.

A edição destas revistas coloca desafios a diferentes níveis. Um deles é ter consciência de que não interessa publicar artigos se eles não vão ser lidos, se ninguém quer fazer o que está lá descrito, se não quiserem citar ou recomendar. Portanto, enquanto editora, existe a preocupação de publicar os melhores artigos, que são feitos pelas melhores equipas, que vão ser lidos e citados. Atualmente, em cada área, as revistas estão padronizadas, isto é, sabemos qual é a melhor revista de cada área. Nós (editores da revista) queremos que a publicação se mantenha no top 10 da área e, para isso, temos de ver se tudo o que nos chega é da maior qualidade. Para terem uma ideia, de todos os trabalhos que chegam, só são aceites cerca de 20%. Estes, que consideramos ter muita qualidade, são enviados para quatro avaliadores dos melhores da área que se vão pronunciar sobre eles. Só quando temos uma resposta positiva por parte deles é que publicamos o trabalho. Estes são os desafios que se colocam, porque só assim a ciência tem impacto. Há, ainda, o desafio de publicar tudo que é inovador, novas tecnologias e abordagens na área, de sermos os primeiros a dar essa notícia.

Como é que surgiu a preferência pela área alimentar?

- Isso é que já foi mais tarde, mas relaciona-se com a vida ser um conjunto de peças que tentamos encaixar. Eu sou assim, tento encontrar coerência das coisas para tentar montar as peças.

Quando acabei o curso de Bioquímica, decidi, como já vos disse, que queria vir para Bragança e, nesse caso, teria de ser no Politécnico que era uma instituição que oferecia condições para fazer investigação. Quando vim para o Politécnico em 2000, ainda estava em processo de doutoramento, que terminei em 2003, que era na área da bioquímica, química medicinal, isto é, desenvolvimento de fármacos, onde aprendi muitas tecnologias. Nessa altura, começou a construção deste CIMO, que tinha muitos investigadores de várias áreas - agronómica, florestal, ambiente. Eu própria estou integrada na Escola Superior Agrária. Eu pensei, isto de fazer fármacos não encaixa muito bem nem na escola, nem no centro de investigação nem na região. Não será aqui em Bragança que vamos ter grupos de ponta na área da investigação clínica. Para isso há outros centros ligados, por exemplo, à Universidade do Porto, que estão muito mais à frente. Nós temos de ser inteligentes e pensar naquilo que podemos fazer de diferente em Bragança e ser líderes nisso e, ao mesmo, tempo, conseguir encaixar a investigação que fazemos no Centro de Investigação de Montanha, isto é ligado à natureza.

Conciliando estas peças todas e olhando à nossa volta, há muitos anos, pensei "O que é que nós temos em Bragança?". Temos uma biodiversidade tremenda, temos o Parque Natural de Montesinho, agora temos uma reserva mundial transfronteiriça da biosfera. Portanto, era importante conseguirmos explorar os cogumelos e as plantas que temos na nossa região, e eu sendo química e bioquímica interessava-me olhar para estas espécies, e entender que substâncias podiam existir nelas e que podíamos utilizar como valor acrescentado. E foi crescendo assim. A minha investigação começou com o estudo de plantas e cogumelos da nossa região. Depois de estudar centenas dessas espécies, começámos a perceber que tínhamos um conhecimento privilegiado sobre que substância retirar de cada uma dessas matérias primas. E pensámos "onde é que podemos desenvolver novos produtos e onde é que os podemos aplicar? Na indústria agroalimentar, que é um ponto forte da nossa região. Hoje dedicamo-nos à obtenção de corantes, conservantes e bioativos de matrizes naturais para introduzir na área alimentar. O meu objetivo foi enquadrar a minha formação académica num centro que tinha um contexto ligado à natureza. Fazer que tudo fosse coerente. É preciso sermos inteligentes e não querer imitar aquilo que os outros fazem muito melhor do que nós.

-Portanto, escolheu a área de investigação em função do local, ou seja, Bragança?

Sim. Quando estive a fazer mestrado/doutoramento inseri-me noutros grupos de investigação em áreas distintas. A partir do momento em que tive oportunidade de criar a minha equipa e

decidir qual era a minha linha de investigação foi com base no local em que estamos.

-Em que medida essa área é importante na sociedade atual?

É extremamente importante, sobretudo a investigação que fazemos atualmente: porque tudo isto é um processo evolutivo - começámos com uma investigação menos aplicada que se foi tornando cada vez mais aplicada, também devido à própria evolução das formas de financiamento da ciência em Portugal. Mas, de toda a investigação que nós fazemos hoje em dia, a grande maioria é feita em parceria com empresas, já que é vocacionada para resolver problemas nas empresas, desenvolver novos produtos, por isso, desde logo, a sociedade tem um retorno. Isto é uma vantagem também da ciência que nós fazemos, já que existe uma outra ciência que se faz e não se vê uma aplicação na sociedade. Temos esse privilégio - desenvolvemos um produto, assistimos à sua aplicação na sociedade. De qualquer forma, aquilo que nos motiva mais hoje é o facto de na indústria alimentar se utilizar uma quantidade massiva de aditivos. A maioria dos alimentos é processada, tem de ser, porque, se não houver qualquer tipo de processamento, os alimentos chegam a nossa casa com uma segurança baixa. Para termos qualidade e segurança alimentar, é imperativo processar os alimentos. Exemplos desses aditivos são os corantes, conservantes, aromatizantes, adoçantes. Estes têm um código de classificação "E-". A maior parte desses aditivos, que são utilizados massivamente, são sintéticos e têm toxicidade, para além de provocarem muitas alergias. Muitos dos corantes que são utilizados têm efeitos nas crianças: podem provocar hiperatividade ou défice de atenção. A maior parte dos corantes são derivados do petróleo e têm toxicidade quando o consumidor é exposto a uma determinada dose. Portanto, nós já tínhamos alertado para o problema da toxicidade dos aditivos há vários anos atrás, que era necessário encontrar alternativas não tóxicas e alertámos, também, para a confusão entre a legislação europeia e americana relativamente a estes compostos. Há substâncias que são proibidas num continente e permitidas no outro, o que não traz confiança aos consumidores. Depois de insistirmos muito nisso, verificamos que em 2016 todas as grandes multinacionais publicaram que iam substituir os aditivos artificiais. É nisso que estamos a trabalhar, descobrir substâncias naturais não tóxicas para substituir estes aditivos. Já existem aditivos naturais aprovados, no entanto, continuam a ter um grande problema de instabilidade. Para já, não são economicamente competitivos com os artificiais. O objetivo é ter, por exemplo, um corante azul que se mantenha azul independentemente das condições externas (pH, luz, temperatura, etc)

-Que outras limitações têm?

Um dos objetivos principais é descobrir novas fontes destes aditivos artificias de modo a baixar os custos de produção destes. A outra desvantagem é essa instabilidade. Outro problema é da parte dos consumidores, uma vez que tanto os aditivos naturais como os artificiais têm o mesmo código de classificação, o que induz em erro. É preciso algum trabalho nesse sistema de classificação de aditivos e na sensibilização dos consumidores.

-O que falta fazer para que estes compostos substituam à escala mundial os sintéticos?

É necessária uma investigação a vários níveis, que é isso que nos propomos fazer em todos os projetos que temos submetido. Dia 6 de abril vamos defender uma candidatura muito grande de 3 milhões de euros, perante a agência de inovação nacional, onde vamos responder a muitas das perguntas que nos fizeram: qual o impacto, a relevância da temática e o que é preciso ser resolvido. É preciso encontrar fontes para estas substâncias, é preciso descrever o equipamento necessário para a extração dessas substancias. E depois, trabalhar na estabilização desses aditivos para serem aplicados com sucesso. Neste projeto, envolvemos empresas de todo o setor agroalimentar, empresas produtoras de plantas e cogumelos, especializadas em desenvolvimento de equipamento de alta tecnologia para extrair essas substâncias, empresas alimentares que pretendam substituir os corantes sintéticos.

-Em 2016 a serra de Montesinho integrou uma rede nacional de investigação de Montanha. Sabemos que é coordenadora do projeto "Montesinho, montanha de investigação". Pode referir em que consiste esse projeto?

O projeto agora é "Montanhas de investigação", porque nós gostaríamos de associar todas as montanhas de Portugal. Isto de trabalhar em investigação de montanha é algo que está definido em termos internacionais, há agendas mundiais sobre quais são os tópicos de investigação importantes. E nós, tendo o único centro de investigação que se dedica a esta investigação, achámos que podíamos fazer aqui uma estrutura de investigação que servisse vários tópicos importantes para a montanha. A configuração da estrutura é um laboratório colaborativo, composto por centros de investigação, como o exemplo o CIMO, LSRE, por instituições de ensino superior, como o Instituto Politécnico de Bragança, a Universidades, entre outras, por laboratórios de estado e organizações da administração pública, como as autarquias, o ICNR, institutos de interface, como o Eco park e, ainda, empresas.

Organizámos este consórcio em volta de seis tópicos fulcrais: agricultura e florestas sustentáveis; alimentos e materiais biobased, usados na indústria alimentar, construção civil, cosmética, indústria farmacêutica; saúde e bem estar, com desportos e percursos de natureza; energia, nomeadamente a renovável, como a eólica, mas não só; clima, ambiente, eficiência de recursos e matérias primas; património cultural. Não se esqueçam que somos a terra que tem duas línguas, a terra da cultura celta. Portanto, decidimos agrupar estes seis tópicos, fazendo com que o projeto fosse transversal a várias áreas do conhecimento.

Estes tópicos são igualmente desafiantes para a Serra do Gerês ou da Estrela, que têm contextos idênticos. Por isso, apresentámos um projeto que tenha uma abrangência nacional e que seja liderado por nós.

-Como perspetiva esta área daqui a 10 anos?

Acho que daqui a dez anos vamos ver os frutos dos paradigmas que hoje em dia se estão a criar. Escrevi um texto a pedido do nosso ministro para a comemoração dos 30 anos do sistema científico e tecnológico nacional, sobre o futuro da ciência em Portugal. A minha perspetiva assenta no seguinte: em primeiro lugar, é essencial que não haja uma centralização da ciência, isto está ligado ao investimento e financiamento que se faz, nós temos mais outputs e impacto onde financiamos mais. Não pode haver uma tendência a centralizar, financiar apenas algumas cidades do país. Era como se dentro da Europa, 90% do orçamento fosse para outros países e o restante para Portugal. Eu vejo que as políticas atuais vão no sentido de descentralizar, reconhecendo onde estão as competências científicas.

Trabalhar em consórcios é outra das exigências que o futuro colocará à ciência porque o todo é sempre melhor que a soma das partes e, portanto, nós vamos ganhar para além da soma das partes o sinergismo entre essas partes. O futuro da ciência tem de passar por fazer consórcios fortes à escala mundial, reunir essas competências de que já falei: ver a especificidade em que cada um é bom e montar os consórcios à volta dessas qualidades.

A parte dos recursos humanos é muito importante, é preciso criar condições atrativas para fixar doutorados, talentos científicos. É importante que a ciência seja cada vez mais transparente, que toda a sociedade tenha acesso aos resultados da investigação científica. Neste sentido, o futuro da ciência em Portugal é promissor se continuarmos a fazer o que fizemos no último ano: fazer estruturas colaborativas - grandes consórcios – descentralizar, apostar em novas centralidades e nos recursos humanos.

-Ser mulher foi alguma vez impedimento ao longo da sua carreira?

Acho que não, ao longo da minha vida houve alguns momentos em que pode ter sido uma desvantagem. É facto que realmente, sobretudo nos lugares de topo, há poucas mulheres. Há muitas na ciência, mas poucas atingem lugares relevantes. Por exemplo, na revista em que sou editora, sou a única mulher e de todos os editores da Royal Society of Chemistry só dez são mulheres. No meu caso particular não foi determinante. Num contexto mais local, as mulheres são mais competitivas, numa eleição elas têm tendência para votar em homens. No meu caso particular, não senti, no entanto, isso. Nem em eleições nem em nomeações que tive.



Biblioteca

O Festival Literário na promoção das literacias

Elisa Ramos (professora bibliotecária)

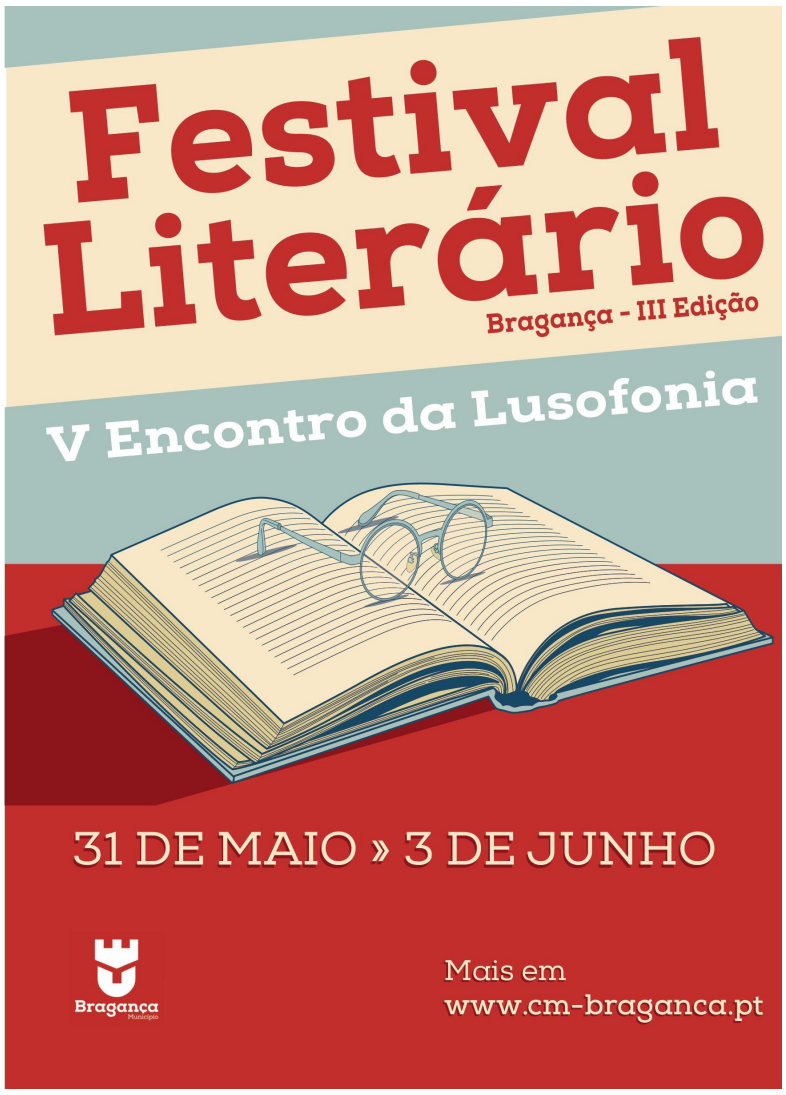
A literatura vem, uma vez mais, à Escola, através de um conjunto de iniciativas, promovidas pela edilidade brigantina, que inclui a deslocação de escritores, sessões de contos, apresentação de livros, sessões de poesia, teatro, crónica e romance. Tudo a acontecer de 31 de maio a 3 de junho.

A Rede de Bibliotecas de Bragança integra a III edição do Festival Literário, numa componente de alargamento de leituras e promoção de literacias, através do encontro com escritores, contadores de histórias, Literatura e Imaginação que, em sessões organizadas, nas escolas e em espaços culturais do município, marcaram já encontro com os variados públicos escolares.

Os alunos das escolas Abade de Baçal preparam as suas leituras e outras artes para o encontro com os diferentes escritores que nos visitam: Palmira Martins, Cátia Vidinhas, Maria João Lopo de Carvalho, Richard Zimler, que estão na rota dos alunos do pré-escolar, do 1º, 2º e 3º ciclos e do ensino secundário.

O V Encontro da Lusofonia, que integra o Festival Literário, proporcionará também um enriquecimento histórico - geográfico, através do escritor António Carrelhas, na sua apresentação de A Viagem de Pedro Teixeira- A Amazónia e o Tratado de Madrid. O Brasil a conquistar-nos.

Um final de ano letivo, com um elenco literário de luxo, nas escolas e comunidade brigantina, tentando fazer esquecer aqueles que ainda recordam Miguel Torga, Para cá do Marão, mandam os que cá estão!



Palestra "Ciência, Cultura e Literatura"

João Paiva

No dia 30 de Março, no âmbito do programa da Semana da Leitura 2017, o Professor João Paiva, da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, realizou uma palestra, no auditório da Biblioteca Adriano Moreira em Bragança, para os alunos do ensino secundário das escolas Abade de Baçal, Emídio Garcia e Miguel Torga.

João Carlos de Matos Paiva é

Joana Jesus - 12ºB

Professor Associado no Departamento de Química e Bioquímica e membro da Unidade de Ensino das Ciências da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Além disso, é coordenador do núcleo de "Cultura Científica, Multimédia e Educação" do CIQUP (Centro de Investigação em Química da Universidade do Porto) e diretor do Doutoramento em Ensino e Divulgação das Ciências. A acrescentar, ao seu admirável percurso, é autor de cerca de 30 livros, uma vintena dos quais são manuais escolares.

O seu principal interesse situa-se nas relações da ciência com outras áreas do saber e nas aplicações pedagógicas das Tecnologias de Informação e Comunicação, particularmente no domínio da Química. Interessa-se, também, por outras áreas e respetivas pontes com a ciência, nomeadamente pela poesia, filosofia, religião, divulgação, sociologia e educação.

A palestra começou com o professor a explicar como consegue pegar numa palavra e a partir dela desconstruir tudo aquilo que é a sua essência de forma a ser possível uma melhor compreensão do sentido das coisas. Defendeu que na ciência tudo é importante, exemplificando que o muito grande como o universo, é tão significante como o muito pequeno tal como um átomo.

Além da ciência, abordou também, a área da filosofia, valorizando a ética e a disciplina. Não faltou a referência à liberdade, e aos seus limites, diferenciando entre o que se pode fazer e o que se deve fazer, como por exemplo, saber que temos a liberdade de falar com o colega do lado durante a palestra, mas escolhermos não o fazer, respeitando o emissor.

Referiu ainda que a escola e o modo como a educação se encontra, incutem aos alunos a obrigação de "tirar boas notas" e não os ensinam a gostar daquilo que estão a aprender, na sua opinião, este não deve ser o principal objetivo dos estudantes, mas sim uma consequência do seu esforço. Nesta linha de pensamento, criticou também aqueles pais que incentivam os seus filhos a obter bons resultados na escola não apelando ao esforço e à disciplina, não os deixam cometer erros, e muitas vezes é a partir deles que se aprende e se evolui.

Após expressar a sua opinião sobre diversos temas e pedir um minuto de silêncio aos alunos (devido à importância de saber ouvir), deu a oportunidade aos presentes de lhe colocarem questões, no entanto admitiu que poucas perguntas lhe seriam feitas. E para explicar esta ideia, recorreu a uma comparação entre os eletrões e o facto de não haver perguntas, ou seja, quando se perturba um eletrão, ele foge/escapa-se, como quando se coloca uma questão, todos os olhares estão direcionados para nós, intimidando-nos.

Para concluir, aconselhou os alunos a seguirem aquilo que aspiram, reforçou a necessidade de escutar e saber-se comportar em público, inclusive em entrevistas de emprego e a relevância de dominar outras áreas para além da área de eleição de cada um. Inspirou os alunos a fazer o seu melhor e a deixarem o mundo mais belo do que aquele que encontraram.

João Venâncio, uma incursão poética

"POEMAS - Do que vejo ao que sinto", é o livro que João Pedro Venâncio, aluno do 6º B, da Escola Augusto Moreno, apresenta no dia 30 de maio, na Biblioteca.

Talento, atrevimento e gosto poético foi a sua escolha, aos 11 anos.

Que o futuro continue a revelar jovens poetas!

Para já, o convite é para todos.

Assim começa…

DESABAFO
Porque sou assim?
Porque sou assim de olhos castanhos e não azuis?
Humano e não outro animal qualquer?
Bonito que nem uma flor...
Será que me saiu a sorte grande? Porque não sou o mar?
Vago, azul, bonito e apreciado?
Porque tenho muitas capacidades, talento como tantas pessoas mais?
Com este desabafo concluo.
Eu sou assim e não importa se os outros gozam,
O que importa é o bom que está cá dentro.



Quem tem medo de Henri Porta?

Henriqueta (Henri) Porta é uma adolescente dos nossos dias, que acredita ter poderes mágicos herdados de uma misteriosa antepassada, Preciosa, que viveu no século XVI.

Após o desaparecimento da caixa que ela crê ser responsável pelos dons que possui, Henri vai perder o seu caminho, desorientando-se num percurso sombrio, no qual deixa de saber quem é.

Afastando-se das irmãs e dos seus amigos, Henri Porta vai acabar por descobrir a verdade sobre si própria e sobre Preciosa, percebendo de que matéria são feitos os sonhos e a realidade. E vai compreender aquilo que existe dentro de cada ser que se procura…

"Cada uma das mulheres que carrega este dom é uma PORTA, como tu és, Henri Porta. E essa porta é o sinal que se abre para um caminho onde crescemos, para trazermos a felicidade a quem precisa dela. (...) Escutasempre os outros, escuta-te sempre a ti própria."

(Preciosa)



"Quando estamos sozinhos, não estamos realmente sós; estamos acompanhados por nós, pelos nossos sonhos, pela luz que há em nós e que nos guia para nós próprios e para os outros... Não te esqueças, Rita, de que é em ti que te deves encontrar. Olha para ti, vê-te. E nunca estarás sozinha; e poderás iluminar os outros, os que procuram uma luz no nevoeiro..."

(Henri Porta)
















"A minha família sempre fez teatro e eu decidi experimentar. A verdade é que os collants, as sabrinas e todo aquele traje seiscentista originaram na minha cabeça uma visão nada agradável de mim em palco. Exceto a capa. A capa dava-me um ar nobre. E toda esta experiência se revelou imensamente gratificante e recompensadora. Só a ideia de trabalhar meses a fio para a concretização da peça (e conseguir fazê-lo) já fazia com que fosse algo positivo, mas foi bem mais que isso. Foram amizades criadas, foram outras que já existiam, mas que nunca seriam o que agora são. Foram momentos em que não consegui parar de rir (por vezes no mais errado dos momentos), foram outros em que quis chorar (Procópio? Vá lá…). Foram misturas demasiado grandes de sentimentos únicos no momento pré-estreia, mas não tão grandes como a felicidade no final da noite. Ficarão as memórias desta experiência e de todos aqueles com quem as partilhei."(Bruno)

"Cumpri a promessa que fiz a mim mesma no ano anterior: voltar a participar no teatro escolar. E ainda bem que o fiz. Interpretar a Rute foi uma experiência incrível, na medida em que se distancia muito da minha personalidade. Recriar uma pessoa "má da fita" e dar-lhe um cunho cómico não foi tarefa fácil, mas foi sem dúvida divertida e enriquecedora. Mais uma vez, o teatro foi um espaço de convívio e de amizade e será certamente uma das memórias mais vívidas do secundário. " (Matilde Barros)

"Pela segunda vez a participar no teatro escolar, também pela segunda vez interpreto uma personagem má. Hérmia Porta é, segundo a sua própria irmã Henri, "agressiva, desdenhosa, infernizante". A importância desta personagem baseava-se sobretudo na sua ironia e nas suas discussões com Rute, que ajudavam a criar um certo carácter cómico a algumas passagens da peça. Apesar de a sua personalidade não se identificar com a minha, o desafio de interpretar Hérmia não me suscitou tantas dificuldades como eu pensava, e acabou por ser uma experiência engraçada e que me irá marcar para sempre. " (Mariana Magalhães)



Quem tem medo

A protagonista desta história tem um nome que lembra o feiticeiro mais famoso da literatura juvenil – Harry Potter -, mas a magia que tem de realizar é bem mais complexa: o encontro consigo.

O título desta peça é uma pergunta desafiante que evoca, simultaneamente, uma história tradicional, em que o lobo é a representação do mal e do medo, e o drama de Edward Abee, "Quem tem medo de Virgínia Woolf", que apresenta casais que vivem numa tensão permanente e se envolvem numa rede em que a verdade e a mentira rapida mente se tornam indistintas. No entanto, mais do que os conflitos existentes entre os jovens, aquilo que eles temem é a explosão interior de Henri Porta e os efeitos dessa explosão nela e nos que a rodeiam. O lobo, afinal, está no interior de cada um e, por isso, as vidas deles serão marcadas por encontros e desencontros, próprios de uma adolescência em que as forças que se medem interiormente nem sempre facilitam o conhecimento que a paz interior e a relação com os outros exigem.

O diálogo que abre a peça apresenta quatro jovens, que numa alternância entre o dia e a noite, mostram como a divergência pode ser harmonizadora:"- Não, deem-me a noite! Quero a luz desmaiada que nos ilumina a imaginação, quero os sonhos que só a escuridão alimenta, como se a verdade fosse invisível ao olhar"; "É o dia que reencontra as formas, é essa luz que as define, que as faz viver pelo olhar com que as sabemos existir. É ela que nos aparece, que nos chama". E é num movimento circular que as frases se sucedem como acontece no ciclo do dia, das estações, da vida. Mas é também um momento mágico, aquele que só a poesia das palavras consegue criar.

O cenário conduz o olhar até ao ponto de fuga e a estrutura sugere permanentemente uma teia onde os caminhos dos adolescentes se enredam, aguardando o momento e o acontecimento que harmonizará tempos, espaços e fragmentos do Eu para que cada um se encontre nesse ponto sempre visível, mas nunca alcançado. Tal como acontece no conto de Fernando Campos "A caminho de Monsaraz", inserido na coletânea "Viagem ao ponto de Fuga": "Estamos enredados em linhas. Horizontais, verticais, oblíquas, retas e curvas, contínuas, quebradas, uma teia de aranha em que se nos enleiam pensamentos, sentido estético, noção de valores e andamos à procura da Grande Aranha que a teceu".

Assim, é no interior e em torno desta teia, que é espaço, tempo e vozes, que se desenrola a peça escrita e encenada por Paula Romão que o Grupo de Teatro do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal apresentou ao público, no dia 11 de maio, no Teatro Municipal de Bragança, num jogo de movimentos que ora revelam ora encobrem esse ponto de fuga.

Numa alternância entre o século XVI e o XXI, a peça apresenta um grupo de damas e cavalheiros do paço, familiarizados com os galanteios poéticos camonianos, e um grupo de jovens em idade escolar cuja principal preocupação é a alteração de um dos seus membros, Henriqueta Porta. Esta vive a angústia de se sentir perdida e de ter de lidar com duas das suas irmãs adolescentes, Hérmia e Rute, que estão demasiado centradas em si para se aperceberem da crise que a irmã vive e para ouvirem a sensatez e ternura da irmã mais nova, Rita. Por isso, elas gritarão "até que a voz lhes doa" para, depois, no silêncio, encontrarem a calma que procuram e a sua própria voz. Enquanto isso, a protagonista vive sozinha a sua angústia e o seu segredo: ser guardiã do mistério que a família conserva há gerações e que se materializa numa caixa que, como a de Pandora gera curiosidade, medo, e traições, mas acabará por ajudar a restabelecer o equilíbrio, quando as duas épocas se encontrarem.

Para tal, os dois galãs do século XVI, Procópio e Berengário, que disputam o amor de Preciosa, sofrem o efeito das artes mágicas de uma caixa ancestral que esta possui e acordam tão estonteados, no século XXI como as personagens de "Sonho de uma noite de Verão" de Shakespeare, depois de Puck espargir a poção de amor sobre elas a pedido de Oberon. Aí, terão de lidar com a sua própria incompreensão do sucedido e com a intolerância e ironia dos adolescentes que não lidam bem com a sua excentricidade. O insólito evento acabará, afinal, por mostrar, através da viagem que quebra as barreiras temporais, a importância de integrar o passado no presente para se chegar ao conhecimento de si e se poder avançar com segurança. O diálogo entre Preciosa e Henri mostra que esta já se encontrou e está em paz.

Deste modo, numa história que equilibrou o dramatismo e o humor, a juventude inquieta e a sabedoria ancestral, a escuridão e a luz, a tensão e a descontração, os jovens do grupo de teatro, que tiveram a coragem de aceitar o desafio que a coordenadora deste projeto lhes lançou, souberam integrar o espírito de cada personagem e presentearam o público com um excelente espetáculo pautado pela qualidade da representação, pela excelente seleção musical e pela riqueza da mensagem. Havemos atores.

Neste que foi o meu último ano no teatro escolar desempenhei o papel de duas personagens. A primeira era a Luz, integrante dos monólogos que iniciaram a peça e defensora do dia. A outra foi Ceres, umas das amigas de Henri, que ao longo de todo o teatro, tal como o restante grupo, se mostra preocupada com o estranho comportamento da amiga.

Sendo finalista, posso dizer que este último adeus a uma atividade que acompanhei ao longo de três anos não podia ter sido melhor, pois apesar de todo o trabalho e dedicação, no fim vale pena, por tudo e pelas amizades e aprendizagens que se adquirem. (Maria Manuel)



Ficha Técnica

Personagens		Intérpretes
Henri Porta	-----	Joana Aguiar
Hérmia	-----	Mariana Magalhães
Rute	-----	Matilde Barros
Rita	-----	Diana Rodrigues
Alice	-----	Mariana Oliveira
Ariadne	-----	Ana Carvalho
Cecília	-----	Sofia Rodrigues
Ceres	-----	Maria Manuel Gorgueira
Emília	-----	Matilde Fernandes
Gustavo	-----	António Ramalho
Roberto	-----	Daniel Ramos
Xavier	-----	Sérgio Silva
Preciosa	-----	Inês Marrão
Angélica	-----	Ana Rita Santos
Ema	-----	Joana Alves
Procópio	-----	Bruno Gomes
Berengário	-----	Guilherme Morais
Clotilde	-----	Ana Rita Abreu
Mesouro	-----	João Vitor

Texto e encenação ----- Paula Romão
Cenografia ----- João Ortega, António Sá
Operação de som ----Guilherme Moreira
César Malainho
Coreografia ----- Cesar Malainho
Figurinos ----- Fernanda Brás Alves
Fotografia ----- Elza Simão e alunos do curso profissional de Multimédia

de Henri Porta?

Desporto Escolar

Estrelas do basquetebol

A equipa de basquetebol da nossa escola participou este ano no Campeonato Regional, onde ganhou a medalha de terceiro lugar. Quatro dos jogadores participaram, ainda, no projeto FPB 3X3, no qual se afirmaram como a terceira melhor equipa do país.

Bruno Gomes
12ºB

Realizaram-se, nos dias 28 e 29 de Abril em Famalicão, os Campeonatos Regionais de Desporto Escolar em Juvenis, para os quais a equipa da Abade de Baçal se apurou, depois de ganhar três dos quatro jogos que disputou com a Escola Secundária de Mirandela. Foram dois dias em cheio, que reuniram sete desportos e que proporcionaram aos atletas muitos momentos de convívio, para além de toda a competição desportiva. A nossa equipa começou por perder o primeiro jogo uns escassos 3 pontos (61-64), já em prolongamento, frente à Escola Secundária de Santa Maria Maior (Viana do Castelo). No segundo jogo contra a Escola Secundária Rocha Peixoto (Póvoa de Varzim), depois de uma má entrada (25-2 no primeiro período), não conseguiram fazer melhor do que encurtar a distância no marcador até aos finais 58-47. Apesar dos resultados, e num torneio algo marcado pela escassez de desportivismo, a nossa equipa destacou-se pela postura em campo, pela capacidade para lidar com a falta de fairplay do adversário e por todos os valores demonstrados.

Já no projeto "3X3 nas escolas", Bruno Gomes, Henrique Moreira, João Rodrigues e Rúben Killian foram a Gondomar no dia 18 de Maio disputar a final nacional de 3x3. Depois de vencerem o encontro local na escola Emídio Garcia, o regional em Mirandela, os rapazes da nossa escola subiram ao pódio nacional para receber a medalha de terceiro lugar, depois de um dia cheio de basquetebol onde a-penas perderam os últimos dois jogos - os primeiros lugares foram decididos numa "final a três".

É, portanto, positivo o trabalho realizado pelo professor Carlos Dinis Fernandes na equipa escolar de Basquetebol, depois de um ano cheio de pontos altos.







Missão: promover o desporto

Os professores do grupo disciplinar de Educação Física, procurando ir ao encontro das preferências, motivações e necessidades dos seus alunos, organizaram ao longo do ano letivo, um conjunto de atividades na escola, tendo como objectivos realçar sempre o prazer de fazer desporto e a alegria de participar, estimular e promover a prática da actividade física. Estas atividades encontraram, mais uma vez, bastante receptividade por parte dos nossos alunos, revelando-se ao mesmo tempo de grande importância numa dimensão do desenvolvimento integral dos mesmos. Apesar das condições de realização das atividades, nem sempre ter sido a melhor, foi com satisfação que constatámos sempre um elevado número de participantes distribuídos pelos vários escalões, mas também, pelo ambiente de alegria e motivação que as caracterizou.

As atividades planeadas decorreram com muito sucesso, contribuindo para a dinamização dos espaços escolares e para despertar nos alunos e comunidade escolar, valores importantes de carácter estético, artístico e desportivo.

Destacamos as modalidades realizadas: Corta-mato Escolar; Basquetebol 3X3; Mega Sprint e os respetivos apuramentos e classificações:

Basquetebol 3x3 Equipa de Infantis B Masc no Regional

Basquetebol 3x3 equipa de Juniores vencedora do Regional

Basquetebol 3x3 equipa de Juniores classificada em 3º no Nacional em Gondomar dia 18/5/2017.

Corta-mato escolar:

Ana Cristina 2ª classificada no Corta mato Nacional Adaptado

Os vários grupos equipa do Desporto Escolar participaram ao longo do ano nos encontros organizados pelas várias escolas do Concelho, tendo obtido bons resultados nos diferentes escalões.

- Basquetebol, equipa de Juvenis Masculinos 3ª no Regional Norte e Campeã distrital (CLDE Bragança)
- Futsal, equipa de Juvenis Femininas 2º class (CLDE Bragança)
- Atividades Rítmicas Expressivas (Dança)

Participaram nos vários encontros de Dança os alunos :

Ana Costa, 7º E, Bruna Aradeiras, 7º E, Telma Gonçalves, 8º D, Alberto Rodrigues, 8º D, Marta, 8º D, Eliana Gonçalves, 8º B, Marta Pires Alves, 9º E, Luana Feliciano, 9º E, João Vitor Maciel, 10º D, Ana Fernandes 11º A, Andrea Dinis, 11º C, Sara Gonçalves, 12º A, Tânia Mendes, EPPU, Luís Mendes, PIEF 2/3.

- Voleibol Juvenis Femininos;
- Voleibol infantis B Femininos;
- Infantis B masculino de futsal;
- Iniciados masculino de futsal;
- Badmínton mistos:

Os alunos participantes no grupo/equipa de Badmínton, Tânia Fernandes, 9.ºE; Bruna Fontoura, 9.º D; Tatiana Vaz, 9.º E; Sónia Chen, 9.º E; João Pedro Lisboa, 9.º E; Gonçalo Vara, 9.º E; Daniel Chen, 9.º E; David Chen, 9,º E; Luís Ferreira, 9.º PIEF T2; Diogo Soares, 9.º E; Diogo Branco, 8.º B; Eduardo Ferreira, 8.º B; Ana Carolina, 11.º EPPU e Christian Coelho, 11.º EPPU, realizaram as suas competições, a contar para o calendário de competição Distrital, obtendo bons resultados, principalmente por ser a primeira participação do grupo de iniciados na competição. O "Fair-Play" imperou em todos os encontros e tem sido uma mais-valia na formação pessoal e desportiva destes alunos. Todos os alunos estão de parabéns, não só pelo esforço e dedicação demonstrada até à data, mas também pela excelente representação da nossa escola nas competições já realizadas.

- Boccia misto;
- Basquetebol infantis A;
- Atletismo.

CQEV vs QUALIFICA

Como é do conhecimento público, o atual governo criou, através da Portaria n.º 232/2016 de 29 de agosto, os Centros Qualifica. A referida portaria revoga a Portaria n.º 135 -A/2013, de 28 de março, que tinha dado origem aos Centros para a Qualificação e o Ensino Profissional (CQEP).

Manuel Norberto Trindade
(Coordenador do Centro Qualifica)

O que muda com a alteração da portaria e com a designação dos Centros? Em termos de organização e funcionamento, nada. Mantêm-se as atribuições, a estrutura orgânica, os recursos, o número de horas atribuído e as formas de reconhecimento, validação e certificação de competências.

Há, contudo, associado aos Centros, três alterações que merecem a nossa atenção. Uma é de cariz mais estrutural e técnica (esta criada, curiosamente, em portaria diferente da dos Centros Qualifica e publicada 6 meses depois), outra, de natureza política e uma terceira sobre a redefinição de metas a atingir pelo Programa Qualifica e por cada um dos Centros que lhe dão corpo.

Estrutural e tecnicamente o Governo cria, com a Portaria n.º 47/2017 de 1 de fevereiro, o Sistema Nacional de Créditos com o objetivo de, nomeadamente, "promover a flexibilização dos percursos de qualificação, capitalizar percursos individuais de formação e de aprendizagem ao longo da vida e favorecer a legibilidade e reconhecimento do sistema de ensino e formação profissionais por parte dos diversos atores". Os pontos de crédito acumulados podem ainda ser transferidos total ou parcialmente para outras qualificações. Associado às creditações surge o Passaporte Qualifica, "que vem permitir não só registar as qualificações obtidas (numa lógica de currículo ou de caderneta), mas também identificar o percurso de qualificação efetuado pelo indivíduo até ao momento, simular percursos de qualificação possíveis através das qualificações disponíveis no CNQ e organizar o percurso de qualificação efetuado ou a efetuar, em função das qualificações que o indivíduo pode obter e da progressão."

Politicamente, dizem alguns, parece haver maior vontade política do governo, pelo menos a nível de marketing e de imagem. São bons exemplos o anúncio público do Programa Qualifica pelo primeiro-ministro e a mudança de logótipo.

Por último, a redefinição das metas é, seguramente, a que mais preocupação suscita aos Centros, dado que são, não apenas otimistas, mas talvez excessivamente otimistas, sobretudo para zonas geográfica e demograficamente deprimidas como é o caso de Trás-os-Montes. Em termos gerais, o Governo, quer garantir nos próximos quatro anos que 50% da população ativa conclui o ensino secundário e que a taxa de participação de adultos em ações de aprendizagem ao longo da vida seja de 15% em 2020 e de 25% em 2025. Para atingir estes valores os 261 Centros Qualifica terão que conseguir inscrever anualmente 145 755 adultos, o que perfaz, no período dos 4 anos, o valor de 583 020 formandos inscritos.

Aos 93 Centros Qualifica promovidos por Escolas ou Agrupamentos de Escolas exige-se a árdua tarefa de inscrever anualmente 46 010 formandos o que perfaz 184 040 no período de quatro anos. Estres valores impõem aos centros a exigência/capacidade de inscrever 500 adultos anualmente, dando uma média mensal de 41,6.

Para que os centros consigam executar as metas estipuladas, o Governo definiu alguns desafios que os mesmos terão/deverão satisfazer. São eles:

- A flexibilização de recursos;
- Mobilização dos adultos para a qualificação;
- Articulação entre stakeholders (encaminhamento para modalidades de qualificação, formação complementar nos processos de RVCC);
- Compromisso com níveis de desempenho;
- Integração plena do Centro na atividade das diferentes entidades promotoras.

Para que os objetivos sejam alcançados, o governo, talvez por percepcionar pouco realismo nos números impostos como metas, propõe-se criar um Modelo de Monitorização e Acompanhamento dos Centros. Nesta componente de monotorização a equipa responsável pelo acompanhamento, formada pela ANQEP, IEFP e DGEstE, terá, para além de outras competências, a função de produzir relatórios mensais para envio a cada Centros Qualifica, com:

- Taxas de execução face às metas estabelecidas;
- Evolução da atividade num determinado período de tempo;
- Comparação com o desempenho da rede ao nível das NUTS III, NUTS II e NUTS I;

CENTRO QUALIFICA ABADE BAÇAL

e
rede
ao nível das metas contratualizadas.

Posto isto, torna-se claro o objetivo do governo: os Centros não podem fazer de conta que não sabem o que os espera. As metas são claras, e foram apresentadas de forma bastante persuasiva. Mas os valores são elevadíssimos, não obstante a escassez de meios e recursos. Acresce a esta análise o estigma de integrarmos um "departamento" que ninguém conhece nem valoriza, onde poucos trabalham dia e noite para satisfazer a necessidade de muitos, com a agravante de termos de sair da "nossa pseudo-autonomia profissional e pedagógica" para suplicar a pessoas, instituições e amigos que nos ajudem a concretizar os objetivos que nos impõem. Situação que nos coloca numa posição ingrata, difícil, de concorrência feroz e nem sempre leal entre Centros, que se esforçam para conseguir atrair adultos dispersos geograficamente, desmotivados e que não reconhecem, à imagem do tecido empresarial, qualquer mais-valia na melhoria da sua qualificação.

Sensibilizar os jovens

Na semana de 08 a 12 de maio, a Associação Amicus Canis iniciou as Ações de Sensibilização na Escola Augusto Moreno para os alunos do 6.º ano de escolaridade, com o tema: "Cuidar dos Animais - Bem Estar Animal, Ser Responsável".

Estas ações foram organizadas pela AMICA, com o contributo dos médicos Veterinários da cidade, da Câmara Municipal de Bragança e do Instituto Politécnico de Bragança.

Através destas Ações de Sensibilização pretendemos sensibilizar os alunos para a forma como devem ser tratados os animais e, desta forma, ensiná-los que há uma responsabilidade acrescida quando se decide ter um animal de companhia; abordar a questão da esterilização, o que é, quais são as vantagens em ter um animal esterilizado e como é importante no controlo da população de animais, prevenindo o abandono; o que é adoção responsável e o que fazer antes de decidir adotar um animal; o que fazer quando um animal apresenta um comportamento inadequado e falar um pouco acerca das leis existentes na proteção dos animais de companhia.

Leis de proteção animal,

Lei n.º27/2016 - Lei n.º 27/2016 de 23 de agosto Aprova medidas para a criação de uma rede de centros de recolha oficial de animais e estabelece a proibição do abate de animais errantes como forma de controlo da população.

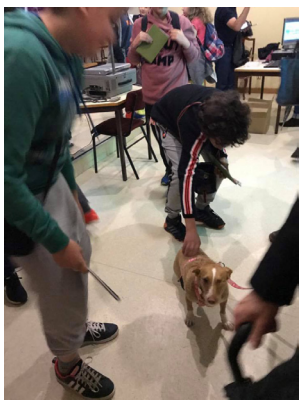
Alteração ao Código Civil - atribui aos animais um estatuto de "seres vivos dotados de sensibilidade" e "objecto de proteção jurídica". Com esta alteração os animais deixam de ser considerados "coisas".

As ações decorreram com grande entusiasmo das crianças do 6.º ano, que colocaram bastantes questões acerca do que ouviram.

É uma enorme satisfação saber que contribuímos para que estas crianças sejam no futuro adultos, não só, sensibilizados para a forma como devem ser tratados os animais, face aos seu bem estar e dignidade, mas também, mais informados face às Leis atuais e recentes de proteção dos animais de companhia.

Associação Amicus Canis - AMICA





AMICA AMICUS CANIS

S.Valentim no EPIzeda

No dia 14 de fevereiro de 2017, os formadores do EPI dinamizaram um concurso de escrita alusivo ao tema. Pedia-se aos formandos que escrevessem um texto. Apelava-se ao gosto pela escrita, à criatividade, à vontade de dizer no papel o que a boca não consegue pronunciar. Num dia como este para a comunidade "livre", onde tomamos tudo como garantido, a data apresenta-se quase como mais um dia para celebrar: o amor, a amizade, o companheirismo, a vida… No entanto, para muitos que vivem nesta comunidade ler e escrever torna-se imprescindível para exorcizar muitas das preocupações e enleios da alma. Assim surgiram textos aguerridos, tormentosos, tristes mas também frescos, vivos, divertidos. Escolhemos três:

Ana Marisa Almeida

1º lugar
Desejo/Sonho

Existe um ser
Algo nela me fascina
Queria podê-la ter
Como nos meus sonhos de menino.
Ela é morena, charmosa mas triste.
Gostava tanto de a fazer sorrir!
De lhe mostrar o que na vida existe
E com ela coisas belas poder descobrir.
Há tanto para aprender…
Ai! Como seria bom que ela me acompanhasse
E comigo histórias lindas vivesse
E que me apaixonasse
Que se apaixonasse.
Tantas ideias, tantos desejos por realizar.
Tantos sonhos de a ver, ter e a poder amar…
Penso. Será tudo uma ilusão?
Que juntos nunca estaremos?
Então para quê ouvir o meu coração?
Porque se calhar nem amigos seremos.
Mas entre nós existe uma grande conspiração
E uma enorme paixão.

Rui Pinho

criações

2º lugar
Espaços abertos

Quantas vezes a lua esteve à minha frente?
Quantas gotas de chuva molharam o meu corpo?
Quantas noites vazias?
Quanta solidão?
Quantas tardes esperando por ti?
Pensando naquele amor que por ti é universo, que chega ao meu coração e pronuncio com a minha própria voz!
Estás aqui?!
Sinto cada espaço da minha solidão.
Vejo-te sorrir e depois desapareces;
Cruzas a distância que nos separa e eu aqui fico, pensando em ti.
Quantas vezes em sonho fugimos para o paraíso da loucura!
Quantas vezes os meus lábios gritaram quero-te, amo-te!
Quantas noites chorando como um menino perdido…

Miguel Araújo

3º lugar
Olá, AMIGO

Como contar a um amigo como me sinto.
Como explicar-lhe que agora mesmo, neste mesmo instante, as minha costas repousam numa árvore, os meus pés acariciam a erva, e o meu olhar pode perder-se num céu azul, repleto de nuvens passageiras, nuvens brancas de tal pureza que me transportam a outro tempo.
Como contar a um amigo que me sinto em paz comigo mesmo, que me sinto tão forte que em qualquer momento a vida pode pôr-me de joelhos para placar a minha arrogância.
Como dizer a um amigo, que em todos estes anos, aprendi a cair de joelhos, mas a levantar-me ainda mais forte.
Como dizer a um amigo que gosto dele e que o seu sofrimento é o meu sofrimento.
Como dizer a um amigo que andei morto em vida pelo que chamam amor.
Como dizer a um amigo que o meu coração esteve entre grades, com umas correntes tão fortes que chegam a asfixia-lo.
Como dizer a um amigo que tenho um coração forte e leal que conseguiu quebrar essas correntes.
Como dizer a um amigo que num breve período de tempo, vi morrer seres queridos, muito queridos e mesmo assim o meu coração lutou contra a escuridão.
Como dizer a um amigo que já sofro sem sofrer, que as anedotas da vida doem-me sem doer e que o sorriso da minha cara não é mais que o estado do meu coração.
Como dizer a um amigo que voltaremos a ver juntos as estrelas e a empapar a garganta com tequilha.
Como dizer a um amigo que vivo a vida com a certeza que esta viagem nunca acaba.
Como dizer a um amigo que as feridas saram mas deixam cicatrizes. Sim, amigo, cicatrizes!
Como dizer a um amigo que o segredo está em observar essas cicatrizes e dar-se conta que são aprendizagens, simplesmente isso, amigo, aprendizagens.
Por isso, amigo, nunca deixes que o teu coração esteja triste!
Como pode entristecer quando aprende?
Olha as tuas cicatrizes, amigo, como eu um dia olhei as minhas.
Quanto mais profundas forem, mais sábias foram as lições e , então, sorri, sorri…porque te sentirás vivo e poderás olhar as nuvens com olhos de criança.
Como dizer a um amigo que a sua família é a minha família e que em mim sempre encontrará um amigo.

Manuel Felgueiras

Nostalgia

Estou aqui
nesta noite de breu
ouvindo o assobio do vento
acariciado pelo crepitar do fogo.
Mas, estou aqui
aqui, nesta balada dos dias
segurando um rosário de mágoas
banhadas de prantos longos
apertando com medos e fé o crucifixo
mas, estou aqui.
Aqui neste vale de hipocrisias em
espirais e volutas de fantasias
massificadas pelo rasto dos sentimentos feridos,
que brotam inquietações ávidas de mil poentes
que estonteiam aves de rapina
prontas a atacar…
Mas, estou aqui.
Aqui neste desespero das palavras nuas
que se desprendem no degredo dos dias
mas, arguta destapo incertezas
correndo atrás da força da verdade
soprada da luz da alma e da flauta febril da interioridade
arrastada pela irreverência do tempo.
Mas, estou aqui.
Aqui, presa no tempo do ontem magoado
asfixiada na poluição dos olhares vesgos de maldade
que rompem as fronteiras do sério.
Mas, estou aqui.
Nesta nostalgia contagiante
embriagada de sombras e vivências
com um jogo de emoções a saltarem-me do peito
amordaçadas no universo dos sentidos feridos.
Embalando um manto generoso de saudade
inundada de oceanos frios de lágrimas.
Mas, estou aqui.

Fernanda Tiago

Lágrimas

As minhas palavras são rios secos
até quando, não sei?...
Correm correntes debruadas de magia
enquanto, pálida e triste criança dorme…
Malabarismos do destino?...
Conhece horas badaladas de melancolia.
Sente a melodia da chuva bordada de gritos,
a côdea dura e negra, amolecida de lágrimas
passeadas nas dores agudas do peito.
Endurecidas cicatrizes magoadas
em tenra criança tristonha e calada.
dorme na curva anónima da estrada.
A igualdade esqueceu-se de a abraçar.
Tem nome perdido nas estrelas
majestosas despedidas de luz
oh mundo encapelado em
sangue, em fogo, em fúria,
em fundamentalismo, em xenofobia.
Não mates crianças que crescem.
Cerra os olhos cobiçosos e estende-lhe
o Pão.

Fernanda Tiago

Auto dos tempos modernos

Os textos a seguirt apresentados foram produzidos na sequência do estudo de "Auto da Barca do Inferno", de Gil Vicente, tendo sido pedido aos alunos que apresentassem o seu ponto de vista relativamente a uma figura pública atual, que considassem merecer o Paraíso ou o Inferno, de acordo com a doutrina apresentada pelo dramaturgo.

Donald Trump

A personagem atual que eu escolho é o presidente Donald Trump.

Na minha opinião e de acordo com a doutrina apresentada por Gil Vicente, ele é claramente merecedor de entrar no batel infernal e até aconselharia o diabo a trocar o seu ajudante por este homem, pois eu acho que içar velas e puxar cordas não lhe faria mal nenhum!

Os argumentos que apresento são essencialmente dois. Passarei, a seguir, a fundamentá-los:

Em primeiro lugar- as leis que tem aprovado são xenófobas, racistas e discriminadoras;

E em segundo lugar, a sua conduta moral é reprovável e tem um profundo mau gosto e má educação.

Relativamente ao primeiro argumento, desde que tomou posse, Trump, de uma forma arrogante e prepotente, pretende impedir pessoas de sete países árabes de imigrar para os Estados Unidos e, para isso, promulgou leis que lho permitissem. No entanto já dois juízes embargaram essas leis, pois o poder judicial, nos Estados Unidos tem muita força. Além disso, Trump pretende mandar construir um muro em toda a fronteira com o México, pago com o dinheiro dos mexicanos, o que não me parece que venha a acontecer!

Quanto ao segundo argumento, Donald Trump fez uma campanha presidencial baseada nos insultos e rodeou-se de apoiantes racistas e machistas e ele próprio emitiu comentários de extremo mau gosto sobre as mulheres e as suas capacidades intelectuais e de liderança.

Estamos em pleno séc. XXI e este homem parece uma personagem quinhentista, retirada de um auto de Gil Vicente! Embarquem-no no batel infernal, com urgência!

Matilde Guerreiro, 9.º C.

Ricardo Salgado

Tal como se vê no ''Auto da Barca do Inferno" de Gil Vicente, as personagens são julgadas de acordo com as suas ações na vida terrena. Uma figura da sociedade atual que penso que deveria entrar na Barca do Inferno é o antigo presidente do Banco Espírito Santo, Ricardo Salgado.

Salgado encaixa-se nalgumas facetas de duas personagens da obra: o Onzeneiro e o Sapateiro. O antigo presidente do BES tem algumas semelhanças com os anteriores, mais concretamente na burla e no abuso de confiança. Tal como as personagens da obra, Ricardo Salgado, de certa forma, explorou o povo e tirou partido do seu cargo para seu benefício. Uma das atitudes condenáveis seria a quantidade de dinheiro que o banqueiro retirou a milhares de pessoas. Estas ficaram conhecidas por ''lesados", pois ficaram sem parte ou até mesmo sem todo o dinheiro que continham nas suas contas bancárias, e devido a este acontecimento, entraram em manifestações, conflitos e chegou mesmo a haver feridos por causa disso. Outra atitude condenável seria o abuso de confiança, pois o banqueiro aproveitou o facto de estar à frente de um dos maiores bancos portugueses para tomar decisões que o beneficiavam, mas que prejudicavam muitos outros.

Concluo que Ricardo Salgado poderia encaixar num personagem-tipo conhecida como ''Banqueiro", caso Gil Vicente escrevesse o ''Auto da Barca do Inferno" nos dias de hoje, pois o antigo presidente do BES fez o que muitos banqueiros portugueses fizeram: desviaram dinheiro e prejudicaram o povo.

Gonçalo Rodrigues, 9ºC

José Saramago

DIABO- "À barca, à barca, que temos gentil maré! Atesa aquele palanco e despeja aquele banco! À barca, à barca, hu-hu!

(Entra, no Cais, um homem senil chamado José, carregado de livros, e dirige-se para o batel infernal)

DIABO- Seja bem-vindo ao meu batel, velho compincha. Finalmente esticaste o pernil, Sr. Doutor.

JOSÉ- Não compreendo o disfemismo, barqueiro. Já nos havíamos conhecido?

DIABO- Sim, há largos anos…

JOSÉ- Em que ocasião?

DIABO- Velho Saramago, nunca suspeitaste, porque é que um aluno tão burro como tu nos teus primórdios infantis, conseguiu criar aquelas divindades a que chamam de livros. Foi tudo devido a um acordo realizado entre ti e mim, o Diabo, durante um sonho teu.

JOSÉ- Isso não possível… Tudo que criei durante a minha vida foi fruto da minha genialidade…

DIABO- Daí que a justiça divinal te tenha mandado vir carregado de livros escritos por ti. E agora vais ter de cumprir a tua parte do acordo: uma infinidade de anos de trabalho no Inferno.

JOSÉ- Não é possível…

(Indignado, Saramago dirige-se à outra embarcação que, apesar de não se encontrar tão preparada, possuía um aspeto mais puro.)

ANJO- Que ousadia, em te dirigires ao Paraíso. Este lugar não pertence a pessoas como tu.

JOSÉ- Como assim pessoas como eu?

ANJO- Ateus, que não acreditam em nenhuma religião! E, ainda por cima, ousas usar o nome de Cristo nos teus livros escritos por Berzebu.

(O Diabo intervém na conversa e dirige-se a Saramago, puxando-o para a sua barca)

DIABO- Entrai! Entrai! Entrai! Ei-la prancha! Ponde o pé..

JOSÉ- Pois então, entremos…

DIABO- À barca! À barca! Em tanto virá mais gente.

JOSÉ- Ó barca, como és ardente! Maldito quem em ti vai!

João Pires, 9ºC

Kim Jong-un

Kim Jong-un é o Líder Supremo da Coreia do Norte, acusado de violar os direitos humanos, de execuções a "purificações" e de fazer ameaças nucleares contra outros países.

No regime atual praticado por Kim Jong-un, os direitos humanos já foram violados inúmeras vezes; não existe liberdade de expressão, o radio, a televisão, a música e as notícias só estão disponíveis para membros do governo, existem, também, "campos" dedicados a albergar prisioneiros políticos, que são constantemente sujeitos ao trabalho forçado, a abuso físico e a execuções.

A Coreia do Norte, sob a liderança de Kim Jong-un, tem continuado a criar armas nucleares e, devido a isto a Coreia do Norte poderá começar uma Guerra Nuclear a qualquer instante. Esta realidade também é comprovada pelas inúmeras ameaças feitas contra os Estados Unidos da América. Recentemente, Kim Jong-un afirmou ter criado e testado uma bomba de hidrogénio, que é muito mais destrutiva que as bombas nucleares.

Eu acho que Kim Jong-un deveria ir para o Inferno, graças às violações dos direitos humanos, aos incontáveis homicídios feitos em seu nome, às ameaças de guerra, que provocam medo e preocupação. Estes são apenas alguns dos crimes praticados por Kim Jong-un e, na obra de Gil Vicente, personagens foram para o inferno por muito menos.

Emanuel Videira, 9ºC

Marcelo Rebelo de Sousa

Marcelo Rebelo de Sousa é uma figura pública de Portugal, tendo o cargo de Presidente da República.

Na minha opinião, Marcelo Rebelo de Sousa, de acordo com a doutrina de Gil Vicente, merece ir para o Paraíso. Existem vários argumentos que fazem com que pense desta maneira.

O recente eleito presidente da República tem sido diferente de todos os outros dos anos anteriores. Este tem um contacto direto com as pessoas e está presente em todas as festas e/ou celebrações do povo. Teve muitas atitudes de bondade, como na época de Natal em que foi visitar as crianças nos hospitais e jantar com um sem-abrigo. Em relação ao país em si, este sugeriu batizar o aeroporto de Montijo com o nome de Mário Soares, em homenagem ao ex-chefe de Estado que faleceu este ano, no dia 7 de Janeiro.

São estas pequenas, grandes coisas que me fizeram dizer que Marcelo Rebelo de Sousa merece ir para o Paraíso, visto que tem determinadas atitudes que demonstram que é uma boa pessoa e que tem um bom coração.

Beatriz Preto, 9ºC

Francisco Sá Pires
A Europa aqui tão perto

O mundo mudou. Abriu-se e oferece aos jovens oportunidades que até há pouco tempo pareciam ser exclusivo dos filmes e de jovens oriundos de outros países, onde o medo não espreita a toadas as portas, as mães não são tão galinhas nem os pais tão controladores. E os jovens aproveitam e cada vez mais sentem que são grandes de mais para ficar presos no seu país. E partem. E vivem aventuras. E aprendem. E crescem. Como o Francisco, que teve a coragem de desistir para poder recomeçar em direção ao seu sonho. E, enquanto o momento do reinício não vem, ele navega e o mundo vai ficando cada vez mais pequeno.

Francisco Sá Pires
22 Anos
Lema de Vida: "Heroes come and go but legends are forever", "Vai ser sempre pelo sangue, suor e lágrimas"

Percurso Académico:
O meu percurso académico foi dividido entre a escola básica da Mãe D'água e a Escola Paulo Quintela, isto antes de ingressar na mítica industrial onde fui muito feliz ao longo de 6 fabulosos anos. De seguida ingressei na licenciatura em Ciências do Desporto na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, seguida de uma viagem (não tanto académica, mas formativa) e em setembro começo um programa de Mestrado em Gestão Desportiva na mesma instituição (Fadeup) .

Percurso Pessoal:
"Nascido" e criado por entre corredores da Abade de Baçal, explicando assim o apelido aos mais distraídos, estive sempre ligado ao desporto e à descoberta, fui escuteiro durante 10 anos e aventureiro/sonhador durante 21…
Para além disso não existe muito mais: divido o tempo por entre séries e filmes, noitadas com os amigos de sempre e muita música sempre à mistura por entre os meus dias, ah e já que estamos na categoria da música: PARABÉNS SALVADOR!

(14/05/2017)

Como surgiu a ideia de fazeres voluntariado?
Bem, este ano comecei um mestrado lá na mesma faculdade em que sempre andei, mas depois de um duro e complicado semestre concluí que não era bem o que esperava e ainda mais importante, cheguei à conclusão que não era o que pretendia praticar no futuro, por isso, e um bocado às escondidas dos meus pais, decidi cancelar este ano de estudos e planear uma viagem, um voluntariado, qualquer coisa que me preenchesse como eu sempre quis…
Procurei um pouco em sítios de voluntariado e descobri um muito interessante: em território europeu (que me facilitava muito em burocracias de visas e ter que adquirir um passaporte), relacionado com a minha área e numa região europeia totalmente nova para mim. Esta zona do adriático, os Balcãs, é muito diferente da Europa a que estamos habituados e isso era também uma motivação que me deixava viajar "lá fora", "cá dentro".
O meu projeto consistiu em desenvolver um programa de atividade física e saúde para jovens, com especial foco e atenção para com os refugiados que começavam a chegar a Atenas, onde estive por um mês e meio. A associação responsável pelo meu voluntariado é a AIESEC, que procura projetos de acordo com as especificações de cada interessado bem como o orienta em todo o processo, desde o momento em que o aceitam na entrevista até ao dia em que chega ao país com o qual se comprometeu, sendo que também são responsáveis por arranjar alojamento e fazer o transporte do aeroporto para o local do alojamento.
Os refugiados com que eu tive contacto não eram recém chegados à Grécia, pelo que me disseram. Já tinham estado na ilha de Lesvos por quase 5 meses. Os jovens que conheci, naturalmente, não estavam muito à vontade para falar da sua experiência com um português, estavam muito mais interessados em falar de um português Campeão da Europa, o Ronaldo e companhia. Gostaria, no entanto, de salientar que TODOS os refugiados com que tive contacto eram muito boas pessoas.

Que expectativas tinhas com esta experiência?
Vou começar pelo fim: apesar do trabalho que desenvolvi, sinto que poderia ter feito muito mais, por exemplo, organizamos um torneio de futebol para recém-chegados sírios em Atenas e essa tarde foi dos momentos mais gratificantes que vivi durante todo o voluntariado. De qualquer forma, fui para a Grécia com o propósito de ajudar e saí de lá com o sentimento de dever cumprido, que, no final de contas, é o mais importante.

Que preparativos tiveste de fazer?
Sinceramente, não fiz assim nada de especial, para lá da mochila e de me certificar de que deixava o meu quarto arrumado. Basicamente, informei-me sobre a Grécia e sobre o que se esperava do meu voluntariado. Procurei um bilhete de avião barato e no prazo de um mês lá vim eu…
Já que estou a escrever sobre os meus preparativos, devo fazer um especial parágrafo sobre o que me custou mais a preparar, que foram os meus pais! Para lá da "ideia" de cancelar o mestrado, a vinda para outra parte da Europa sem data de regresso também os deixou de pé atrás, NATURALMENTE! Mas a conversar é que a gente se entende: sentei-me com eles à mesa e debatemos as coisas como deve ser, parecia uma reunião em que eu argumentava sobre o que ia fazer e que ia ser uma grande experiência e aventura para mim, ou ia mostrando mais ou menos o meu plano para os próximos tempos e, claro, deixei bem saliente que continuava a pretender candidatar-me a um novo mestrado assim que as candidaturas abrissem.

> **"Sinceramente penso que estou mais tolerante com as outras pessoas mas não tenho bem a certeza se foi o voluntariado ou a viagem em si que está a motivar isso.**

Comunicas regularmente com pais e amigos?
Agora que estou longe, a comunicação tem dependido um bocado, já estive numa parte da Grécia onde não tive Internet por alguns dias, já estive em hostels ou fiz CouchSurfing (ficar a dormir no sofá de desconhecidos) em que facilmente falava com a minha família ou com os meus amigos, depende muito, mas por norma tenho falado com os meus pais diariamente …

O Francisco mudou muito depois desta experiência?
Sinceramente penso que estou mais tolerante com as outras pessoas mas não tenho bem a certeza se foi o voluntariado ou a viagem em si que está a motivar isso. Em contrapartida, e orgulho-me bastante disso, tenho aprendido imenso sobre cozinha por estes países fora…

Terminado o voluntariado, resolveste manter-te em trânsito. O que tens feito entretanto?
Depois de um mês e meio em Atenas, viajei duas semanas pela Grécia, de norte a sul, visitei uma ilha, andei à boleia pela região de Meteora e cheguei a Salónica onde estive uns dias antes de seguir para a Bulgária onde também fiz Couchsurfing. No dia 6 de Abril fui de avião até Milão onde passei o meu aniversário com outro velho conhecido da escola (o Guilherme Teixeira) e viajei pelo norte de Itália, passando depois pela Eslovénia, Croácia e chegando finalmente ao Montenegro que era o meu objetivo. Neste momento, estou numa cidade da costa chamada Tivat e estou a trabalhar num hostel: consiste basicamente em fazer receção, servir no bar e certificar-me de que os clientes passam bons momentos aqui.

O que é que essa experiência te dá que Portugal não daria?
O que me motivou a fazer esta viagem, para lá da parte de desanuviar dos estudos por uma temporada, foi a vontade de experimentar viver na estrada, viver num mundo para lá daquele estilo de vida das 9 às 5, e quatro meses depois não poderia ter tomado melhor decisão …

Alguns momentos que gostasses de partilhar com os leitores do Outra Presença?
Nestes últimos quatro meses tenho vivido momentos incríveis e bastante inesperados: logo na minha primeira noite em Atenas, ainda nem tinha começado o projeto, perdi o último autocarro desde o centro da cidade para onde eu estava hospedado, que era a uns 8/9 quilómetros de onde eu estava, já era uma da manhã e 30/40 euros de táxi, que era algo que não me iria atrever a gastar… Comecei a andar, fazendo aquele sinal de "fixe" para pedir boleia, com frio horripilante, para terem a noção era o Inverno mais frio da Grécia nos últimos 40 anos … Pronto, passando algum tempo lá parou um carro e ofereceu-me boleia: uma albanês de 50/60 anos que ia na mesma direção. Claro que não falava inglês e o meu grego que atualmente é reduzido, na altura era inexistente … Pronto por entre a viagem e uns "Portugálika, Portugálika" lá o senhor começou a dizer o que sabia sobre Portugal e basicamente eram só jogadores da década de oitenta, com espe-



Svet Ilija, ;Montenegro

cial ênfase para o Paulo Futre… Lá cheguei são e salvo a casa e o senhor lá me adicionou no "Facebook" se eu voltasse a perder o mesmo autocarro para casa, pelo menos foi o que entendi …

Outra história e esta foi mesmo esquisita, pelo menos nunca me tinha acontecido: tinha já saído de Atenas e decidi ir, ainda com a minha colega de casa da altura (uma rapariga brasileira, é importante realçar de onde vem) e fomos para Meteora, como já tinha referido, estávamos lá num daqueles miradouros enormes e ela, a Gi, tira uma fotografia em que aparece um desconhecido que também estava de visita e ficou engraçada. Então, naturalmente, ela foi ter com ele, pedindo-lhe o e-mail para lha enviar. Até aqui tudo normal, não era a primeira vez que uma coisa assim parecida me estava a acontecer, até que o senhor, que já tinha um bons 50 anos, descobre de onde ela vem e fica com um sorriso enorme na cara, não porque ele era brasileiro, mas porque viajava com uma daquelas geladeiras cheias de gelados caseiros, feitos pelo próprio, e só tinha um sabor,Açaí, ou seja, uma fruta que existe predominantemente no Brasil. Depois disso, ele "obrigou-nos" a comer um gelado cada e digo, repito e recomendo: os gelados de açaí, pelo menos os "homemade" são HORRÍVEIS! Deviam ter visto as nossas caras, enquanto lá estava o homem a ver-nos a comer o gelado…

Em Milão, fui visitar o velho conhecido Guilherme e, claro, como bom "host" foi-me mostrar a cidade e tudo que ela tinha para oferecer, era a semana do Design. Existiam imensas atrações/exposições por toda a cidade: íamos então a caminho do castelo quando nos deparámos com o que era o inicio de um concerto que ia seguir pela noite toda. Eram seis da tarde e decidimos ficar por lá um bocadinho, nada de especial (pensávamos nós).

Chegámos a casa às 2 da manhã, sendo que, pelo meio, ainda encomendámos uma pizza em que a morada era o próprio concerto, mais especificamente "para a frente da mesa de som". Vocês não imaginam o sucesso que a nossa pizza foi, imensa gente a perguntar onde estava se poderia comprar, qual era a barraca que vendia pizza, tudo e mais alguma coisa. Em termo de conclusão: fomos os vencedores da semana do Design!

Agora pelo Montenegro, onde já estou há cinco semanas, já tive algumas aventuras caricatas: desde pertencer ao júri num concurso de culinária infantil a aparecer num vídeo promocional, tentar explicar a uma pessoa que não falava inglês como queria que me cortasse o cabelo (não ficam mal, surpreendentemente), como estão a imaginar, um pouco de tudo!

Qual a relação entre as aprendizagens feitas durante esta experiência e as aprendidas na faculdade?

Como a minha licenciatura é em Ciências do Desporto, e para lá do meu voluntariado, pediram-me, quando cheguei ao Hostel, para ser "encarregado" de organizar uns torneios de ténis de mesa ou de algum desporto coletivo que fosse do interesse dos hóspedes, o que é sempre divertido. Nestes dias que passaram até já me pediram para dar aulas de Wakesurf, o que ainda vai demorar algum tempo uma vez que ainda tenho que aprender!

Qual a experiência mais surpreendente? A que repetias? A que farias tudo para evitar? O que não podias deixar de levar na mochila? O que mudou no modo como perspetivas a vida e o mundo? Podes tentar apresentar a tua "receita" àqueles que pretenderem fazer voluntariado?

A experiência mais surpreendente que tive nem é bem uma experiência, foi uma pessoa que conheci no dia que cheguei ao Montenegro: uma senhora de 70 anos que viajava sozinha há três. Era americana, mas intitulava-se "uma Canadiana do Sul" e já tinha andado por toda a Europa durante esta sua jornada, ia umas semanas depois para a Polónia onde ia ficar por uns meses. Antes de ir, ainda teve a bondade de me coser um furo que eu tinha num par de calças, e até hoje ainda penso numa maneira para a compensar …

Sobre experiências más não tenho muito a dizer, as pessoas por norma gostam de ajudar e isso é muito bom, nunca me preocupei com questões de segurança, pelo menos, nunca pensei muito nisso, desde ir ao bairro dos anarquistas em Atenas até andar perdido pela Bulgária, os "nativos" são sempre boa gente e também sou um "ingénuo" que acredita na boa vontade de quem está à minha volta.

Um país que de certeza repetia seria a Eslovénia. Para quem não sabe, a capital Ljubljana é a mais pequena de toda a União Europeia, mas é tão bonita, bem organizada e cívica que até me arrependo de só ter estado lá uma semana, mas pronto, um dia mais tarde vou voltar lá!

A mochila é a coisa mais simples de uma viagem: roupa, não muita que a vida de mochileiro é de lavandaria em lavandaria e não de passerelle em passerelle, um casaco, um saco de cama, calçado cómodo e, claro, a máquina fotográfica!

Após estes meses, penso que olho para os viajantes de maneira diferente, são SEMPRE boas pessoas, únicas, aliás! Gente que é e que fica muito grata para com quem as ajuda. Acho que isso é das melhores recordações que devo manter e que me devo fascinar sempre que vir alguém numa jornada dessas.

A "receita" é simples. Não ter medo de sair da nossa zona de conforto e ir à aventura e, claro, quando voltar para Portugal chego com uma bagagem cheia de histórias para contar ao pessoal!

Concurso Nacional de Leitura

Leitores em competição

Anaísa Moreira, do 9ºB, vence fase distrital do Concurso Nacional de Leitura e representa o distrito na final nacional

No dia 27 de abril os alunos da Escola Secundária Abade de Baçal deslocaram-se até Miranda do Douro, com o objetivo de representar a escola na fase distrital do Concurso Nacional de Leitura.

Anaísa Moreira - 9ºB

A Escola Secundária Abade de Baçal foi representada pelos cinco alunos apurados na 1ª fase, dois do 3º ciclo (Anaisa Moreira e Constança Cabral) e três do secundário (Ana Carvalho, Inês Geraldes e Joana Aguiar).

Esta iniciativa, criada pelo PNL, tem o intuito de estimular o prazer da leitura e o desenvolvimento das capacidades oral e escrita dos alunos do 3º ciclo e do secundário de escolas tanto privadas como públicas. O concurso está organizado em três fases, terminando numa final nacional.

Tal como em edições anteriores, os alunos de cada ciclo de ensino tiveram de ler duas obras. Os livros a concurso foram: "O reino do dragão de ouro" de Isabel Allende e "Os livros que devoraram o meu pai" de Afonso Cruz para o 3º Ciclo, e, para o ensino Secundário, "Tempo de fogo" de Amadeu Ferreira e "A queda dum anjo" de Camilo Castelo Branco.

Os alunos e respetivos acompanhantes foram recebidos pelo presidente da Câmara Municipal de Miranda do Douro no Salão Nobre da Autarquia e posteriormente realizaram a prova escrita na Casa da Música. Após uma visita guiada ao centro histórico da cidade e do almoço, deu-se lugar à segunda parte. Foram chamados para realizarem uma prova oral, os cinco alunos de cada categoria que se destacaram na fase de escrita. Durante o decorrer da mesma, os alunos realizaram uma prova de leitura expressiva e outra de argumentação em palco.

Por fim, foram apurados os vencedores, tendo uma aluna da nossa escola, Anaisa Moreira, conquistado o 1º lugar do ensino básico. Já o ensino secundário será representado na final nacional por Carolina Mesquita.

Todos os restantes participantes foram também premiados. Desta forma testemunhou-se mais uma vez a importância que a leitura tem, mas também todo o apoio e envolvimento dos nossos professores bibliotecários e professores de português.





Literacia 3D

Ana Vicente e Carolina Teixeira na final

LITERACIA 3D é uma iniciativa da responsabilidade da Porto Editora que consiste num desafio nacional dirigido aos alunos dos 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico de todo o país, envolvendo os respetivos professores e estabelecimentos de ensino, com o propósito de avaliarem as suas competências em três dimensões do saber: leitura, matemática e ciência.

Este desafio pelo conhecimento, que pretende contribuir para o desenvolvimento educativo, pessoal e social dos alunos, decorre durante o ano letivo em três fases – local, distrital e nacional –, com base em provas interativas disponibilizadas através da plataforma online Escola Virtual.

No presente ano letivo, e chegados à fase distrital, alguns dos nossos alunos distinguiram-se nas diferentes dimensões. Tendo sido as primeiras classificadas na fase distrital, no 3º ciclo ficou apurada para a fase nacional a aluna Ana Vicente a ciência e no 2º ciclo ficou apurada a aluna Carolina Teixeira a matemática.

A final realiza-se dia 26 de maio no Pavilhão do Conhecimento onde as nossas alunas vão disputar os títulos de campeão nacional de literacia de Matemática e Ciência.

Desejamos que este desafio pelo conhecimento contribua para a consolidação das aprendizagens dos nossos alunos ajudando-os também a elevar os seus níveis de conhecimentos.



Fotos de Ana Vicente, na tarde da final (À hora do encerramento desta edição, não havia ainda resultados da prova)





Anaísa Moreira: há vida nos livros

És uma presença habitual neste concurso. O que te motiva?

Confesso que da primeira vez que participei, no 7º ano, foi devido ao professor de Português ter feito a proposta de nos inscrevermos no concurso. Desde pequena que gosto de ler e, por isso, pareceu-me uma iniciativa interessante. Participar no concurso foi uma maneira de poder ler obras que não conhecia, conhecer novos locais, mas também outros concorrentes do distrito e do país.

O resultado que obtiveste surpreendeu-te?

Estava à espera de conseguir alcançar uma boa classificação. Contudo, há sempre algo que pode correr mal na prova e os alunos de outras escolas também são concorrentes fortes.

O interesse dos alunos por este tipo de iniciativas tem vindo a diminuir. Que mensagem gostarias de deixar aos teus colegas para que houvesse mais participação?

O Concurso permite-nos aprender coisas novas. O ambiente é diferente do da sala de aula, por isso existe bastante convívio e troca de experiências entre alunos e professores.

Um dos motivos para a diminuição poderá ser o tempo que a atividade exige, devido à leitura dos livros e às deslocações que ela implica. Sentes que serão estes os verdadeiros aspetos para a diminuição da participação dos alunos?

Relativamente aos alunos de ensino básico, não me parece que estes sejam os motivos. Apesar de serem duas obras por cada fase do concurso, estas costumam ser indicadas com bastante tempo de antecedência. Quanto às deslocações, é verdade que a fase distrital nos retira um dia de aulas, mas também são estas deslocações que trazem dinâmica ao concurso e nos permitem conhecer novos locais.

Agora que vais para o 10º ano, tencionas continuar a participar?

Sim, tenciono. Sei que o 10º ano exige mais dos alunos, por isso participar no concurso irá depender de vários fatores, mas te ho intenção de continuar a participar.

Tens alguns livros que te tenham marcado especialmente e que gostasses de partilhar com os leitores do Outra Presença?

Quando era mais nova, a saga que sem dúvida mais me marcou foi "Harry Potter". Tenho muitos livros de que gosto, mas marcaram-me "A Culpa é das Estrelas", de John Green; "Perguntem a Sarah Gross", de João Pinto Coelho e "Se eu fosse chão", de Nuno Camarneiro.

O que significam os livros para ti?

O gosto pela leitura foi algo que me veio de família. Acho que por vezes os livros transmitem sentimentos que nem sempre são fáceis de explicar e de entender. Eles transportam-nos para outros locais com facilidade, e é através da leitura que aprendemos coisas que de outras maneiras não conseguiríamos. Aquilo que para mim é mais apelativo na leitura é que cada leitor pode interpretar o livro à sua maneira, assim como o nosso ponto de vista em relação a um livro pode ir mudando à medida que as páginas vão passando.

Estás envolvida noutras atividades extracurriculares?

Sim, nos meus tempos livres pratico dança e por vezes participo também em algumas iniciativas que me vão sendo propostas pelos professores ao longo do ano.

Se pudesses, mudarias alguma coisa no Concurso Nacional de Leitura?

Na minha opinião, o concurso está bem organizado. Acho que deveria ser uma iniciativa mais divulgada. Quanto às obras que temos de ler, gostava que os participantes pudessem de certa forma votar nos assuntos que iriam ser abordados nas obras, pois apercebi-me que nem sempre os livros escolhidos são muito apreciados pelos concorrentes.

Houve alguma obra das selecionadas para o concurso deste ano que te tivesse marcado mais?

Este ano não houve nenhuma obra que me tenha marcado especialmente. Apesar disso, a obra "Os livros que devoraram o meu pai", de Afonso Cruz surpreendeu-me, pois estava à espera que abordasse outro assunto. É um livro com uma escrita fora do comum, e a uma segunda leitura detetamos pormenores dos quais não nos apercebemos quando fazemos uma leitura mais superficial.

Referes que ", a obra "Os livros que devoraram o meu pai", de Afonso Cruz surpreendeu-me, pois estava à espera que abordasse outro assunto. ". Que outro assunto pensavas que era abordado?

Quando li o título, pensei que a obra fosse falar apenas de vários livros que teriam "devorado" o seu pai. Porém, o autor compilou diversas obras clássicas numa espécie de aventura, em que eram abordados temas que fazem parte da adolescência de todos nós.



SOS aprendizagem

É melhor prevenir que remediar

A apologia à prevenção por oposição ao remedeio está patente na frase que ouvimos desde tenra idade das pessoas que constituem o nosso quotidiano: "É melhor prevenir do que remediar". A elevada frequência da sua repetição não tem, contudo, sido diretamente proporcional à sua concretização nas áreas da saúde e da educação. As respostas nestas áreas continuam, apesar dos progressos, a estar mais centradas na resolução dos problemas do que na sua prevenção. Este facto não parece ser independente, ainda que não o explique por si só, do aumento da prevalência de dificuldades na aquisição da leitura e da escrita a que se tem assistido no primeiro ciclo do ensino básico. Esta constatação empírica determinou a implementação de um projeto no Jardim de Infância da Estação para o desenvolvimento de percursores da aprendizagem da leitura e da escrita na educação pré-escolar.



Nádia Afonso
(Terapeuta da fala)

A aprendizagem de competências de leitura e de escrita não se efetua, como erradamente se assume, no primeiro ciclo. O primeiro ciclo localiza-se num nível elevado na hierarquia dessa aprendizagem mas os pré-requisitos para o seu sucesso desenvolvem-se, na verdade, desde o nascimento: perceção e discriminação auditivas e visuais, desenvolvimento da linguagem oral, competências de fala, atenção, memória. Os estudos efetuados nas áreas da leitura e escrita são consensuais na atribuição de um papel indispensável, ainda que não exclusivo, das competências de consciência fonológica na aprendizagem da linguagem escrita pelo que as sessões semanais com o grupo de finalistas do jardim-de-infância com a terapeuta da fala foram estruturadas maioritariamente para o desenvolvimento desta competência. Mas, afinal, o que é isto da consciência fonológica e porque é o fator que melhor prediz o sucesso da aquisição da leitura e da escrita? Esta consciência é a capacidade de pensar explicitamente na estrutura sonora da linguagem oral, ou seja, de voluntariamente prestar atenção aos segmentos da língua e não particularmente ao significado do enunciado. A nossa fala é um contínuo sonoro segmentável em estruturas de diferentes tamanhos (palavras, rimas, sílabas e fonemas/sons), que, grosso modo, quanto menores, maior a exigência de recrutamento de estruturas neurológicas cognitivo-linguísticas. A Língua Portuguesa possui um sistema de escrita alfabética, sendo que cada fonema tem representação num signo visual gráfico (letra), possibilitando a representação de todas as palavras com um conjunto restrito de letras. A compreensão conceptual do princípio alfabético e a integração das suas unidades aquando a entrada no primeiro ciclo requerem, por isso, o domínio dos diferentes níveis de consciência fonológica: consciência da palavra, consciência silábica, consciência intrassilábica e consciência fonémica. Confrontar a criança com a associação fonema-grafema sem que esta domine o sistema fonológico da língua constituirá um catalisador para dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita.

A consciência da palavra engloba a capacidade de fragmentar a frases nas palavras que as constituem e de perceber a relação sequencial das mesmas (contar o número de palavras, dizer a frase sem uma das palavras, identificar a frase maior e menor). É importante para a leitura, para a produção de textos e para evitar erros por ausência de noção da fronteira da palavra (ex: "porisso" para "por isso" ou "flor eira" para "floreira").

A consciência silábica é a forma mais precoce da consciência fonológica uma vez que a sílaba é a unidade mais facilmente percetível da articulação verbal. O seu domínio implica segmentar palavras silabicamente, reconstruir palavras a partir das sílabas e manipulá-las (ex: "sapato" sem o "sa" fica "pato"; se invertermos as sílabas de "loto" descobrimos a palavra "tolo"). Este tipo de tarefas proporciona à criança a tomada de consciência de que as sílabas têm que estar organizadas numa determinada sequência para compor uma palavra com significado.

A consciência intrassilábica constitui-se como o nível intermédio de desenvolvimento da consciência fonológica. Apesar de a rima ter uma dimensão cultural, estando naturalmente presente em músicas, livros e brincadeiras infantis, a tomada de consciência da mesma está dependente de processos de aprendizagem formais. O domínio da rima está intimamente relacionado com o nível de sucesso de aquisição da leitura e da escrita uma vez que estimula o reconhecimento de padrões sonoros, permitindo, posteriormente, usar estratégias análogas na leitura e na escrita, como seja prever a escrita de uma palavra desconhecida porque reconhece o padrão similar a uma que já conhece. Nas tarefas de consciência intrassilábica incluem-se a identificação de palavras que rimam e a produção de rimas.

O nível de consciência fonológica mais tardio, porque requer uma elevada abstração e muita prática, é o fonémico. Este nível exige a análise dos fonemas que constituem as palavras e apenas atinge o desenvolvimento pleno no primeiro ciclo com a aquisição da relação som-letra, sendo o seu domínio imprescindível para a compreensão do princípio alfabético. Apesar da sua complexidade, há tarefas que podem ser efetuadas no pré-escolar, como seja a identificação de palavras que têm determinado fonema.

Complementarmente à estimulação estruturada e sistematizada da consciência fonológica, respeitando o progressivo aumento da complexidade das tarefas, outros percursores são incentivados ao longo das sessões, nomeadamente, a orientação do varrimento ocular no sentido esquerda-direita e superior-inferior, uma vez que é assim que leitura de processa na nossa língua; a manipulação e exploração de livros infantis e o desenvolvimento de linguagem compreensiva e expressiva.

Sendo-se um leitor fluente, compreendo que todas as competências que até então foram descritas pareçam básicas, contudo, a leitura e a escrita envolvem vários e complexos processos cognitivos.

Uma aquisição deficiente das competências de leitura e de escrita irá determinar o insucesso académico e repercutir-se-á igualmente nos domínios intelectual, social e emocional, já que a vida em sociedade demanda essas competências quotidianamente.

Se é verdadeiro que o ser humano nasce com uma predisposição inata para adquirir linguagem, é certo também que o seu desenvolvimento tem uma grande dependência do contexto ambiental no qual a criança está inserida. Acredito que a escola detém um papel determinante na exploração do potencial máximo de cada criança através da diminuição do impacto que fatores externos, que possam assumir-se como barreiras, têm no desenvolvimento das mesmas. A aquisição da linguagem escrita, tal como a maioria das competências de consciência fonológica, requerem ensino formal e estruturado, pelo que se espera, com este projeto, contribuir para uma maior igualdade na aquisição da leitura e da escrita no primeiro ciclo, através do treino sistemático dos seus principais percursores em contexto pré-escolar. Adicionalmente, a aplicação do projeto, juntamente com o trabalho de articulação com as educadoras, permite identificar precocemente sinais de alerta de perturbações do desenvolvimento, potenciando a intervenção precoce e a neutralização ou atenuação de comprometimentos na aptidão literária.









SOS demografia

Será que há demasiadas pessoas no planeta?

No que toca a discussões sobre os problemas ambientais, o excesso de população costuma ser o "elefante na sala". Há quem acredite nesta crise. Outros dizem ser apenas o bode expiatório de problemas maiores, como o consumismo. Antes de se exporem argumentos e apresentarem contra-argumentos, peço que respondam à pergunta no título. Se responderam que sim, que 7 biliões de humanos é demasiado, pergunto se seriam demais 5 biliões de pessoas? Seria 1 bilião demais? Quais são, afinal, os fundamentos desta suposta sobrepopulação?

Bruno Gomes
12ºB

Para começar, é importante sublinhar que a população continua a crescer. De acordo com a divisão para a população das Nações Unidas, apesar da fertilidade por mulher ter diminuído dos 4,7 bebés em 1970-75 para 2,6 em 2005-10, existe hoje o maior número de jovens entre os 10 e os 24 anos de sempre – 1,8 biliões –, o que culmina na previsão de 9,7 biliões em 2050 e mais de 11 biliões em 2100.

Um primeiro argumento a favor da população excessiva poderia ser o da incapacidade do planeta Terra se expandir, ou de produzir mais recursos (água, comida e energia) para suportar a população humana, que poderia ser sustentado pelo bilião de pessoas que passam fome e pelos 2,7 biliões de humanos que, pelo menos um mês por ano, enfrentam escassez de água. A verdade é que contra factos não há argumentos. Mas a anterior premissa não implica, necessariamente, que haja demasiadas pessoas. Tal como disse David Satterthwaite, membro sénior do Instituto Internacional para o Ambiente e Desenvolvimento, "o problema não está no número de pessoas, mas no número de consumidores e na escala e natureza desse consumo", o que pode ser provado referindo o pouco impacto ambiental (previsivelmente) que o futuro crescimento populacional vai ter, já que se vai dar principalmente em países de baixo rendimento, principalmente em África, onde as emissões anuais de CO2 por pessoa são baixíssimas, o que indica que se consume pouco nessas cidades e, consequentemente, se polui pouco. Portanto, e citando Gandhi, podemos supor que "o mundo tem o suficiente para as necessidades de todos, mas não para a ganância de todos".

Há quem recorra, também, à extinção de espécies para defender que já somos demasiados humanos no planeta. Não duvido que os humanos estejam, infelizmente, a causar extinções, mas não se pode afirmar com certeza que a culpa é da quantidade de gente. Uma das últimas extinções em massa ocorreu na América do Norte, aquando da chegada de humanos provenientes da Ásia – a chamada Overkill no Plistocénico. Perderam-se espécies como a dos Mamutes, das Preguiças-Gigantes, dos Tigres-de-Dentes-de-Sabre, dos Lobos-Gigantes e dos Castores-Gigantes. Mas para tal não foram precisos 7 biliões de almas humanas, mas sim apenas 1 milhão delas, em espaços com uma densidade populacional baixíssima.

Por último, parece-me que há outro fator importante que faz com que achemos que há demasiados humanos no planeta, mesmo sem qualquer análise clara: ninguém gostar das filas de espera no centro comercial, das praias sobrelotadas, da acidentada e frenética vida na cidade e da distância até à paz da natureza. Em suma, o incontornável conservadorismo e egoísmo humano. Sem dúvida alguma que 7 biliões de pessoas não têm um impacto muito positivo na felicidade de cada um.

No entanto, nenhum destes argumentos implica que o excesso de população é um problema real; igualmente, nenhuma das refutações prova que a sobrepopulação não o é.

Vamos, portanto, supor que sim, que somos demasiados.

Para começar, é preciso questionar quem tem o direito de afirmar tal. Pode dizer-se que há demasiadas pessoas num elevador (ex:"máximo de 8 pessoas"). Nesse caso alguém sai e espera pelo próximo. Mas duvido que as regras sejam as mesmas no que toca ao nosso lar. E depois é necessário refletir sobre as soluções e quem pode decidir quais devem ser postas em prática. Pessoalmente, parece-me obsceno querer reduzir o número de pessoas que respiram.

A verdade é que uma população mais pequena traz uma maior qualidade de vida, uma pegada ecológica muito menor e mais espaço para a vida selvagem. Estabilizar a população mundial seria, provavelmente, uma boa ideia, que implicaria reduzir os níveis de fertilidade. Não estou a defender, de todo, que os governos mundiais devam aplicar a política do filho único. Uma boa forma de reduzir a fertilidade mundial seria aumentando o estatuto das mulheres, especialmente ao nível da educação e da oportunidade de emprego, prestando particular atenção às gravidezes indesejadas. O Fundo Populacional das Nações Unidas calculou que 350 mulheres de países pobres não queriam ter o último filho, mas não conseguiram impedir a gravidez. Segundo Corey Bradshaw, ecologista da Universidade de Adelaide na Austrália, só ir ao encontro das necessidades destas mulheres criaria o mesmo efeito em 2100 que adotar a política do filho único no mundo todo – 7 biliões de habitantes no planeta Terra. Isto prova que, reduzir o impacto ambiental do ser humano está ao nosso alcance, quer sejamos 7 ou 11 biliões.

Perante tudo isto, e ainda assim, talvez também eu responda que a humanidade excedeu o número de espécimes que deveria ter. Porém, não pela excessiva quantidade que a Terra não consegue suportar, mas sim por sermos como somos – gananciosos, consumistas, e egoístas. Por não sermos capazes de mudar para melhor. Por não termos força para lutar contra a rica e poderosa minoria, que sempre alimentará a desigualdade social que deixa 1 bilião de pessoas a morrer à fome. Por não aprendermos com os erros. Por não conseguirmos perceber que somos dispensáveis ao planeta, mas que a Terra é o único lar que temos.

Plast&Cine 2017

A edição deste ano de Plast&Cine homenageou Eduardo Souto Moura, prémio Pritzker, autor do projeto do Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, em Bragança.

Além da participação das escolas que envolveram alunos em trabalhos e numa reflexão sobre a arquitetura, foi possível também assistir a uma agradável conversa do homenageado com Ana Sousa Dias, durante a qual ficou comprovado que a sabedoria e a grandeza podem estar aliadas à simplicidade.

O Agrupamento de Escolas Abade de Baçal aliou-se à iniciativa com um projeto, coordenado pelo Arq. João Ortega, que orientou os alunos de 9º ano, ao qual foi dado o nome de "Equívocos" (ver imagem), através do qual se apresenta uma visão sobre a cidade e a arquitetura. Na sequência deste projeto o gabinete de arquitetura "Morphopolis" esteve também aberto à comunidade, ten do recebido a visita de alguns grupos.





> "o problema não está no número de pessoas, mas no número de consumidores e na escala e natureza desse consumo "
>
> David Satterthwaite

SOS verdade

Questionável mundo novo

O termo pós-verdade é um neologismo que se caracteriza pelos apelos falaciosos às emoções e pela desvalorização da verdade objetiva, de forma a moldar a opinião pública. Este fenómeno está presente essencialmente na política e funciona muitas vezes como veículo para ludibriar os eleitores de forma a distraí-los do que realmente importa. Tem sido um pilar na nossa sociedade, como se pode comprovar pelo facto de ter sido escolhida como palavra do ano de 2016 pelo conceituado Dicionário Oxford.

Matilde de Barros
11ºC

É sabido que o ser humano, desde sempre utilizou a mentira de forma rotineira. No entanto, parece bizarro, que em pleno século XXI e após tantos avanços no conhecimento, enganar os outros seja tão banal e aceitável.

Com o aumento do populismo e do sentimento de superioridade em relação a outras nações, a pós-verdade tem vindo a crescer. Os políticos tendem a criar um vínculo emocional com as classes sociais mais pobres, prometendo melhorar o seu nível de vida, de forma a ganhar a sua empatia e os seus votos. Para isso, recorrem a argumentos falaciosos e muitas vezes xenófobos, criam boatos e apelam ao preconceito, numa atitude de clara manipulação, que acaba por ter o apoio maioritário da população. A política ocidental da racionalidade e da verdade acaba por ser relegada para segundo plano.

As eleições americanas do ano passado são perfeito exemplo disso. Donald Trump fez uma campanha eleitoral rodeada de polémicas. O republicano fez várias declarações a alegar situações falsas acerca do estado do país, criou boatos acerca dos seus adversários, insultou diretamente as mulheres, os negros, os mexicanos, os refugiados -e tantos outros- e ainda assim venceu. Com o slogan "Make America Great Again" conseguiu fazer chegar a sua ideia à população de tornar aquele país a maior potência do mundo e, para tal, não se coibiu de mentir. Tornou-se algo tão banal ao longo daqueles meses de corrida à Casa Branca que quando interrogada sobre dados falsos concretos, a conselheira do presidente, apelidou com naturalidade de "factos alternativos".

Outro exemplo é o referendo que decidiu a saída do Reino Unido da União Europeia, conhecido por Brexit. A atitude de criar mentiras, exagerar problemas existentes e aumentar o ódio generalizado pelos refugiados foi também utilizada pelos partidários do Brexit, que chegaram a afirmar que a permanência do Reino Unido na União Europeia custava 470 milhões de euros por semana, sem nenhum fundo de verdade, assim como culpabilizar todos os refugiados do terrorismo presente na Europa, para além de alegar que estes iriam retirar lugares de emprego.

Esta estratégia tem vindo a ser muito utilizada na Europa, em especial pela extrema direita em países como a França, a Áustria e a Holanda. Apela-se ao medo da população em relação à imigração e às consequências desta, e afirma-se que esta será responsável pelo futuro tétrico do país. O ser humano é dominado pelo medo que se sobrepõe à sua razão e acaba por fazer algo em que nunca pensaria antes, como dar o voto a estes partidos e transformar-se num indivíduo racista.

Além disso, com o aparecimento da internet e a consequente globalização, a informação tem de se mover a uma grande velocidade, de forma a que o homem veja sempre algo novo e esteja sempre informado. Alimentar a necessidade deste último estar constantemente ligado ao mundo digital nem sempre é fácil, em consequência da falta de notícias novas, o que leva os meios de comunicação a criar mentiras. O espetáculo torna-se assim mais importante do que a veracidade dos factos.

Os tablóides são os principais responsáveis por isto. Preocupam-se em vender mais notícias do que os outros jornais e para tal, procuram o que o público quer, acontecimentos escandalosos. Nem que para esse fim os tenham de inventar, o que vai contra todos os princípios da ética jornalística, manifestada por exemplo no livro "Elementos do Jornalismo", de Bill Kovash e Tom Rosentiel. A lealdade para com os cidadãos e credibilidade das fontes são postas em causa. Podemos destacar negativamente o "Correio da Manhã" no nosso país, que tantas vezes cria acontecimentos falsos e ataca o caráter de pessoas, sendo dos jornais com maior número de vendas em Portugal.

Tal facto é uma preocupação para os meios de comunicação que continuam a dar informações fidedignas, tendo sido uma razão para se ter convocado o 4º Congresso dos Jornalistas do início deste ano, em Lisboa. Como resolução deste mesmo congresso, ficou estabelecido o "compromisso de cumprir os deveres e as responsabilidades decorrentes dos princípios ético-deontológicos do jornalismo e das melhores práticas do exercício e regulação da profissão", assim como impor novamente o princípio de caráter factual que até os textos de opinião devem ter.

Relacionado com este último tópico está o papel fulcral que as redes sociais desempenham nesta temática. Funcionam como veículos de proliferação de boatos e de ataque ao jornalismo tradicional.

Em redes sociais como o Facebook e o Twitter, o vazio do feed é preenchido pela publicação de todo o tipo de conteúdos, sejam eles de opinião pessoal, acontecimentos que ocorreram ou mentiras. A grande maioria das pessoas tem nessas redes amigos nos quais tem confiança, o que aumenta a aparência de credibilidade do assunto.

Os tradicionais jornais têm vindo a disputar o lugar de destaque com as redes sociais. Qualquer pessoa pode escrever e publicar o que quiser no seu perfil, originando a criação de páginas que funcionam como jornais online. As suas notícias podendo ter um alcance muito grande, têm como consequência o decréscimo da venda dos jornais em formato de papel. Deliberada ou inconscientemente, a mentira está a ser rapidamente espalhada.

Em suma, estamos a passar por um período triste e sem credibilidade que vai contra os princípios de várias áreas da política ao jornalismo. Tendo em conta que neste momento, as emoções têm mais valor que a razão, será que a era do racionalismo inaugurada por Descartes e caracterizadora da idade moderna não se estará a transformar na era do pós-racionalismo?

Tal facto é uma preocupação para os meios de comunicação que continuam a dar informações fidedignas, tendo sido uma razão para se ter convocado o 4º Congresso dos Jornalistas do início deste ano, em Lisboa. Como resolução deste mesmo congresso, ficou estabelecido o "compromisso de cumprir os deveres e as responsabilidades decorrentes dos princípios ético-deontológicos do jornalismo e das melhores práticas do exercício e regulação da profissão", assim como impor novamente o princípio de caráter factual que até os textos de opinião devem ter.



SOS felicidade

Quando o medo ergue a voz

Mariana Magalhães, 11ºC

As fobias são reações ou medos irracionais, exagerados e persistentes em relação a determinados objetos ou situações, sendo que são o mais comum dos transtornos de ansiedade. Estas manifestam-se em pessoas que já tenham uma predisposição genética para esse determinado medo, o qual se agrava quando a pessoa passa por uma experiência traumática com essa mesma situação ou objeto.

Existem vários tipos de fobias: a agorafobia (medo de multidões e espaços fechados); a fobia social (medo de conviver com as pessoas) e as fobias específicas (medo de alturas, animais, entre outros).

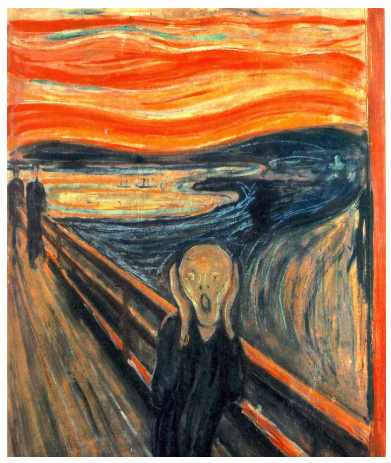
Entre as mais comuns estão, então, a acrofobia, a claustrofobia, a fobia social, a hemofobia, a nictofobia e a tanatofobia.

A fobia pode, então, surgir como uma ameaça, um entrave à qualidade de vida das pessoas que dela sofrem. Para elas, a própria sociedade pode parecer uma ameaça, pelo receio de não serem aceites, de serem rotuladas ou estereotipadas o que, inconscientemente, pressiona quem sofre a lidar e superar os seus temores, o que não é tão fácil como pode parecer para quem está de fora. Um aspecto importante da fobia é que o indivíduo normalmente tem consciência da irracionalidade do medo, ou seja, ele sabe que seu medo é exagerado e injustificado. Neste caso, o medo gera medo, um medo maior, um constante debate psicológico entre o medo que sente e se este será ou não socialmente aceite. Portanto, as pessoas tendem a isolar-se do resto do mundo, recusam-se ao convívio, não tanto por opção delas mas por causa da sua condição, que nem todos compreendem.

Viver com alguma fobia, seja ela mais ou menos grave, não é uma tarefa fácil. Não nos permite um descanso psicológico pleno, quer só por si, quer pelas suas consequências. Além disso, priva quem sofre de usufruir de certas experiências, que este medo condiciona. Quem tem medo de alturas (acrofobia), por exemplo, nunca se sentirá completamente confortável a andar de avião, ou a subir à Torre Eiffel, ou qualquer outra atividade que envolva estar em altitude. Da mesma forma alguém que sofra de nictofobia, apesar de esta se manifestar particularmente em crianças, tem medo de sair à noite, andar por sítios com falta de iluminação e mesmo dormir com a luz apagada. Tal como estas, também a claustrofobia, a fobia social, a hemofobia e a tanatofobia se destacam entre as mais comuns.

Há também fobias que muitos pensam não existir. É o exemplo da onfalofobia (medo de ser tocado no umbigo), da bromidrofobia (medo de que o nosso corpo emita quaisquer odores que outros possam notar; higiene excessiva), da automatonofobia (medo de ver seres inanimados agir como humanos), fonofobia (medo da própria voz; de falar alto), lachanofobia (medo de vegetais), entre muitos outros. São mais raros, mas igualmente reais e preocupantes.

Destaca-se como um caso de bromidrofobia, mais propriamente de higiene excessiva, o de uma paciente de um centro de tratamento de fobias e outros tipos de ansiedade. Desde nova incentivada pela sua mãe a dar uma especial importância à sua higiene pessoal, quando entrou para a escola já tomava dois a três banhos por dia e evitava o contacto físico com os colegas. Refere os efeitos deste medo na sua vida: "Passei a viver com medo de tudo e de todos. Sempre em pânico, com receio que alguma coisa me contaminasse. Os anos avançaram e na universidade, esforçava-me para disfarçar esta fobia." Quando teve a sua primeira filha, quase que transferindo o seu medo irracional para ela, dava tanta importância à sua higiene que, de todos os banhos que lhe dava, esta começou a ficar com pequenas feridas causadas pela esponja do banho. Estas foram-se agravando, tendo chegado ao ponto de terem preocupado a médica de família acerca do estado de saúde da menina. Foi então que a paciente decidiu procurar ajuda. Hoje, com o seu medo completamente superado, faz a sua vida normal, reconhecendo que o tratamento lhe permitiu uma melhor qualidade de vida que nunca pensara que poderia obter.



Edward Munch, O grito

E quando é que se pode tornar um perigo para a sociedade? Por ser uma doença quase crónica, muito difícil de superar, as pessoas tendem para a depressão, o alcoolismo, as drogas, entre outros vícios e problemas, que se apresentam como um refúgio da verdadeira realidade que os atormenta.

Estas fobias podem, assim, apresentar-se como verdadeiras barreiras à vida humana, que do campo do psicológico se transferem e atormentam a vida de quem as sofre.

SOS integridade humana

Quando o homem é objeto

Maria Manuel Gorgueira
12ºB

O Tráfico de Seres Humanos (TSH) é umas das atividades ilegais que mais se expandiram no século XXI. Considerado um crime contra a liberdade pessoal, que afeta milhões de pessoas em todo o mundo, no Brasil chega a ser mais rentável do que o tráfico de armas ou droga e envolve a movimentação de pessoas entre fronteiras internacionais ou dentro de um mesmo país, com o objetivo de as sujeitar a diversos tipos de exploração. Para que seja considerado como tal, o crime de tráfico de seres humanos, exige a combinação de três elementos: o ato, os meios e o objetivo.

O primeiro, que retrata o que é feito, envolve todo o processo de recrutamento de pessoas, o seu transporte, transferência e alojamento ou o acolhimento das mesmas.

De seguida, mostra-se o modo como é feito, principalmente através de ameaças ou uso da força, coerção, abdução, fraude, engano, abuso de poder ou de vulnerabilidade, e, ainda, pagamentos ou benefícios em troca do controle da vida da vítima.

Por fim, expõem-se as razões de ser feito, nomeadamente, para fins de exploração, que incluem prostituição, trabalhos forçados, escravidão, remoção de órgãos e práticas semelhantes.

Na verdade, e apesar de uma percentagem de pessoas traficadas serem homens, de entre os 2 a 4 milhões de pessoas sujeitas a esta crueldade, todos os anos, as mais vulneráveis a esta prática são as mulheres e crianças.

O tráfico de mulheres é uma das modalidades do tráfico de pessoas mais praticadas atualmente em todo o mundo, pois constitui uma prática ilegal com baixos riscos e altos lucros, na qual, a mulher, contra a sua vontade, funciona como objeto sexual, trabalhando entre 10 a 13 horas diárias no mercado do sexo, não podendo recusar clientes e sendo submetida ao uso abusivo de drogas e álcool para permanecer desperta e acaba por ser exposta a todo o tipo de doenças sexualmente transmissíveis.

Diariamente, e em várias partes do globo, existem crianças que são compradas, vendidas, muitas vezes pelos próprios pais, e transportadas para longe das suas casas, destinadas à adoção ilegal e exploração infantil, tanto para mão-de-obra como para atividades criminais e sexuais, ficando sem direito à educação, à saúde e a um lar protegido e acolhedor que lhes garanta o desenvolvimento físico e emocional que elas necessitam para se tornarem adultos íntegros e melhores do que aqueles que lhes tiraram a hipótese de ter uma infância digna.

Ainda dentro do TSH, destaca-se o tráfico de órgãos, uma prática ilegal, com exceção do Irão, onde a venda de um rim visando o lucro é legal e regulada, afetando os dois sexos e todas as faixas etárias, feito, principalmente, à custa de cidadãos do terceiro mundo, que necessitam de dinheiro ou, na maior parte das vezes, são sequestrados e forçados a desistir de um órgão, ou então levados a acreditar que necessitam de uma intervenção cirúrgica e o órgão é retirado sem o seu consentimento e vendido no mercado negro.



Logo da campanha contra o tráfico humano
(Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género)

Há casos em que, dentro de hospitais, médicos mal-intencionados enganam a família do doente, mentindo sobre a sua real situação e causando deliberadamente a sua morte, para retirar os órgãos.

De acordo com informações recolhidas pelo OTSH (Observatório do Tráfico de Seres Humanos), desde o ano de 2008, foi possível categorizar Portugal enquanto um país de origem e de destino de vítimas de tráfico de pessoas, principalmente crianças e adultos do sexo masculino, destinados ao trabalho laboral, pequenos crimes e adoção ilegal.

Em suma, o tráfico de seres humanos é um negócio multimilionário que despreza a integridade e dignidade das pessoas, continuando a crescer em todo o mundo, apesar das tentativas para detê-lo.

SOS humanidade

O lado negro do sonho

Um dos livros do nobel da literatura português, José Saramago começa e termina assim: "No dia seguinte ninguém morreu" Em "As intermitências da Morte", o autor descreve-nos, em menos de duzentas páginas, como seria um país sem morte; uma nação onde, fosse qual fosse a enfermidade ou o mal que se abatesse sobre as pessoas, nenhuma delas perderia a vida.

Aníbal Fernandes
11ºA1

O narrador começa esta obra por descrever quais seriam as consequências sociais, económicas e políticas da suspensão dos serviços da morte; uma das mais antigas vontades do ser humano, a imortalidade. Saramago, ao começar pelo que seria uma utopia, mostra-nos que esta depressa acabaria numa catastrófica distopia.

Assim, nesta história, tão realista como ficcionada, o narrador faz-nos ver as consequências deste nosso sonho, mostrando como rapidamente se transformaria num pesadelo.

Partindo do pressuposto de que nenhuma alma, por mais doente que esteja, ou por mais avançada que seja a idade, deixa o corpo a que está ligada, o autor enumera uma série de efeitos: o encerramento das agências funerárias por falta de clientes, ou, não querendo estas fechar, a mudança do seu público alvo para os animais domésticos; o sobrelotação dos lares de terceira idade – verificando-se nestes precisamente o contrário das agências funerárias – devido à demasiada procura; e o excesso de lotação também dos serviços de saúde, pois, embora a morte tenha deixado de operar, os acidentes, a velhice e as doenças, continuariam a atacar a sociedade, o que levaria um aumento de pessoas nos hospitais, já que só sairiam destes assim que estivessem ou curadas, ou com cuidados médicos em casa. Também estariam em causa as seguradoras, pois não morrendo ninguém, as pessoas anulariam os respectivos seguros de vida, uma vez que se tornaram inúteis.

Não terminando esta onda de catástrofes por aqui, toda a economia e todo o mercado estariam afetados por esta "calamidade". A população continuaria num contínuo aumento, enquanto que os recursos se manteriam os mesmos. Os mercados aumentavam, e, haveria consequentemente, um aumento dos preços. O número de reformados e pensionistas continuaria a aumentar, enquanto que a população ativa se mantinha a mesma. E o número considerável de "idosos conservadores", que tanta gente culpa de elegerem maus governantes, nunca iria diminuir.

Além disso, temos ainda a componente religiosa que seria a mais afetada. Começando pela Madre Igreja Católica Romana, e suas derivadas: a ideia de Cristo salvador, de inferno ou do céu, e da ressurreição da carne e da vida eterna, teriam de sair das suas pregações, uma vez que as pessoas já estavam a viver na Terra a sua vida eterna, nenhuma delas iria sequer partir para o Pai Celeste, sendo a sua única solução apregoar ao povo crente que ao se virarem para Deus e para Cristo, teriam o seu sofrimento, das doenças e da velhice, aliviado e, quem sabe, talvez Este tivesse misericórdia deles e os levasse para a Sua companhia.

A única vantagem seria para os extremistas islâmicos que deixariam de querer atuar, por duas simples razões: as consequências não seriam tão graves, pois as suas bombas ou atentados somente criariam um distúrbio na sociedade, e nada mais; e também porque a recompensa prometida, de que se se matessem em nome de Alá teriam setenta virgens à sua espera, perderia o efeito, uma vez que nunca chegariam a morrer.

Contudo, o preço a pagar pela vida eterna, seria o eterno sofrimento, e todo o valor e significado da vida equivaleria a zero, assim como a importância do tempo. Todos nós teríamos toda a eternidade para fazer e refazer os nossos desejos e as nossas vontades. O dinheiro não passaria de um luxo, uma vez que nem fazendo toda a santa quaresma jejum, noite e dia, não morreríamos.

Com tamanha utopia ou distopia, concluo perguntando, depois de analisadas todas as consequências da falta da morte, e os maiores desejos do ser humano: "Será a Imortalidade uma utopia da humanidade, ou a maior ameaça à sua continuidade pensada por ela?"

SOS igualdade

Direitos que ainda estão tortos

À luz da Declaração Universal dos Direitos do Homem os homens "nascem e são livres e iguais em direitos". A discriminação, tenha ela a forma que tiver, atenta contra este princípio. Veja-se o caso do género e da orientação sexual, da questão da raça, ou da religião. O tratamento diferenciado em função destas questões acentua injustiças, fomenta a exclusão social e agrava desigualdades.

Matilde de Barros, 11ºC

É possível falar-se na discriminação da mulher em várias áreas, em comparação com os homens. É sabido que, embora haja um maior número de estudantes do sexo feminino nas universidades, os cargos políticos e empresariais de topo são ocupados quase exclusivamente por homens. O mesmo acontece com os salários. Em muitas profissões, mesmo desempenhando o mesmo trabalho, os homens são mais bem remunerados do que as mulheres. A somar a isto podemos falar na dificuldade que o sexo feminino enfrenta no acesso a vários empregos, em consequência da maternidade.

Determinadas raças e religiões enfrentam também formas de discriminação. Os estereótipos e o sentimento de superioridade em relação a outras etnias e povos que não os nossos perduram ao longo do tempo e isso é visível em várias épocas da História. Os exemplos são vários. O maior de todos é talvez a Segunda Guerra Mundial, onde foram dizimados milhões de judeus, ciganos, homossexuais e outras minorias. Podemos ainda falar na guerra da Jugoslávia que teve o propósito de fazer uma "limpeza étnica" ou ainda no facto de ter levado mais de duas centenas de anos até que o primeiro presidente dos Estados Unidos da América fosse negro.

A solução para isto talvez resida na educação e na cultura. Se todos tiverem as mesmas oportunidades de ensino, todos terão níveis mínimos de instrução que podem atenuar eventuais carências de proveniência social e familiar. O que aconteceu nos últimos anos no ensino superior ilustra esta minha opinião. O acesso às universidades e institutos politécnicos é mais democrático. Não são apenas as famílias abastadas que estudam. Há jovens provenientes de famílias desfavorecidas que conseguem, através dos cursos que tiram, chegar a empregos que eram quase inacessíveis para os seus pais ou avós. Isto favorece a mobilidade entre classes sociais.

Desta forma, a par da saúde, a educação deve ser uma prioridade dos Estados, que devem assegurar o acesso universal dos cidadãos a estes dois setores. É evidente que se o estado não tiver capacidade de resposta para tal pode contar com a ajuda de privados, mas é necessário oferecer o mínimo de condições para todos. Os países devem, por isso, generalizar o ensino gratuito e obrigatório até ao 12ºano e devem oferecer respostas públicas aos problemas de saúde que a sociedade enfrenta.

A mudança de gestos, de atitudes pode fazer a diferença e ajudar a sociedade a evoluir.

Não DISCRIMINAR

SOS Terra

O Homem e a Terra serão compatíveis?

É preocupante a forma como o nosso planeta, aparentemente, tem resistido a múltiplos ataques à sua existência. A verdade é que o homem tem vindo a destruir massivamente a Terra. E por que razão, se ela lhe faz o favor de lhe oferecer algo único no universo? Se nos dão uma mão, porque pegamos logo no braço inteiro?

Pedro Venâncio
12ºB

Foi esse "braço" que permitiu que a industrialização e o desenvolvimento extremamente acelerado da sociedade se revelassem, de facto, como elementos que comprometem a saúde do Planeta Azul, na medida em que os hábitos e as atividades humanas têm condicionado o seu estado natural. Não olhamos aos excessos, nomeadamente, no que respeita à emissão de gases que intensificam o efeito de estufa e outros que inflamam o buraco na camada de Ozono, nem à desflorestação, uma das atividades mais devastadoras e que provoca inúmeras mazelas na nossa habitação temporária, para não falar da exploração excessiva de recursos finitos do nosso planeta, e da poluição que é a mais hábil assassina de animais, plantas, habitats, ecossistemas. Inevitavelmente, cada ação no nosso planeta tem consequências, que podem ser boas ou más consoante o comportamento do Homem.

Para começar, é imperativo conhecer um conjunto de conceitos que, na prática, representam problemas que o planeta tem vindo a enfrentar. Diariamente somos presenteados com um conjunto de radiações emitidas pelo sol que podem ser "torrões" ou podem ser "carvões" e que em conjunto representam as radiações eletromagnéticas. Os "torrões" são aquelas radiações que a atmosfera deixa passar e que não são nocivas para a vida na Terra, como por exemplo a radiação visível, a radiação infravermelha ou algumas radiações ultravioleta. Já os "carvões" são todo o tipo de radiações que a atmosfera da Terra consegue reter e que representam um perigo para a vida no planeta. Grande parte da radiação eletromagnética emitida pelo sol é absorvida e reemitida pela atmosfera e tudo isto graças ao trabalho fenomenal de uma das camadas da atmosfera, a camada de Ozono, que é a principal barreira das radiações ultravioleta nocivas. Além de ser uma barreira das radiações vindas do espaço, a atmosfera também é importantíssima no que respeita à retenção das radiações que após a atravessarem e atingirem a terra são novamente refletidas. Ou seja, cerca de 70% da radiação solar atravessa a atmosfera e é absorvida pela sua superfície. A superfície absorve grande parte da radiação infravermelha que lhe chega e eleva a sua temperatura. A restante radiação é reemitida até que encontra a atmosfera novamente e volta à terra. A isto chama-se efeito de estufa.

Explicado o funcionamento normal de todo este processo, surge agora aquilo que se tem vindo a revelar uma catástrofe. A humanidade tem vindo a desenvolver-se de forma tão desmedida que aquilo que ele se prepara para receber em grande escala são os ditos "carvões". E ninguém gosta de receber carvões, nomeadamente, os inocentes como os animais e as plantas. Fruto da emissão de gases como, por exemplo, os CFC's (clorofluorcarbonetos) presentes em sprays e outros produtos, a camada de ozono tem sido destruída, e o seu papel na retenção de radiações perigosas tem enfraquecido com o passar dos anos. A desflorestação também se revelou um dos principais motivos de preocupação, já que são as plantas que fixam o CO2 atmosférico e contribuem para a existência das condições ideais à vida e, ainda, são o habitat de imensos seres vivos. Ao destruí-las estamos a colocar o planeta num estado de pneumonia grave e a despejar das suas próprias casas os seres vivos que lá habitam. Desflorestaram-se 5,2 milhões de hectares por ano entre 2000 e 2010. Mas, talvez os números por si só não sejam suficientes: corresponde a aproximadamente 6 vezes a área de Portugal. Egoísmos...

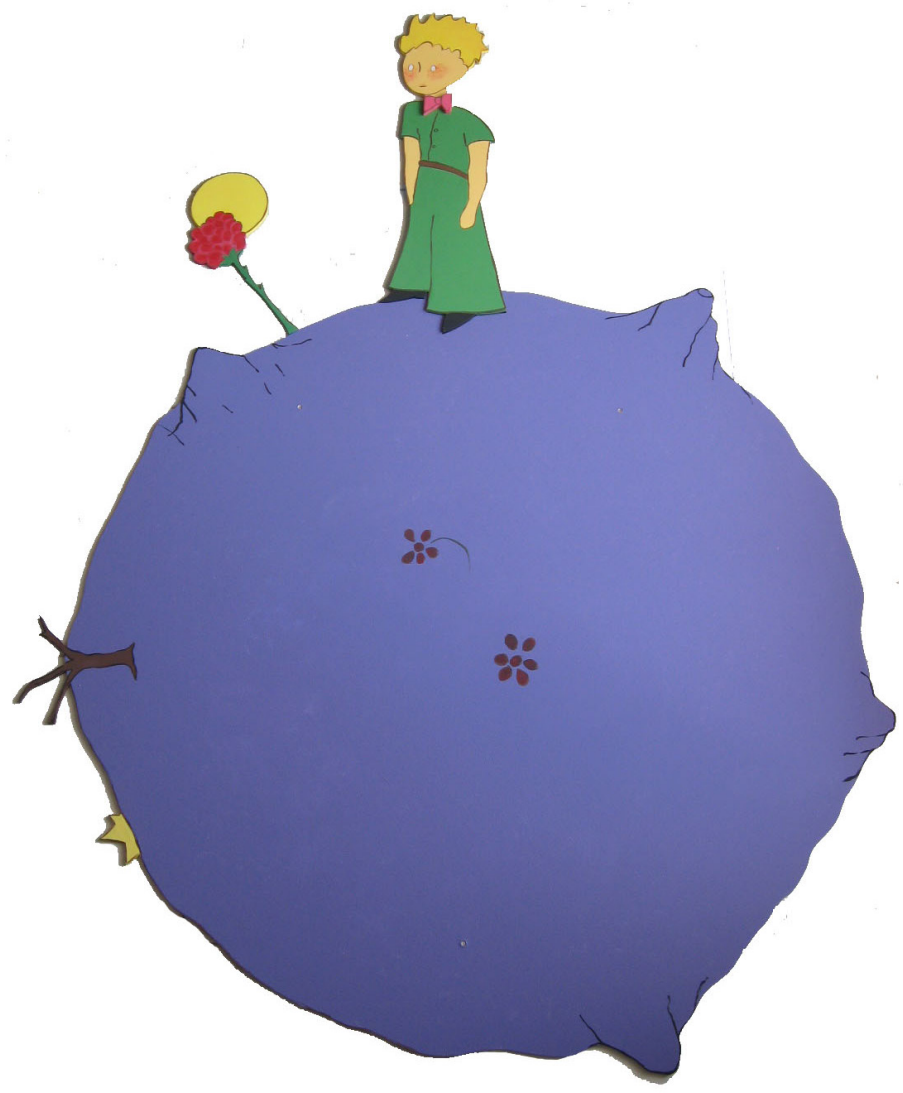
As consequências de tudo isto, ainda que, preocupantemente, já sejam visíveis, devem ser mencionadas e correspondem a um conjunto de acontecimentos em cadeia - o aumento do efeito de estufa que provoca um aumento da temperatura média da terra (aquecimento global), que por sua vez desencadeia alterações como o degelo das calotes polares e, estas últimas, por fundirem, provocam a destruição de muitos habitats, inundações, catástrofes naturais que desalojam e matam milhões de pessoas e seres vivos vulneráveis. Além disso, "prevê-se que o aumento de raios ultravioleta suprima a produção primária nas plantas terrestres e no fitoplâncton marinho, reduzindo a quantidade de dióxido de carbono que absorvem da atmosfera", ou seja, maior abundância de um gás que também contribui para o aumento do efeito de estufa. Como consequência da presença excessiva destes gases, "o aquecimento global conduzirá a um aumento médio da temperatura na troposfera, podendo arrefecer a estratosfera, consequentemente, aumentando a destruição da camada de ozono, uma vez que temperaturas baixas favorecem reações de destruição do ozono." Sem a camada de ozono a Terra ficará sem vida.

Desde o século XIX que a temperatura média da terra se tem elevado substancialmente como consequência do aumento do efeito de estufa provocado pela atividade do homem no planeta. A industrialização foi o fator primordial deste facto e acarretou consequências que tornam, aos poucos, a Terra num planeta alterado e num estado extremamente avançado de "patologia ambiental". Neste sentido, é importante refletir: se vivemos a uns metros da escola ou do trabalho, por que razão utilizamos um equipamento que é uma ameaça ambiental? Sim, falo do automóvel. O impacto que este meio de transporte tem no nosso planeta "não é visível aos olhos", mas a verdade é que é estrondoso quando praticado em larga escala, num universo de 7 biliões de pessoas. Para além de estarmos a consumir um combustível fóssil que é um recurso geológico finito, estamos também a contribuir para o aquecimento global. Tudo isto significa nada mais, nada menos que a emissão de meio quilo de CO_2 numa manhã. Se adicionarmos a emissão correspondente à deslocação para almoçar, passaríamos para um quilo, e a viagem de regresso a casa, um quilo e meio. Num dia, deslocando-nos apenas três quilómetros emitimos um quilo e meio de CO_2. Portanto, ao final de um ano, estes 547,5 quilos de CO_2 emitidos por pessoas com comportamentos semelhantes a este terão um impacto significativo no nosso planeta.

Finalmente, o pensamento do ser humano não é abrangente o suficiente para pensar nas gerações futuras. Deparamo-nos diariamente com comportamentos que envolvem justificações como "Já não estou cá para ver, portanto, não estou preocupado", e, neste âmbito, refiro-me à poluição. Todos os dias o Homem produz resíduos que demoram milhões de anos para se degradarem. O hospedeiro é, naturalmente, o planeta Terra que, sem ninguém lhe perguntar se concorda, se acomoda e vai ficando aos poucos cada vez mais debilitado. É impossível para o ser humano não produzir resíduos. O que se pretende, efetivamente, é que estes possam ser minimizados, nomeadamente, adotando estratégias organizacionais como a política dos três R's (reduzir, reciclar, reutilizar) por forma a, de modo racional, tornar possível a permanência do ser humano na Terra. Milhares de rios são contaminados, habitats são destruídos, seres vivos assassinados, e tudo para benefício próprio. Não medimos as consequências dos nossos excessos.

Termino com um apelo geral, com o intuito de mobilizar e sensibilizar para a preservação do nosso planeta, pois ainda que o homem seja quem domina a ação na Terra, esta já existia muito antes de o ser humano existir. Portanto, não sejamos invasores mas sim protetores de algo que, efetivamente, é nosso.

Bibliografia
•https://pt.wikipedia.org/wiki/Efeito_estufa#O_efeito_estufa_e_o_aquecimento_global
http://www.if.ufrgs.br/~dschulz/web/imagens/radiacao_solar.jpg
•https://pt.wikipedia.org/wiki/Ozonosfera#Consequ.C3.AAncias_da_degrada.C3.A7.C3.A3o_da_camada_de_ozono
•https://pt.wikipedia.org/wiki/Desfloresta%C3%A7%C3%A3o#Estimativas_recentes



Bacterias multirresistentes

A nova ameaça

Diariamente, fruto dos progressos científicos das últimas décadas, grandes quantidades de antibióticos são utilizados no tratamento humano e na indústria alimentar, culminando com a seleção artificial de bactérias patogénicas resistentes. Se o panorama permanecer constante, um estudo da "Review on Antimicrobial Resistance" estima que em 2050 as mortes por infeções bacterianas resistentes irão superar as atribuídas ao cancro. Constitui, por isso, uma das questões atuais mais pertinentes.

Guilherme Moreira-
12ºB

O conceito de "One Health" afirma que a saúde das pessoas é interdependente da saúde dos animais e do respetivo ecossistema. Estes nichos estabelecem trocas de matéria e energia entre si, ocorrendo, portanto, uma circulação de microrganismos.

Com efeito, as bactérias podem adquirir genes responsáveis por mecanismos de resistência de diferentes formas: através de lotaria genética, pois, na divisão celular, a replicação do DNA é passível de erros que podem conferir vantagem competitiva no ecossistema sob ação de um antibiótico.. Por sua vez, esta seleção artificial potencia a reprodução diferencial das bactérias possuidoras desse gene, culminando no aumento desta população de bactérias resistentes. Por outro lado, através de um tubo de conjugação, um gene pode ser transmitido entre duas bactérias, sendo posteriormente armazenado num plasmídeo – transferência horizontal.

O extrato intestinal do homem e animais é habitado por milhões de bactérias, esta flora intestinal atua na hidrólise de polímeros não digeridos e na consequente obtenção de energia para o hospedeiro. A febre do capitalismo e a demanda por preços cada vez mais baixos conduz a práticas perigosas. Atualmente, a produção industrial de animais é caracterizada por espaços pequenos e fracas condições de higiene: o ambiente perfeito para a proliferação de bactérias. Em paralelo, está cientificamente provado que os antibióticos atuam como promotores de crescimento. Portanto, os antibióticos são, aparentemente, o melhor de dois mundos. O uso sistemático destes compostos, geração após geração, cria uma pressão seletiva e consequentemente o aparecimento e proliferação de bactérias com genes que conferem resistência a antibióticos. Estas bactérias resistentes podem permanecer na carne, que se não for corretamente higienizada e cozinhada, as transmitem ao homem. Simultaneamente, podem estar nos dejetos dos animais lançados nos cursos de água ou utilizados na agricultura.

É ainda importante ter em conta que, um individuo colonizado por bactérias resistentes, pode ser um vetor de transmissão em casa, no trabalho, hospital, lar de idosos, através do simples contacto com outras pessoas ou superfícies.

Em caso de infeção por bactérias multirresistentes, a solução passa pela administração de antibióticos de espetro cada vez mais alargado, fomentando o aparecimento de mecanismos de resistência cada vez mais avançados e, consequente, o reaparecimento de doenças, até então, consideradas ultrapassadas como é o caso da tuberculose, infeções urinárias, pneumonia, entre outras.

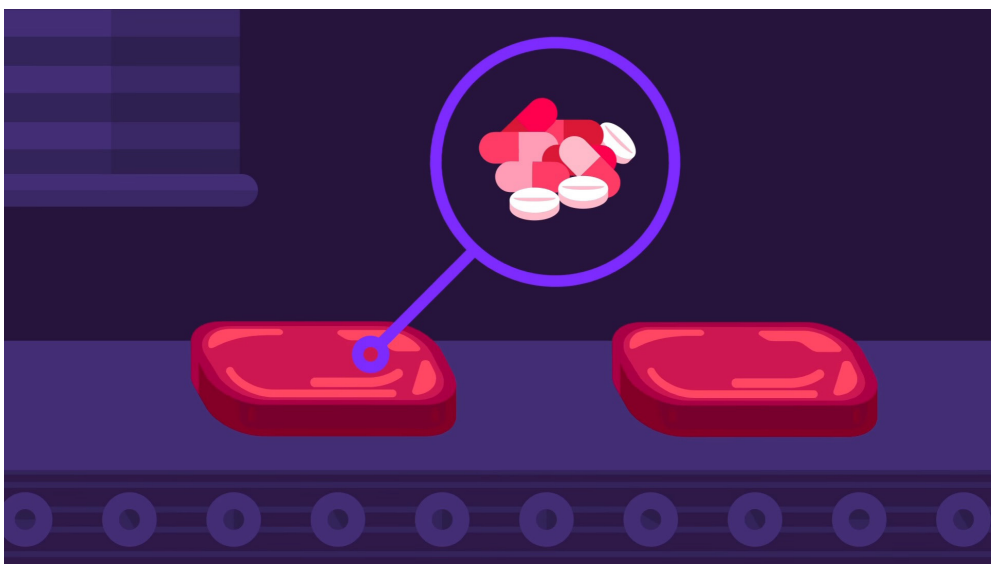
Como travar esta problemática? O desenvolvimento de novos antibióticos é o processo complexo, lento e caro. Entre a descoberta de moléculas com princípios ativos eficientes, testes em laboratório, ensaios clínicos e aprovação pelas entidades de saúde decorrem anos. Por contraste, o mecanismo de aquisição de resistências por parte de bactérias é relativamente rápido. Posto isto, a via mais viável passa pela consciencialização social de modo a combater o uso indiscriminado de antibióticos. É imperativo: reverter o panorama ao nível de produção animal e pecuária; combater a prescrição discriminada de antibióticos (é comum receitar antibacterianos para infeções virais, como o caso da gripe); melhorar os processos de tratamento de águas residuais (atualmente as bactérias resistentes prevalecem após o tratamento nas ETARS, contaminando ecossistemas); identificar grupos de risco e desenvolver politicas que os protejam; encontrar formas de impulsionar o desenvolvimento de novos fármacos; estabelecer um esforço de coordenação internacional dedicado ao uso consciente de antibióticos no homem e animais.

> **"A problemática é real e séria, mas a luta está longe de terminar. Se a humanidade optar por vias conscientes e corretas, a situação será ultrapassada. Caso falhe, poderemos regressar à idade das trevas da medicina, a uma era sem antibióticos.**

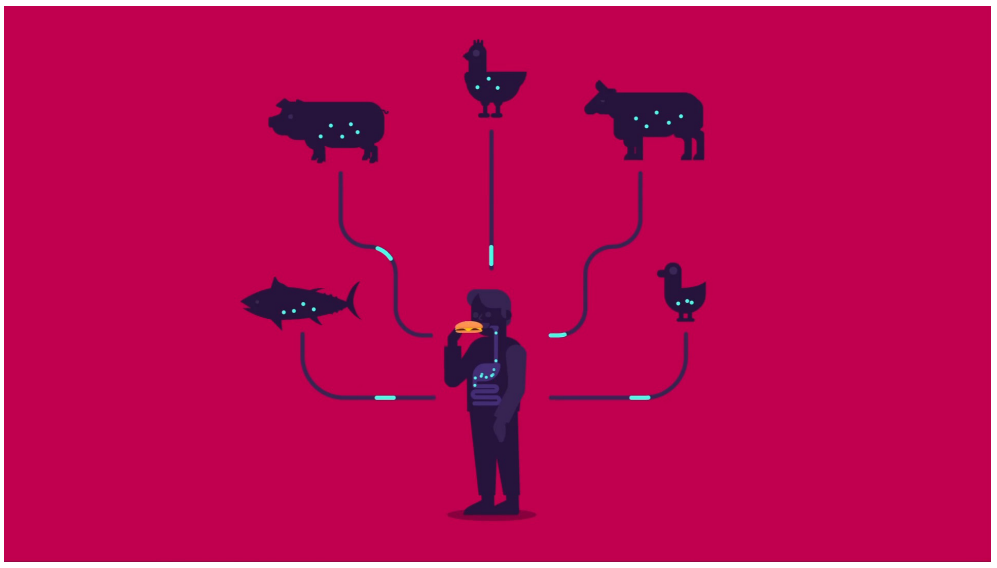
A problemática é real e séria, mas a luta está longe de terminar. Se a humanidade optar por vias conscientes e corretas, a situação será ultrapassada. Caso falhe, poderemos regressar à idade das trevas da medicina, a uma era sem antibióticos.



Para tornar a carne e derivados mais baratos, os produtores concentram muitos animais num reduzido espaço, com fracas condições de higiene. Como medida de prevenção da disseminação de bactérias e de maximização de lucros, antibióticos são administrados.



Os antibióticos permanecem na carne.



Inevitavelmente, cada individuo acumula antibióticos no organismo, o que fomenta uma pressão seletiva e, consequentemente. o aparecimento de mais e mais bactérias resistentes a antibióticos.

(Créditos das imagens © Kurzgesagt – In a Nutshell)

SOS ambiente

Viagem ao interior do Rio Fervença

Poluição, um dos maiores horrores da industrialização e fruto de comportamentos erráticos e irracionais assim como um perigo eminente para os seres vivos. Este fenómeno consiste no distúrbio do equilíbrio entre ecossistemas com efeitos francamente nefastos ao desenvolvimento da vida e à preservação de espécies em vias de extinção.

Ana Carvalho, João Celeirós, Márcia Fernandes - 12ºA e B

Nesse sentido, no âmbito da disciplina de Biologia e integrada na semana da visita dos alunos do programa Erasmus+, os alunos de 12º ano, turmas A e B, no dia 24 de março, estiveram envolvidos numa atividade de campo ao rio Fervença, promovida pelo Centro de Ciência Viva de Bragança, que dinamiza o projeto Rios. O Projeto Rios é um projeto de educação ambiental que contribui para a implementação de soluções sustentadas para os problemas dos ecossistemas fluviais, visando ainda a tomada de consciência ambiental baseada na participação voluntária e ativa dos cidadãos. Assim, os alunos foram convidados a conhecer e a realizar uma monitorização a um ponto do rio Fervença, perto do Centro de Ciência Viva, de acordo com as ferramentas do Projeto Rios.

A atividade uniu os alunos do projeto de Erasmus + aos alunos de Biologia de 12º A e B permitindo o fortalecimento das ligações entre estes e levando à troca de conhecimentos. Com efeito, através da observação das condições em que o rio Fervença se encontrava sucedeu se a avaliação do mesmo e ao consequente preenchimento de um questionário, específico quanto às características visualizadas, previamente fornecido aos alunos.

Consequentemente, para a realização desta atividade formaram-se grupos, o que permitiu a troca de experiências e conhecimentos científicos, conduzindo indiretamente à aquisição de novos conhecimentos culturais perante a diversidade de nacionalidades. Assim, foram realizadas perguntas consoante o observado, as quais permitiram tirar conclusões quanto ao nível da contaminação da água, de acordo com os resíduos e seres encontrados. Destacam-se algumas das perguntas feitas: "A água do rio tinha odor / qual o seu odor?; O que havia nas margens do rio? ; Qual a cor da água? Que poluentes identificam?

Com efeito, ao longo da atividade, foi sendo feita a avaliação ao curso de água do rio e às suas margens, tendo sido encontrados alguns materiais poluentes nomeadamente sacos e garrafas plásticas, um dos maiores flagelos para a vida, podendo contribuir para a morte de muitos seres vivos que os ingerem, confundindo-os com alimentos, sendo também materiais menos biodegradáveis. Deste modo, este projeto está a ser desenvolvido com o intuito de defender o património desta cidade, cujo rio representa uma marca distintiva e traz em si variadas tradições e atrativos turísticos bem como uma fonte fluvial para a mesma. Por conseguinte, é de necessidade premente a criação de punições aos infratores e de medidas de limpeza dos erros anteriores e que continuam a assolar de forma vil a conservação da beleza paisagística de Bragança e a fauna e flora circunscritas ao rio que a atravessa. Em suma, a poluição constitui um mecanismo de desarranjo ecológico e, consequentemente, a ela subjazem efeitos catastróficos como redução de espécies animais, de plantas que definem as margens e do número de turistas interessados em visitar e dinamizar a cidade transmontana.

Todavia, esta recolha e a sua análise atenta, levaram-nos a tirar conclusões quanto à sua qualidade. Esta avaliação permitiu-nos concluir que a mesma têm aumentado consecutivamente em relação às estatísticas do passado, sendo que apesar de não ser própria para consumo o seu nível de poluição tem diminuído gradualmente, fruto das medidas de despoluição implementadas pelas entidades responsáveis, nomeadamente a Câmara Municipal de Bragança e de uma consciencialização da população face à problemática.

Deste modo, esta atividade visou levar os alunos envolventes a consciencializarem-se da necessidade eminente de protegerem este recurso natural, impedindo a contaminação e transmitirem esta mensagem para lá das barreiras escolares. Assim, a proteção de um dos mais importantes elementos naturais conduz a um desenvolvimento e evolução vegetal e animal, visto tratar-se de um ícone de sobrevivência, procriação e beleza.

Em suma, com esta atividade pretendemos desfrutar, com os alunos visitantes, de uma das zonas mais belas da nossa cidade e simultaneamente partilhar metodologias de ensino direcionadas para a proteção do ambiente e sustentabilidade do planeta. Em conjunto, devemos agir, proteger e conservar a biodiversidade e os seus ambientes, façamos a diferença, em prole da nossa bela cidade, levando-a além fronteira e assegurando a preservação deste recurso à gerações vindouras.







CA Jovens



GREAT É TERES A TUA MESADA SEMPRE À MÃO.*



PUBLICIDADE 05/2017

* *Excelente*

CA
Crédito Agrícola
O Banco nacional
com pronúncia local
Desde 1911